



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
“JÚLIO DE MESQUITA FILHO”
Câmpus de São José do Rio Preto

Nayra Cristina Paiva

Vírgulas em esquema duplo em textos do nono ano do EFII:

Aspectos sintáticos e prosódicos

São José do Rio Preto
2021

Nayra Cristina Paiva

Vírgulas em esquema duplo em textos do nono ano do EFII:

Aspectos sintáticos e prosódicos

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Orientador: Prof^ª. Dr^ª. Luciani Ester Tenani

São José do Rio Preto
2021

P149v Paiva, Nayra Cristina
Vírgulas em esquema duplo em textos do nono ano do EFII :
Aspectos sintáticos e prosódicos / Nayra Cristina Paiva. -- São José
do Rio Preto, 2021
107 f. : il., tabs.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual Paulista (Unesp),
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio
Preto
Orientadora: Luciani Ester Tenani

1. Vírgula. 2. Pontuação. 3. Sintaxe. 4. Prosódia. 5. Língua
Portuguesa. I. Título.

Sistema de geração automática de fichas catalográficas da Unesp. Biblioteca do
Instituto de Biociências Letras e Ciências Exatas, São José do Rio Preto. Dados
fornecidos pelo autor (a).
Essa ficha não pode ser modificada.

Nayra Cristina Paiva

Vírgulas em esquema duplo em textos do nono ano do EFII:

Aspectos sintáticos e prosódicos

Dissertação apresentada como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Estudos Linguísticos, junto ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Câmpus de São José do Rio Preto.

Comissão Examinadora

Prof^a. Dr^a. Luciani Ester Tenani
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto
Orientadora

Prof. Dr. Ronaldo Manguiera Lima Júnior
UFC - Fortaleza

Prof. Dr. Lourenço Chacon Jurado Filho
UNESP – Câmpus de São José do Rio Preto

São José do Rio Preto
25 de março de 2021

Com amor, à minha mãe, pelo companheirismo de vida.

AGRADECIMENTOS

A escrita de um texto acadêmico pode parecer, a princípio, um ato solitário, entretanto, a realização e a concretização deste trabalho somente foi possível graças à convivência com diferentes pessoas que fizeram, desse percurso, um caminho mais leve e prazeroso.

Dentre essas pessoas, inicialmente, faço um agradecimento especial à orientadora e professora Luciani Ester Tenani, pois, sem sua ajuda, este trabalho não seria possível. Agradeço a ela pela paciência, dedicação e ensinamentos ao longo de todo esse tempo; por ter sido não apenas uma excelente e querida orientadora, mas, também, um exemplo de pessoa a ser seguido. Fico imensamente grata pela confiança que sempre depositou em mim e por sempre se preocupar em oferecer a mim uma excelente formação. Tenho, pela Luciani, uma admiração muito grande.

Manifesto, também, o meu agradecimento a professores que participaram e contribuíram significativamente para a realização deste trabalho: ao professor Ronaldo Mangueira Lima Júnior, que tem acompanhado este trabalho desde o debate no XII Selin, com sua leitura atenta e contribuições, principalmente, no que refere à estatística dos dados; agradeço pelo curso de estatística promovido e por sempre se mostrar prestativo e paciente para sanar minhas inúmeras dúvidas; ao professor Lourenço Chacon, pelas contribuições e apontamentos importantes para este trabalho desde quando era apenas um projeto até a qualificação; às professoras Fabiana Cristina Komesu e Flaviane Svartaman por terem aceito prontamente o convite para serem suplentes da minha banca de defesa.

Faço um agradecimento especial à Geovana Soncin, pelo simples fato de, um dia, ainda quando na graduação, haver participado de uma aula de Fonética e Fonologia para mostrar seu trabalho de pós-doutorado; foi, nesse dia, que eu me encantei com a possibilidade de estudar sobre vírgulas. Obrigada, Geovana, pelo exemplo de pesquisadora e pessoa que você é e por sempre me dar a oportunidade de aprender um pouco mais com você.

Estendo meus agradecimentos a demais amigos que a pós-graduação me proporcionou e que compartilharam comigo esse percurso do mestrado: à Roberta, por, em pouco tempo, ter se tornado tão próxima e se mostrado muito amiga, sempre pronta a ajudar, com sábios conselhos e, também, pela paciência comigo, nos últimos meses, ao me ouvir falar da estatística dos dados, por compartilhar comigo os conhecimentos que já tinha e por procurar ajudar da melhor forma; à Tainan, por sempre se mostrar tão prestativa, por me ensinar um pouco mais sobre vírgulas e por dizer as palavras certas quando precisei de incentivo; à Lilian, pela pessoa responsável,

amiga e cuidadosa que sempre é; à Tamires, pelo seu alto astral e energia que tornavam os dias mais leves; à Flávia, por dividir comigo a experiência do mestrado, as angústias e aprendermos juntas sobre a vida acadêmica; à Letícia, pela amizade, palavras de conforto e pelo incentivo ao longo desse tempo; à Ana Luíza, por ter sido tão amiga e companheira e à Aline Rodrigues, pela amizade que construímos, pela gentileza em pessoa e por todo o carinho e apoio demonstrado para comigo durante esse tempo.

Agradeço, também, em especial, à minha querida amiga Victória Moreira, por ter participado tão de perto da realização deste trabalho e por sempre me incentivar a continuar, a dar o meu melhor e a enxergar que eu era capaz. Victória foi um presente que Deus me deu, desde a graduação, e que tenho a alegria e o prazer de ter por perto em minha vida; à Beatriz Martinez, também um presente em minha vida, que não participou tão de perto deste trabalho, mas que sempre esteve presente, torcendo por mim, desejando o melhor e alegrando os meus dias com a leveza da sua amizade; à Jaislan Lucatto, pela amizade, pelo carinho e pelos alegres momentos que dividimos desde a graduação.

Agradeço as demais amigas de graduação Ana Maria Moraes, Beatriz Nogueira, Jéssica Castellan, Malu Apostolo, Maria Alice Carvalho e Layane Relvas, pela amizade que construímos, por fazerem parte de um momento tão importante em minha vida e por tê-lo tornado mais alegre. E, também, às amigas que a vida me deu Fernanda Tomazelli, Julia Mantovani, Abinara Rebonatti, Eligiani Lisboa, Jéssica Martins e Jéssica Neves, pelo apoio e pelos momentos que dividimos juntas.

Meu muito obrigada a minha amada mãe; pelo exemplo que sempre foi, pela garra, luta, vontade de vencer e pelos sábios conselhos e ensinamentos que me deu ao longo da vida. É uma honra ser sua filha e partilhar a vida com você; é em você que encontro forças para seguir em frente.

Estendo meus agradecimentos a minha família, parte fundamental em minha vida: à minha tia Vera; pelo amor, cuidado e carinho de mãe que sempre teve para comigo e, também, por sempre me apoiar; ao meu primo Pedro; pelo exemplo de pessoa e profissional que é, por sempre estar ao meu lado e por haver me mostrado que o sonho da Universidade Pública era possível; aos meus queridos Paulo e Izabel; pelos laços que temos e por terem me presenteado com a Helena e à minha prima Elaine; pela alegria de tê-la como uma irmã do coração.

Agradeço, maiormente, à Deus, pela vida e por tudo que tem feito por mim até o presente momento.

RESUMO

Esta dissertação teve por objetivo descrever e analisar os usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema duplo, quando há o emprego da vírgula tanto na fronteira direita quanto na fronteira esquerda da estrutura sintática mobilizada. Para a realização desta pesquisa, selecionamos textos argumentativos do Banco de Dados de Produções Escritas do Ensino Fundamental II, produzidos por alunos de 13-14 anos. A descrição e análise dos dados foram feitas a partir da identificação da estrutura sintática passível de ser delimitada por vírgulas, com base em gramáticas de referências. Em seguida, foram identificadas as fronteiras prosódicas das estruturas. Para fundamentar esta etapa da pesquisa, nos respaldamos no modelo *relation-based* da Fonologia Prosódica. Assumimos a premissa de que as fronteiras de constituintes prosódicos são relevantes para caracterizar as presenças e ausências da vírgula em esquema duplo. Duas estruturas sintáticas se mostraram relevantes para os usos e não usos da vírgula em esquema duplo: estruturas deslocadas e encaixadas. A partir da identificação das estruturas sintáticas, identificamos características comuns a esses usos da vírgula em esquema duplo em textos argumentativos. No que se refere às estruturas sintáticas: (i) as deslocadas são as mais recorrentes nos textos dos alunos, mas, também, se revelou a mais problemática, pois há maior ausência das vírgulas do que em encaixadas; (ii) o uso convencional tende a ser 3 vezes mais recorrente em estruturas encaixadas do que em deslocadas; (iii) as estruturas sintáticas deslocadas são as mais significativas para os usos não convencional e ausências não convencional. No que se refere às estruturas prosódicas: (i) a estrutura prosódica, assim como a estrutura sintática, interfere nos usos da vírgula em esquema duplo; (ii) quando há coincidência da fronteira de frase entoacional com as fronteiras prosódicas há mais usos convencionais; (iii) ausência de fronteira de I levou à ausência de vírgulas nas fronteiras sintáticas onde vírgulas estão previstas e (iv) os resultados estatísticos amparam efeito positivo de uso da vírgula quando for relativamente mais longa a extensão da estrutura sintática.

PALAVRAS-CHAVE: Vírgula; Pontuação; Sintaxe; Prosódia, Língua Portuguesa

ABSTRACT

This work aimed to describe and to analyze formal and non-formal, the called “hits” and “mistakes”, uses of commas in double scheme when there is comma both to right boundary to left boundary of the syntactic structure mobilized. To the achievement of this research, we selected argumentative texts, from the Banco de Dados de Produções Escritas do Ensino Fundamental II (hereinafter EFII), produced from students of 13-14 years old. The description and analyses of the data were made from the identification of the syntactic structure susceptible to be delimited by commas, according to reference grammars. the proposal of this research based on syntactic-phonology interface, grammatical constituents, that establish through the configuration of prosodic constituents. Thereafter, have been identified the prosodic boundaries of these structures. To base this step of the research, we assumed the relation-based model from the Prosodic Phonology. We assume the premise that the boundaries of prosodic constituents are relevant to characterize the presence and the the absence of the commas in double scheme. According to the achieved results, two syntactic structures reveals more relevant for the uses and non-uses of commas in double scheme: dislocated and seated structures. Stem from the identification of the syntactic structure, we identified common characteristics to these uses of comamas in double scheme in argumentative texts. With respect to the syntactic structure: (i) the dislocated are more frequent in the texts of the students, but, also revealed the more conflictive, since there is more absence of comma than in the seated structures; (ii) the formal use tend to be three more often frequent in seated structures than in dislocated structures; (iii) the dislocated syntactic structures are more relevant to the non formal uses and non formal uses of absence. With respect to the prosodic structure: (i) the prosodic structure, as well as the syntactic structure, interfere in the uses of comma in double scheme; (ii) when there is coincidence of the intonational phrase boundary with the prosodic boundaries there are more formal uses; (iii) the absence of boundary of I took to the absence of comma in the syntactic boundaries where commas are expected and (iv) the statistical results sustained positive effect of the uses of commas when are relatively longer he extension of the syntactic structure.

KEYWORDS: *Comma. Punctuation. Syntax. Prosody. Brazilian Portuguese.*

LISTA DE FIGURAS E GRÁFICOS

Figura 1. Domínios prosódicos do modelo de Fonologia Prosódica (BISOL, 199, p.230)	29
Figura 2. Exemplo de ausência não convencional da vírgula em esquema duplo em contexto em contexto sintático de deslocamento	39
Figura 3. Exemplo de uso não convencional da vírgula em esquema duplo em contexto sintático de encaixamento	40
Figura 4. Fonte: Texto Z08_8A_12F_05	43
Figura 5. Fonte Texto Z08_8C_24M_05	44
Figura 6. Fonte: Texto Z08_8A_01F_02	45
Figura 7. Fonte: Texto Z08_8A_33M_05	47
Figura 8. Uso convencional da vírgula em fronteira de frase entoacional (I)	48
Figura 9. Uso não convencional da vírgula em fronteira de frase entoacional (I)	48
Figura 10. Uso não convencional da vírgula em fronteira de frase entoacional.	49
Figura 11. Ausência não convencional da vírgula em fronteira de estrutura encaixada	51
Figura 12. Fonte: Texto Z08_8B_20F_05	54
Figura 13. Fonte: Texto Z08_8A_18F_02	56
Figura 14. Fonte: Texto Z08_8C_02F_02	60
Figura 15. Presença convencional das vírgulas em ambas as fronteiras de deslocamento	68
Figura 16. Ausência não convencional das vírgulas em ambas as fronteiras de deslocamento	69
Figura 17. Ausência não convencional da vírgula em fronteira esquerda de deslocamento	69
Figura 18. Ausência não convencional da vírgula em fronteira direita de deslocamento	69
Figura 19. Presença convencional das vírgulas em ambas fronteiras de encaixamento	69

Figura 20. Ausência não convencional das vírgulas em ambas fronteiras de encaixamento.	69
Figura 21. Ausência não convencional da vírgula em fronteira esquerda de encaixamento.	70
Figura 22. Ausência não convencional da vírgula em fronteira direita de encaixamento.	70
Figura 23. Tipologias de uso da vírgula em esquema duplo em relação às fronteiras prosódicas	75
Figura 24. Intervalo de confiança e valor-p para verificar associação entre os tipos do uso convencional da vírgula em esquema duplo e a estrutura sintática e prosódica em concomitância	78
Figura 25. Modelo de Regressão Logística Multinomial para verificar associação entre as tipologias de uso da vírgula em esquema duplo, a estrutura prosódica, a estrutura sintática e a extensão das estruturas	87
Figura 26. Uso convencional da vírgula em esquema duplo em estrutura sintática longa.	90
Figura 27. Exemplo de uso convencional de vírgula em esquema duplo em fronteira de encaixamento	90
Figura 28. Exemplo de uso convencional de vírgula em esquema duplo em fronteira de aposto	91
Figura 29. Exemplo de ausência não convencional da vírgula em esquema duplo em estruturas deslocadas	91
Figura 30. Exemplo de uso não convencional da vírgula em esquema duplo em fronteira de encaixamento	93
Figura 31. Exemplo de uso não convencional da vírgula em fronteira e não fronteira de I	94
Figura 32. Exemplo de uso não convencional da vírgula em fronteira de I e fronteira distinta de I	95
Gráfico 1. Vírgulas em fronteiras sintáticas do esquema duplo	63
Gráfico 2. Distribuição percentual de vírgulas em função do tipo de fronteira em esquema duplo.....	65

LISTA DE TABELAS

Tabela 1. Usos e não usos de vírgula em esquema duplo	62
Tabela 2. Vírgulas e tipos de estruturas sintáticas	62
Tabela 3. Tipos de ocorrências de vírgula em fronteiras sintáticas de esquema duplo	64
Tabela 4. Resultado da regressão logística para verificar associação entre os tipos de usos de vírgulas e estruturas sintáticas	66
Tabela 5. Modelo de regressão logística multinomial para verificar associação entre as tipologias de uso da vírgula em esquema duplo e a estrutura sintática	67
Tabela 6. Vírgulas e tipos de estruturas prosódicas	72
Tabela 7. Tipos de ocorrências de vírgula em fronteiras prosódicas	73
Tabela 8. Modelo de regressão logística para verificar associação entre o uso não convencional da vírgula em esquema duplo e a estrutura prosódica	74
Tabela 9. Modelo de Regressão Logística Multinomial para verificar associação entre as tipologias de uso da vírgula em esquema duplo e a estrutura prosódica	76
Tabela 10. Modelo de Regressão Logística para verificar associação entre tipos de usos e a estrutura sintática e prosódica em concomitância	77
Tabela 11. Tipos de ocorrências de vírgula e extensão das estruturas	85
Tabela 12. Extensão de estruturas e uso convencional da vírgula	86
Tabela 13. Extensão de estruturas e uso não convencional da vírgula	86
Tabela 14. Tipologia de ocorrências de vírgula e reestruturação de fronteira de I	88

LISTA DE QUADROS

Quadro 1. Conteúdo programático previsto para o 9º ano do EF.....	36
Quadro 2. Número de textos por proposta	38
Quadro 3. Número de textos por sujeito	38
Quadro 4. Classificação de dados em comparação com as normas gramaticais	39
Quadro 5. Critério de classificação de dados	42

SUMÁRIO

1. APRESENTAÇÃO	13
2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	17
2.1 A vírgula e suas diversas perspectivas de análise	17
2.2 A vírgula nos textos do Ensino Fundamental	20
2.3 Vírgula como erro de pontuação ou como pistas de fronteiras prosódicas?.....	23
2.4 Abordagens da prosódia.....	27
3. MATERIAL DE ANÁLISE E DECISÕES METODOLÓGICAS	34
3.1 Descrição do Banco de dados	34
3.2 Caracterização do gênero dos textos analisados	35
3.3 Caracterização e delimitação do material e do objeto de análise.....	37
3.4 Decisões metodológicas	44
4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE USOS DE VÍRGULAS	53
4.1 Um olhar analítico para a complexidade sintática e prosódica dos dados	53
4.2 Descrição e análise de estruturas sintáticas	61
4.3 Descrição e análise de estruturas prosódicas	71
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	97
REFERÊNCIAS	100
ANEXO A <u>Propostas de redação do 9º ano do EFII – Proposta Textual 2</u>	104
ANEXO B <u>Proposta textual 5</u>	105

1. APRESENTAÇÃO

É comum encontrarmos, em consonância à visão da gramática normativa, manuais/textos em que o objetivo é sistematizar regras para um suposto correto uso da vírgula visando, assim, prescrever esse emprego e caracterizá-lo, levando em conta apenas as estruturas sintáticas. Tal fato pode ser compreendido quando encontramos, nesses manuais, dizeres como “o guia definitivo para o uso da vírgula”, “regras de uso da vírgula”, “aprenda a usar a vírgula com 4 regras simples”, “aprenda a usar esse sinal gráfico”, etc. Os sinais de pontuação mantêm relação mais forte com a sintaxe, como aponta Chacon (1998), e, por isso, detém tamanho prestígio na nossa sociedade a prescrição do uso da vírgula a partir de estruturas sintáticas.

Nessas abordagens comuns sobre usos da vírgula, em particular, e dos demais sinais de pontuação, de modo amplo, há também uma relação simplificada com a fala. A relação entre fala e escrita fica restrita à oposição entre o fônico e o gráfico: a pausa, de natureza fônica, é representada, na escrita, de natureza gráfica, por meio do sinal gráfico. Nessa visão, os sinais de pontuação, em especial a vírgula, são apenas sinais gráficos empregados na escrita, conforme regras gramaticais, com a função de orientar a leitura, garantindo a legibilidade do texto. Nesta dissertação, outra visão sobre pontuação, e vírgula em particular, será adotada, como demonstrado no primeiro capítulo.

Para tratarmos do emprego da vírgula nesta dissertação, descreveremos os fatores linguísticos que afetam os usos e não usos desse sinal de pontuação, assumindo uma perspectiva que enxerga a relação entre fala e escrita de modo mais complexo, não apenas uma relação de interferência do fônico no gráfico. Adotamos uma concepção de escrita que é constituída pela heterogeneidade das práticas orais e letradas, tal como é defendida por Corrêa (2004). Ao assumir essa abordagem da escrita, assumimos, com Corrêa (2004), outro modo de como se conceber os sinais de pontuação. Esses sinais gráficos, dentre eles a vírgula, são interpretados como marcas da heterogeneidade constitutiva da escrita nesta pesquisa.

Nesta dissertação, buscamos responder às seguintes perguntas de pesquisa: (i) quais são as regularidades e tendências dos usos de vírgula em esquema duplo em textos do EFII? (ii) a colocação de vírgulas em esquema duplo está relacionada a quais características sintáticas e prosódicas das fronteiras do enunciado? Consonante às perguntas de pesquisa, temos como objetivo principal identificar e descrever os usos da vírgula em esquema duplo em textos argumentativos de alunos de 13-14 anos, à época da coleta, que cursavam o nono ano do Ensino Fundamental II. Serão analisadas as estruturas sintáticas recorrentes nos textos que possam indicar regularidades quanto aos usos da vírgula (presença convencional e não convencional) e

ausências não convencionais de vírgulas que sejam características comuns aos textos desse ano letivo. Ademais, procura-se relacionar essas estruturas sintáticas a estruturas prosódicas, particularmente buscando por possíveis relações entre fronteiras sintáticas, onde vírgulas deveriam ser registradas, e prosódicas, onde características fonológicas se identificam. A partir dessa descrição sintática e fundamentadas em algoritmos de formação de constituintes prosódicos, serão feitas análises de potenciais relações entre fronteiras sintáticas e prosódicas relevantes para caracterizar as presenças e as ausências de vírgulas nos textos analisados. Neste estudo, descreveremos regularidades quanto às presenças (convencional e não convencional) e ausências (não convencionais) desse sinal de pontuação, tendo como fator de análise as estruturas sintáticas em que vírgulas deveriam ser empregadas.

O objetivo geral desta pesquisa se desdobra nos seguintes objetivos específicos:

- (i) Identificar tendências de usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema duplo, a partir do levantamento das estruturas sintáticas em que seu emprego é possível;
- (ii) Identificar quais fronteiras sintáticas e quais fronteiras prosódicas são relevantes para caracterizar os usos e os não usos de vírgulas em esquema duplo.

Na literatura, encontramos alguns diferentes pontos de vista para tratar a vírgula, enquanto objeto de estudo, que podem ser representados na tradição autonomista, em que fala e escrita são vistas como sistemas autônomos, e na tradição fonocentrista, em que a escrita seria uma representação fiel da fala, como veremos mais adiante, no Capítulo 1, a partir de Soncin (2014). Em trabalhos como os inseridos na tradição autonomista, a pontuação é tida como pertencente à escrita, não mantendo, assim, nenhuma relação com o fônico. Já em trabalhos como os inseridos na tradição fonocentrista, a pontuação é tida como sinal gráfico que, na escrita, são empregados para orientar a leitura, pois, indicam pausa.

Esta abordagem das vírgulas se distancia desses estudos que buscam na materialidade fônica dos enunciados, notadamente na realização dos elementos prosódicos pausa e entoação, motivação para a presença ou a ausência do sinal gráfico na escrita. Também nos afastamos dessa outra abordagem que toma exclusivamente as estruturas sintáticas como bases para caracterização, e prescrição, dos usos de vírgulas. Nos distanciamos dessas abordagens, na medida em que, ao restringir o estudo da pontuação ora sob um ponto de vista somente sintático ora somente prosódico, exclui-se propriedades que são constitutivas da vírgula enquanto objeto linguístico. Dessa forma, a instabilidade e a complexidade da vírgula é posta de lado, o que acaba por contribuir para uma visão mais simplificada do objeto.

Alternativamente, esta proposta promove uma visão que parte da estrutura sintática dos enunciados escritos para estabelecer relação com a organização prosódica dos enunciados. Desse modo, a polaridade entre as abordagens sobre a vírgula (uma vinculada a características prosódicas da fala e outra à organização sintática da escrita) cai por terra com a vantagem de articular características sintáticas e prosódicas dos enunciados aos usos da vírgula, seja quando presente, seja quando ausente esse sinal nos textos escritos. Partimos dessa proposta, tendo em vista o objetivo de tentar lidar com uma instabilidade que é própria do objeto linguístico, a fim de, também, problematizá-lo. Por isso, este trabalho não é uma junção dessas duas abordagens mencionadas acima, pois, não consideramos os usos e não usos da vírgula como marcas estritas da oralidade na escrita e, também, não simplificamos a visão do objeto linguístico, considerando apenas seu funcionamento sintático. Na medida em que adotamos, nesta pesquisa, uma escrita constituída por sua heterogeneidade (CORRÊA, 2004), também defendemos a heterogeneidade da pontuação, em geral, e da vírgula, em particular. Sendo assim, a sintaxe e a prosódia são consideradas como dimensões da linguagem que atuam em concomitância, mostrando, assim, o quão instável e complexo é o objeto de estudo desta pesquisa.

Para a realização desta pesquisa, foi selecionada uma amostra de 205 textos do Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II (TENANI, 2015), produzidos por alunos de 13-14 anos, em 2008, que cursavam, à época, a oitava série (hoje, 9º ano) do EF. Esses textos foram feitos a partir de duas propostas (uma no primeiro e outra no segundo semestre letivo) sobre dois diferentes temas, a saber: “Internacionalização da Amazônia” e “Destruição do Planeta Terra”. Ambas as propostas solicitaram dos alunos o mesmo gênero textual, o artigo de opinião, um dos tópicos do conteúdo pedagógico para aquele ano letivo, como previsto na Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008). A investigação sob uma perspectiva linguística desses usos da vírgula, como a que ora propomos, torna visíveis as flutuações do ato de pontuar do aluno entre o atendimento ou não atendimento às normas vigentes da pontuação, permitindo observar hipóteses (conflitantes, por vezes) que se constroem ao longo dos anos letivos.

No que concerne ao desenvolvimento desta pesquisa, adotamos procedimentos quantitativos e qualitativos de análise a fim de obter respostas aos objetivos estabelecidos. Para a análise de viés quantitativo, adotamos a *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 1999), a fim de levantar e classificar os usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema duplo. Já para a análise de viés qualitativo, nos ancoramos no modelo da Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986) e, também, em demais trabalhos como os de Tenani (2002), Fernandes (2007) e Serra (2009) que versam sobre a prosódia do Português Brasileiro (PB).

Este estudo organiza-se em quatro capítulos a serem sintetizados a seguir, a fim de fornecer um panorama da organização que adotamos para a realização deste trabalho. No Capítulo 1, tratamos das noções teóricas mobilizadas para a fundamentação deste trabalho. Exploramos, nesse capítulo, um panorama histórico acerca da origem e das múltiplas funções da pontuação a fim de apontar a complexidade do objeto linguístico desta pesquisa. Discutimos os usos da vírgula em textos do ensino fundamental II, a partir de trabalhos realizados na área (ARAÚJO-CHIUCHI, 2012; SONCIN, 2014 e CARVALHO, 2019) e adotamos as noções da heterogeneidade da escrita (CORRÊA, 2004) e da multidimensionalidade da linguagem (CHACON, 1998) para pensarmos os usos e não usos da vírgula em esquema duplo e sua relação com a escrita. Além disso, em seguida, para estabelecer relação entre as fronteiras sintáticas da vírgula em esquema duplo e fronteiras de constituintes prosódicos, ou seja, relação entre pontuação e prosódica, adotamos assunções do arcabouço teórica da Fonologia Prosódica (NESPOR e VOGEL, 1986).

No Capítulo 2, logo em seguida, caracterizamos o banco de dados do qual extraímos a amostra de textos, o Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II. Neste capítulo, também caracterizamos o gênero dos textos analisados, a fim de explicitar os critérios de seleção adotados para a delimitação o material de análise desta pesquisa. Em seguida, caracterizamos o material de análise e o objeto de pesquisa e elencamos os critérios usados para a classificação dos dados. Por fim, apresentamos as decisões metodológicas que foram adotadas ao longo da pesquisa para que pudéssemos identificar e classificar os dados de virgula em esquema duplo em relação às fronteiras sintáticas e, também, em relação às fronteiras prosódicas.

No Capítulo 3, apresentamos a análise linguística dos dados. Procuramos demonstrar, por meio de análise de textos selecionados da amostra, a complexidade envolvida no emprego da vírgula em esquema duplo. Em seguida, analisamos sintaticamente os usos e não usos da vírgula em esquema duplo, a fim de apontar tendências e regularidades quanto ao seu uso. Analisamos, também, esses usos e não usos do ponto de vista prosódico, a fim de estabelecer relação entre as fronteiras sintáticas de uso da vírgula em esquema duplo e as fronteiras de constituintes prosódicos, buscando apontar tendências e regularidades.

Por fim, no Capítulo 4, retomamos aspectos relevantes debatidos ao longo deste trabalho. Em seguida, apresentamos as referências bibliográficas e, logo após, em Anexos, apresentamos as propostas de redação que nortearam os alunos a desenvolverem os textos que foram selecionados para a amostra desta pesquisa.

2. FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, nos dedicamos a apresentar e discutir os aspectos relacionados à vírgula enquanto objeto linguístico de investigação desde uma perspectiva linguística de análise. Em 2.1, buscamos explicitar diferentes perspectivas de análise dos usos da vírgula, a partir de um breve panorama histórico em que se mostram a dimensão sintática e fônica da linguagem relacionadas ao emprego da vírgula. Em 2.2, buscamos apontar e explicitar trabalhos em que a vírgula em textos do Ensino Fundamental II também foi tomada como objeto linguístico de análise. Em 2.3, buscamos explicitar a visão dos usos da vírgula em esquema duplo como pistas de fronteiras prosódicas; para isso, destacamos a noção de escrita adotada (CORRÊA, 2004) e a assunção da multidimensionalidade da linguagem (CHACON, 1998) para pensarmos as dimensões envolvidas no emprego de vírgula em esquema duplo. Por fim, em 2.4, apresentamos as duas abordagens possíveis para o estudo da prosódia, a perspectiva fonética e a perspectiva fonológica e, destacamos o modelo teórico da Fonologia Prosódica, tendo em vista que adotamos uma abordagem fonológica da prosódia neste trabalho, a fim de estabelecer a relação entre sintaxe e fonologia nos usos da vírgula em esquema duplo.

2.1 A vírgula e suas diversas perspectivas de análise

A pontuação, de modo geral, segundo Dahlet (1995), pode atuar tanto no âmbito da palavra quanto da frase e do texto. No que concerne à vírgula como sinal de pontuação a ser investigado nesta pesquisa, essa tem funcionamento tanto no nível da frase quanto do texto. No que se refere à pontuação no nível da frase “são empregados na unidade frasal” (1995, p. 33). Já no que se refere à pontuação ao nível do texto, “ela remete ao conjunto de brancos que dão forma ao texto, sendo então a alínea de menor extensão” (DAHLET, 1995, p. 33). Essa é uma concepção da pontuação mais abrangente do que aquela encontrada nas gramáticas de referência, como as que embasam livros didáticos, por exemplo. Acrescenta-se que a pontuação tem estatuto problemático e, segundo a mesma autora, isso se deve ao fato de que são múltiplas sua função e sua origem.

A vírgula, segundo Dahlet (2006, p.143), é o sinal de pontuação mais complexo, pois, é o único sinal que funciona tanto em esquema duplo quanto em esquema simples, além de ser o único capaz de atuar simultaneamente em duas amplitudes e ser o sinal sintático por excelência, ou seja, o mais construtor na sintaxe. Por esquema duplo, a autora entende estruturas como a exemplificada em (1), em que duas vírgulas são empregadas; por esquema simples, a autora define empregos como o exemplificado em (2).

1. Um estudo realizado a pedido do secretário-geral da Organização das nações unidas, Kofi Annan, alerta (Z08_8C_03F_05).
2. Em primeiro lugar, podemos colocar as atitudes diante dos lixos (Z08_8C_01F_05).

A vírgula em esquema duplo, em específico, é definida pela autora a partir do conceito de hierarquização de partes do enunciado, como exemplificado anteriormente em (1), o que a difere do esquema simples, definindo-o a partir do conceito de segmentação do enunciado, como exemplificado anteriormente em (2).

Tendo em vista o estatuto problemático da vírgula, consideremos um breve panorama histórico para que pensemos suas origens e funções e, assim, suas flutuações ao longo do tempo. Rocha (1997), ao tratar do sistema da pontuação na escrita ocidental, aponta que o desenvolvimento da pontuação se deu de uma forma mais tardia e juntamente à evolução da escrita ao longo do tempo. Nesse âmbito, a pontuação já foi subordinada à leitura em voz alta e, por conseguinte, à respiração, uma vez que, nos primórdios da Antiguidade Clássica, seu uso remetia aos textos sagrados que eram feitos para serem lidos oralmente, tendo em vista que, nessa época, a escrita era considerada apenas como um registro fiel da fala. Ademais, na história dos usos da vírgula, também há registros da relação do sinal de pontuação ao estilo de escrita dos homens das letras, mais especificamente, dos gregos, quando decidiram que o alfabeto não comportaria os sinais de pontuação, para que esses passassem a ser utilizados pelos leitores/oradores no momento da leitura, evitando, assim, ambiguidades na interpretação dos textos. Foi apenas no século XVIII que se passou a atrelar a pontuação não apenas questões de ordem respiratória, mas também de ordem semântica e, depois, com o surgimento da Imprensa, passou-se a dar início à disseminação da pontuação

Momento crucial para a pontuação, a partir de Dahlet (1995), foi o século XIX, pois foi quando a leitura em voz alta cedeu lugar à leitura silenciosa. Essa mudança se explica, segundo Dahlet (1995), “principalmente pela evolução sociológica do impresso de que aumenta cada vez mais o interstício entre o momento da redação e o da leitura” (1995, p.338). A partir desse momento, o meio acadêmico contribuiu significativamente para que o ato de pontuar passasse a ser pautado pelas gramáticas, o que contribuiu para uma homogeneização da pontuação. Portanto, os usos relacionados ao estilo do escritor passam a ser previstos por regras gramaticais, que visam garantir a legibilidade do texto ordinário ou não literário. Todo esse percurso histórico pela origem da pontuação reflete a plurifuncionalidade da pontuação. Muito dessa plurifuncionalidade dos sinais de pontuação e, particularmente da vírgula, está ainda ligada a essa história de usos, mas, ainda, é fortemente orientada à função de facilitar a leitura, a sua função de legibilidade. Entretanto, Dahlet (1995) afirma que conceber a pontuação, em

específico, como ligada somente à função de legibilidade não é satisfatório; é preciso que seja vista de uma perspectiva discursiva, ou seja, deve ser entendida como ato enunciativo a fim de assegurar a compreensão de usos efetivos. Segundo a autora, o ato de pontuar está ligado à construção de sentidos dos enunciados e, por isso, é inerente ao ato de enunciar além disso, é nesse processo que o enunciador se coloca em jogo (Dahlet, 1995, p.339). Nesse sentido, para Dahlet (1995), fazer o papel de enunciador no processo de construção de sentido do texto ao pontuar é assumir riscos.

Ainda é válido destacar que, para a autora, texto também é produtividade, no qual a enunciação se manifesta por processos como a pontuação que “[...] instaura também um ritmo pelo qual o scriptor sujeito de enunciação aflora à superfície do texto [...]” (DAHLET, 1995, p.340).

Nesse âmbito, no que se refere à constituição do sistema de pontuação, Soncin (2014), a partir de Dahlet (2006), classifica duas grandes tendências: a tradição fonocentrista e a tradição autonomista, que se confrontam no que se refere à relação entre gráfico e sonoro, ou seja, entre fala e escrita. Ainda segundo a autora, essas tendências se contrapõem, mais especificamente, ao tratamento dado à prosódia. Passamos a breves considerações acerca das duas tendências (SONCIN, 2014, p.25).

Atribuir à pontuação o papel de orientar a leitura, no período em que a pontuação era tida como subordinada à leitura em voz alta, relaciona-se à tradição fonocentrista; nessa perspectiva, a escrita é vista como um reflexo da fala, dessa forma, pode-se concluir que há uma relação direta com aspectos prosódicos. Nesse sentido, os sinais de pontuação sinalizam, na escrita, variações entoacionais e acentuais relacionadas à prosódia. Com o início do século XIX, marca-se um período em que o modo de leitura muda; já não se prioriza mais a leitura em voz alta, mas sim a silenciosa. Essa mudança se explica “[...] por uma melhor formação dos leitores cada vez mais numerosos, mas principalmente pela evolução sociológica do impresso [...]” (DAHLET, 1995, p. 338), período do surgimento da Imprensa Francesa.

Por conseguinte, é justamente esse período que marca o surgimento da tradição autonomista da pontuação. Nessa visão, considera-se tanto a fala quanto a escrita como sistemas autônomos; dessa forma, passa-se, então, a considerar a relação entre fala e escrita como dicotômica, na medida em que, para a tradição autonomista, a escrita não faz qualquer menção à fala. Esse breve panorama histórico da pontuação demonstra, assim como observado anteriormente por Carvalho (2019), a complexidade e a instabilidade do sistema de pontuação.

Soncin (2014), ao longo de seu trabalho, analisa as duas tradições aqui elencadas e as critica, na medida em que mostram, para a autora, fragilidades quanto à investigação dos sinais

de pontuação, em especial, a vírgula. Nesse âmbito, vale ressaltar aspectos concernentes a essas tradições que, assim como para Soncin (2014), fazem-nos distanciarmos dessas visões. No que concerne à tradição fonocentrista, a problemática está no fato de atribuir à pontuação apenas à função fisiológica, orientando, apenas, a leitura. Assumir essa abordagem é assumir que a relação entre a fala e escrita se estabelece de forma direta, espelhada. Já em relação à tradição autonomista, apesar de não atestar uma relação direta entre fala e escrita, nessa visão, adota-se o caráter homogêneo da escrita; dessa forma, depreende-se que, para a tradição autonomista, a escrita é o lugar onde se dá a sistematicidade e a fala é onde se estabelece o caos, aquilo que é irregular. Ademais, a autora afirma: “[...] vejo em todas as perspectivas apontadas [...] uma lacuna teórica que consiste na rejeição de que a prosódia é um componente do sistema linguístico e, portanto, que se faz presente em todo e qualquer uso da língua [...]” (SONCIN, 2014, p.38).

Dessa forma, assim como em Araújo (2012), Soncin (2014) e Carvalho (2019), partimos do pressuposto de que a relação entre pontuação e fonologia é de representação simbólica, o que implica certa concepção da relação entre fala e escrita para abordar e conceber a pontuação, de modo amplo, e a vírgula, de modo particular.

2.2 A vírgula nos textos do Ensino Fundamental

Nesta subseção, destacamos trabalhos como de Araújo-Chiuchi (2012), Soncin (2014), Soncin e Rodrigues (2018) e Carvalho (2019) que se aproximam por adotarem a vírgula como objeto linguístico de investigação, em textos de alunos do Ensino Fundamental II.

Em estudos desenvolvidos por Araújo-Chiuchi (2012), a autora procurou analisar empregos da vírgula em esquema simples em textos de tipologia narrativa no sexto ano do EFII. Neste trabalho, a autora priorizou analisar os usos não convencionais da vírgula desses alunos, o que lhe permitiu concluir que, em geral, o emprego não convencional da vírgula coincide com fronteiras de domínios prosódicos, a saber: fronteiras de frase fonológica ϕ , fronteiras de frase entoacional I e fronteiras de enunciado fonológico U , além de demonstrarem a circulação do escrevente por práticas orais/falada e letradas/escrita.

Em estudos desenvolvidos por Soncin (2008, 2014), a autora procurou discutir a complexidade linguístico-discursiva do emprego de vírgulas e mostrar como esse emprego representa a organização prosódica da enunciação escrita. Assim, analisando os empregos convencionais e não convencionais da vírgula em textos do EF, a autora demonstrou que esses empregos estão motivados fortemente pela organização prosódica da língua:

“independentemente do modo como se emprega a vírgula, seja não convencionalmente pela presença ou pela ausência, seja convencionalmente pela presença, o uso desse sinal delimita unidades prosódicas que compõem significativa e formalmente a escrita” (2014, p.150). Nesse trabalho, são feitas descrições que caracterizam o papel estruturador da organização prosódica (de natureza fonológica) para a colocação de vírgulas. Ademais, com base nos resultados obtidos a partir do funcionamento da vírgula, Soncin (2014) pôde afirmar que a prosódia e a enunciação se constituem mutuamente formando, assim, uma dimensão mais complexa da linguagem que organizaria as demais dimensões, a saber: a sintática e a textual.

No que concerne ao funcionamento da vírgula em esquema duplo, esta dissertação também se ancora em Soncin e Rodrigues (2018), ao estudarem o emprego de vírgulas em esquema duplo em textos de quatro gêneros textuais diferentes produzidos por alunos pertencentes ao 8º e 9º do EFII. Neste trabalho, as autoras procuraram identificar relações entre as tipologias de uso de vírgula em esquema duplo, as estruturas sintáticas em que é possível haver o uso em esquema duplo e, também, os gêneros discursivos. A partir dos resultados obtidos, as autoras conseguiram apontar tendências para o uso das vírgulas em esquema duplo, a saber: em geral, a ausência das vírgulas nas duas fronteiras sintáticas quando a estrutura é elemento extra oracional e conjunção intercalada; já em orações intercaladas e orações adjetivas, a tendência é empregar as vírgulas convencionalmente e, por fim, as estruturas adverbiais tendem a não serem sinalizadas pelas duplas vírgulas. Além disso, com relação aos diferentes gêneros discursivos, pode-se observar que os gêneros em questão mobilizam e condicionam os usos de estruturas adverbiais nos textos do EFII.

No que diz respeito ao funcionamento sintático e prosódico associado ao emprego da vírgula, tomamos por base o estudo desenvolvido por Carvalho (2019), que descreve e analisa longitudinalmente textos do EFII. A autora aponta tendências e regularidades quanto aos usos da vírgula nesses textos, levando em consideração variáveis como ano letivo, tipo de estrutura sintática e tipo de emprego da vírgula que permitiram visualizar que, quanto mais ao final do EFII, mais os resultados sobre emprego da vírgula se modificam. Sendo assim, esse estudo permitiu confirmar a expectativa de que quanto mais anos letivos, mais empregos da vírgula, mas apenas pequena parte desses empregos passa de não convencionais a convencionais. Essa pequena parte refere-se aos usos da vírgula em estruturas de enumeração e de coordenação de sentenças. Os usos não convencionais para esses tipos de estrutura são maiores nos anos iniciais e, nos anos finais, esses usos diminuem, aumentando os usos convencionais nas estruturas em questão. No entanto, um grande conjunto de usos não convencionais da vírgula foi observado quando estruturas sintáticas demandam vírgulas em esquema duplo. Carvalho (2019)

identificou que, diferentemente do esquema simples de uso da vírgula, as médias de uso convencional e não convencional para o esquema duplo de vírgulas se distanciam entre si, sendo o uso não convencional superior ao convencional. Dessa forma, para Carvalho (2019), as fronteiras do esquema duplo de vírgulas, quando emergem nos textos analisados, não são delimitadas. Esse resultado embasa a afirmação de que os alunos não passam despercebidos pelas práticas letradas desenvolvidas em ambiente escolar sobre pontuação.

Em suma, esses estudos demonstraram que usos convencionais e não convencionais da vírgula podem ser associados a fronteiras de frases entoacionais. Entretanto, as vírgulas convencionais delimitam unidades prosódicas isomórficas em relação às unidades sintáticas, já as não convencionais delimitam unidades prosódicas não isomórficas à fronteira sintática. Em relação a esses estudos, este se particulariza por recortar o uso de vírgula em esquema duplo enquanto objeto linguístico de investigação a ser descrito e analisado transversalmente em textos do gênero argumentativo. Esse recorte coloca esta proposta na congruência entre os trabalhos de Soncin (2014), que analisou características dos usos de vírgulas em textos argumentativos do último ano do EF, e Carvalho (2019), que analisou vírgulas em esquema simples e duplo em uma amostra longitudinal de usos de vírgulas em textos do gênero relato.

Ademais, Soncin e Tenani (2015), ao analisarem os usos não convencionais, mostram que esses usos não são aleatórios. Pelo contrário: “se caracterizam por regularidade quanto à organização prosódica que revelam nuances dos processos simbólicos que atuam na escrita, tendo em vista o processo histórico de produção dos sentidos a que respondem” (SONCIN e TENANI, 2015, p.481). Com relação aos usos convencionais, após a análise prosódica dos dados de emprego convencional da vírgula, as autoras demonstraram que esses usos, assim como os não convencionais, estão condicionados a fronteiras de frases entoacionais. Entretanto, as vírgulas convencionais delimitam unidades prosódicas isomórficas em relação às unidades sintáticas, já as não-convencionais delimitam unidades prosódicas não isomórficas à fronteira sintática. Neste estudo, buscaremos avançar em relação ao conjunto de descrição de dados ao restringir a análise a ocorrências de estruturas em que vírgulas em esquema duplo são previstas, em textos de natureza argumentativa. Nessas estruturas, está em jogo certa complexidade sintática e semântica (como será demonstrado na seção Material de análise e Decisões metodológicas) em interação com a configuração prosódica dos enunciados, que é relevante de ser identificada e explicitada de uma perspectiva linguística e, ainda, de modo didático, a alunos do EF II, como argumentaremos na seção de Análise.

2.3 Vírgula como erro de pontuação ou como pistas de fronteiras prosódicas?

Na breve consideração histórica feita acerca da pontuação, vimos que essa já foi subordinada à leitura em voz alta. Esse elo entre pontuação e leitura em voz alta remete-nos à questão de a vírgula indicar pausa e, também, de que quando há pausa na fala, há vírgula na escrita. Essas afirmações demonstram, respectivamente, uma visão tradicional de leitura e, também, de escrita, ou seja, uma relação direta entre o fônico e o gráfico. Essa visão tradicional embasa a interpretação dos usos não convencionais da vírgula como erros de pontuação decorrentes da indesejada interferência da fala na escrita. É válido destacar que essa interferência da fala na escrita é indesejada, pois, ameaça o estatuto de homogeneidade da língua, considerado como ponto de partida nessa visão tradicional. Entretanto, na perspectiva que assumimos neste trabalho, “[...] pausa é um fato de fala que se mostra na escrita e que não constitui a escrita, por exemplo, na ideia do que seja pontuar a escrita com vírgula” (SONCIN, 2014, p.30). Diante dessa afirmação, faz-se fundamental explicitar a definição de escrita adotada, na medida em que nos distanciamos da visão tradicional acerca da relação entre fala e escrita. No entanto, levamos em consideração essas concepções sobre pontuação, em especial, sobre vírgulas, em contexto escolar, tendo em vista que o conjunto de dados analisados foi retirado de textos de alunos do EFII escritos em ambiente escolar.

Assume-se, neste trabalho, a escrita constituída pela heterogeneidade das práticas orais e letradas, tal como defendida por Corrêa (2004). Para este autor, a heterogeneidade não é uma característica da língua (AUTHIER-REVUZ, 1990) que se mostra na escrita, mas a escrita tem como traço constitutivo sua heterogeneidade. Em outras palavras, é relevante o reconhecimento da heterogeneidade na escrita para o reconhecimento da heterogeneidade da escrita. É considerando os modos de enunciar falado e escrito e as práticas sociais letradas e orais que o autor argumenta que a escrita é constituída tanto por características do oral/falado quanto do letrado/escrito. Antes de discutirmos sobre a concepção de escrita adotada neste trabalho, destacamos a obra de Marcuschi (2001), a fim de explicitar as diferenças entre considerar a fala e a escrita como modos de enunciação ou como modalidades de enunciação.

Em “*Da fala para a escrita*”, Marcuschi (2001) propõe olharmos para a relação entre fala e escrita, a partir da noção de gêneros textuais; dessa forma, para o autor, é impossível observar como se dá a relação entre a fala e a escrita de forma descontextualizada, uma vez que é preciso observar os usos que fazemos tanto da fala quanto da escrita na nossa vida cotidiana. Nesse sentido, passar a ter esse novo olhar é “[...] Mais do que uma simples mudança de perspectiva, isto representa a construção de um novo objeto de análise e uma nova concepção

de língua e de texto, agora vistos como um *conjunto de práticas sociais*” (MARCUSCHI, 2001, p.15).

Nesse trabalho, Marcuschi (2001) coloca em jogo as noções construídas ao longo do tempo na nossa sociedade que dissociam totalmente a fala da escrita, na medida em que a escrita seria vista como algo estável, homogêneo e sem variação e, a fala exatamente o contrário. É nesse âmbito que Marcuschi (2001) propõe a noção de que as diferenças entre a fala e a escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico (MARCUSCHI, 2001, p.37). Marcuschi (2001), nesse sentido, propõe um gráfico que mostra a representação da oralidade e da escrita pelo meio de produção e concepção discursiva. Nesse gráfico, o autor parte da noção de semiose entre o fônico e o gráfico (materialidade) e coloca a concepção escrita e oral uma sobre a outra no mesmo eixo. Além disso, é estabelecida a noção de gradação entre o fônico e o gráfico a partir dos gêneros textuais, e é justamente na gradação que, para Marcuschi (2001), está a relação entre fala e escrita, tratada pelo autor por “modalidade falada” e “modalidade escrita”. Corrêa (2004) abandona justamente a ideia do fônico e o gráfico e, assim, muda o conceito de relação entre fala e escrita, pois, passa a tratá-los não como modalidade, mas sim como modos de enunciação para que, dessa forma, não se retome a dicotomia entre fala e escrita. Entretanto, é válido destacar que, mesmo que Marcuschi (2001), em seus gráficos, retome a dicotomia entre fala e escrita, não podemos negar que seu trabalho já é um avanço em relação a essa concepção, na medida em que tratar fala e escrita como “modalidades” é assumir que as relações se dão de forma gradual e não mais dicotômicas.

Corrêa (2004) pondera que há duas formas de se tratar a relação oral/escrito e são essas formas chamadas de formas de esquecimento da heterogeneidade. Para reconhecimento da heterogeneidade *da* escrita e, assim, opor-se aos esquecimentos acima mencionados, o autor aponta três modos de reconhecê-la: (i) em aspectos de representação gráfica; (ii) na imagem que o falante faz do código escrito institucionalizado; (iii) na circulação dialógica que o escrevente faz ao produzir o texto escrito.

Em relação à (i), Corrêa (2004), a partir do que afirma Cagliari (1996), propõe como interessante, nesse modo, o fato de o escrevente oscilar entre a representação dos sons e a convenção ortográfica ensinada pela escola. É justamente essa oscilação que mostra a heterogeneidade da escrita em seu aspecto ortográfico. Com relação à (ii), Corrêa (2004) afirma que, a partir de sua relação com o tempo, a escrita em quase todos os momentos foi vista como código, ou seja, como uma forma de registrar. Não é de todo errada essa visão de código, uma vez que, enquanto forma de registro, a escrita é um código para preservação de patrimônio cultural como a memória de um povo. Entretanto, é como modo de enunciação que a escrita

registra as várias histórias. Na medida em que se admite a escrita como modo de enunciação, reconhece-se sua heterogeneidade, uma vez que o fato de registrar várias histórias traz para esse modo de enunciação a heterogeneidade linguística presente, justamente, nas práticas sociais da oralidade e do letramento. Por fim, em (iii), o autor afirma que a circulação dialógica do escrevente está relacionada à abordagem da escrita a partir de uma fixação metodológica de três eixos: (i) eixo da representação que o escrevente faz da gênese da escrita; (ii) o eixo da representação que o escrevente faz do código escrito institucionalizado; e (iii) o eixo da dialogia com o falado/escrito. A circulação do escrevente por esses três eixos está ancorada na: (a) consideração da heterogeneidade como constitutiva da escrita; (b) consideração da relação sujeito/linguagem; (c) consideração do processo de produção do texto escrito e (d) consideração da escrita como modo de enunciação. São esses os três eixos que reconhecem a heterogeneidade da escrita. A circulação do escrevente nos dois primeiros eixos se dá por meio de marcas linguísticas presentes na linguagem como marcas prosódicas, sintáticas, lexicais e como marcas dos recursos argumentativos. Já o terceiro eixo é tido como o produto do já dito/lido.

Ao assumirmos essa abordagem da escrita, assumimos, com Corrêa (2004), outro modo como se conceber os sinais de pontuação. Esses sinais gráficos, dentre eles a vírgula, são interpretados como marcas da heterogeneidade constitutiva da escrita. De modo mais específico, a vírgula será interpretada como marca de que o escrevente, nos termos de Corrêa (2004), estabelece relação entre fala e escrita.

Em consonância com a visão de Corrêa (2004) para a relação entre fala e escrita, Chacon (1998) desenvolve investigação sobre a natureza dos sinais de pontuação, na medida em que se propõe a analisar o ritmo da escrita, e afirma que “os sinais de pontuação delimitam unidades na escrita que se caracterizam pela multidimensionalidade da linguagem” (1998, p.). Consideramos, junto a Chacon (1998), que os sinais de pontuação são exclusivos da escrita, tendo em vista que são signos gráficos. Apesar de os sinais de pontuação serem exclusivos da escrita, Chacon (1998) propõe a noção de multidimensionalidade da pontuação; dessa forma, assume-se que o sistema da pontuação não se reduz apenas ao aspecto gráfico-visual, mas tem diversas funções, funcionalidade polissêmica. Segundo o autor, há quatro dimensões relacionadas ao sistema de pontuação: a fônica, sintática, textual e a enunciativa.

A dimensão fônica da pontuação, para Chacon (1998), é diferente daquela concepção empreendida pelos fonocentristas que estabelece relação entre pausa, na fala, e pontuação, na escrita, como vimos no capítulo anterior, relacionada à leitura em voz alta. Entretanto, para o autor, essa relação entre o gráfico e a dimensão fônica da linguagem não é de representação direta, ou seja, os sinais de pontuação não representam, na escrita, os aspectos orais de forma

direta, ao contrário, essa representação é de ordem simbólica. Dessa forma, a oralidade é tomada pela pontuação apenas como referência para imprimir o ritmo na materialidade gráfica do texto escrito. Ademais, Chacon (1998) destaca aspectos da oralidade que podem ser evocados pela escrita, a saber: a pausa, o contorno entoacional, a extensão, a intensidade e a duração. Nesse âmbito, assim como Carvalho (2019), consideramos, nesta pesquisa, o fator extensão dos constituintes para interpretarmos a dimensão fônica do emprego da vírgula em esquema duplo em textos escritos do EFII, partindo da hipótese de que esse fator esteja relacionado às fronteiras de empregos de uso da vírgula em esquema duplo na escrita.

Com relação à dimensão sintática, essa, dentre as dimensões elencadas por Chacon (1998), é a que mantém relação mais forte com os sinais de pontuação e, por isso, detém tamanho prestígio na nossa sociedade. Chacon (1998) traça um breve panorama do desenvolvimento da pontuação e afirma que a dimensão sintática sempre foi preocupação dos estudiosos da linguagem e gramáticos. Ademais, essa relação entre sintaxe e pontuação foi sempre pensada não só para definir o que é pontuação, mas, também, para pensar quais as funções da pontuação no texto escrito que, geralmente, a partir de consenso entre os gramáticos, é de estabelecer relações entre as porções de um texto além de organizar e hierarquizar essas porções textuais. Apesar de a dimensão sintática ainda estar muito ligada a apenas estabelecer relações entre porções do enunciado, não invalida o fato de que o aspecto sintático é sim relevante para a pontuação. O que é preciso, na visão de Chacon (1998), é discutir como a pontuação reflete a própria sintaxe da escrita.

A dimensão textual, terceira dimensão da linguagem apontada por Chacon (1998), estabelece relação entre a pontuação e os sentidos do texto, dessa forma, diferentemente da dimensão sintática que olha para as relações entre as unidades linguísticas, a textual olha para o texto como um todo e, assim, para as relações estabelecidas entre as partes do texto, por exemplo, a coesão e a coerência.

Para Chacon (1998), um dos aspectos textuais que explicitam a dimensão textual da pontuação é a topicalização. A partir de alguns estudiosos, Chacon (1998) aponta quais são os vínculos entre a pontuação e a topicalização. Destacamos, aqui, os vínculos estabelecidos a partir de Mollica (1993), que, ao analisar textos escolares, afirma que é comum o uso de vírgula entre o sujeito e o predicado, principalmente, quando o referente está topicalizado. Nesse âmbito, Chacon (1998) afirma que esses são exemplos que demonstram como a vírgula, quando utilizada nesses contextos, delimita o referente topicalizado do enunciado. Sendo assim, os usos da vírgula nesses contextos sugerem que está em jogo a dimensão textual da pontuação, assim como pode ser visto por Soncin (2014) ao analisar textos do final do EFII.

Por fim, a dimensão enunciativa, para Chacon (1998), estabelece relação com a expressividade na escrita. Para o autor, essa expressividade significa “envolvimento do escrevente com a construção de seu objeto de escrita” (CHACON, 1998, p.196). Segundo o autor, a relação entre a pontuação e a expressividade é algo que pode ser visto até mesmo na tradição gramatical. Nesse âmbito, Chacon (1998) afirma que, para os gramáticos, a pontuação exerce função fortemente expressiva nos textos escritos, tendo em vista que pode representar a relação que o sujeito constrói com seu objeto de escrita. A dimensão enunciativa, para Chacon (1998), é a responsável por permitir que o aluno, ao pontuar seu texto, imprima nele emoções que, para o autor “[...] embora estreitamente ligadas à atividade oral, orientariam sua atividade escrita” (CHACON, 1998, p.252).

Neste trabalho, no que concerne à análise dos usos de vírgula em esquema duplo em textos do EFII, priorizamos a dimensão sintática e fônica da linguagem; no entanto, é válido destacar que não desconsideramos a relevância das dimensões textual e enunciativa, que podem, até mesmo, ser observadas no emprego da vírgula em esquema duplo, na medida em que, para Chacon (1998), as dimensões da pontuação atuam de forma simultânea na linguagem.

Tal concepção acerca da multidimensionalidade da linguagem é também assumida nos estudos de Soncin e Tenani (2015), que versam sobre relações entre o emprego de vírgula e a prosódia, de modo particular. Essas autoras consideram “a prosódia como uma dimensão linguística que compõe a escrita como parte constitutiva de sua heterogeneidade, característica principal da escrita segundo Corrêa” (SONCIN e TENANI, 2015, p. 476). A partir dessa perspectiva teórica, as autoras entendem a vírgula: “Como um sinal de pontuação que, embora (...) gráfico, é marca linguística de processos simbólicos que se efetivam na escrita por meio da relação com a oralidade, particularmente por meio do domínio prosódico” (SONCIN e TENANI, 2015, p.476).

Ao longo do Capítulo 3, ao descrever e analisar os usos da vírgula, buscaremos indícios da dimensão fônica e sintática da pontuação, em especial, das vírgulas, que podem dar pistas da circulação do aluno pelas práticas orais/faladas e práticas letradas/escritas.

2.4 Abordagens da prosódia

Nesta subseção, buscamos apresentar as noções teóricas concernentes à abordagem da prosódia adotada para embasar a análise feita neste estudo. Os fenômenos que fazem parte da prosódia levam a diferentes abordagens que implicam diferentes objetos teórico-metodológicos.

A prosódia é concebida, nesta dissertação, assim como para Soncin e Tenani (2015), como parte da estrutura linguística, a partir da abordagem da interface entre sintaxe e fonologia, tal como formalizada no modelo da Fonologia Prosódica proposto por Nespor e Vogel (1986). Nesta concepção adotada, a prosódia pode ter dois pontos de partida: o *eixo sintagmático*, “relação entre elementos presentes no trecho falado”, e o *eixo paradigmático*, “relação entre trechos em contraste em enunciados distintos” (BARBOSA, 2019, p.20). No que concerne à prosódia e ao objeto desta investigação, vale destacar que a vírgula mobiliza tanto o eixo paradigmático quanto o sintagmático do funcionamento dos elementos prosódicos. A possibilidade de ação nesses dois eixos é o que contribui para tornar o sinal de pontuação ainda mais complexo.

O trabalho de Nespor e Vogel (1986), teoria não-linear de base gerativa, é reconhecido sob o rótulo da Fonologia Prosódica e caracterizado pela interface sintaxe-fonologia. Assumir essa interface para o nosso trabalho, necessariamente, leva a uma questão fundamental, que é pensar se essa relação entre a sintaxe e a fonologia é de forma direta, referente às teorias de referência direta¹ (doravante DRT), ou indireta, referente às teorias de hierarquia prosódica² (doravante PHT). Para as teorias de relação direta, os fenômenos fonológicos se referem diretamente à informação sintática, como os processos de sandi externo (FROTA; VIGÁRIO, 2018, p.5). Já para as teorias de relação indireta, os processos fonológicos no nível da frase operam em domínios que podem não coincidir com os domínios sintáticos e a estrutura prosódica é o resultado dessa interface entre sintaxe e fonologia.³ (FROTA; VIGÁRIO, 2018, p.5). Passemos a breves considerações acerca das teorias de relação indireta, uma vez que o modelo proposto por Nespor e Vogel (1986), adotado neste trabalho, se insere nessa abordagem.

As PHT partem do princípio de que há uma estrutura prosódica suprasegmental composta por um conjunto finito de constituintes prosódicos organizados hierarquicamente no enunciado. Além disso, segundo Elordieta (2008, p.231), essas teorias são motivadas pela observação de que a maioria dos fenômenos fonológicos parecem requerer acesso a informações morfossintáticas limitadas e, também, os constituintes sintáticos não determinam os domínios para que regras fonológicas sejam aplicadas⁴. Ainda é válido destacar que existem

¹ No original: Direct Reference Theories (DRT).

² No original: Prosodic Hierarchy Theories (PHT).

³ No original: phonological process at the phrasal level operate in domains that may not coincide with syntactic domains.

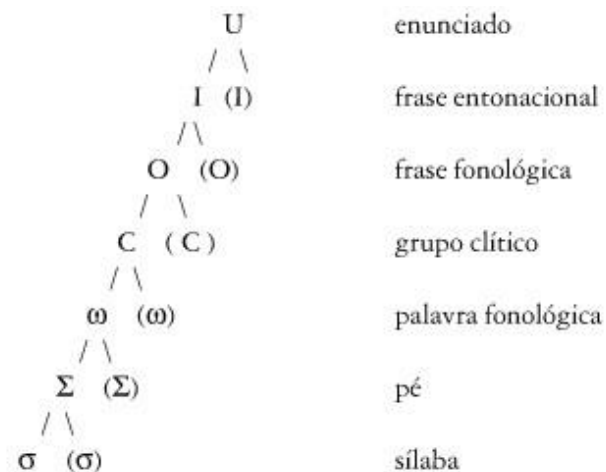
⁴ No original: The motivation for the PHT comes mainly from the observation that many phonological processes seem to require access to very limited morphosyntactic information, and that syntactic constituents do not determine the domains for the application of phonological rules (ELORDIETA, 2008).

duas principais abordagens nas PHT: a abordagem conhecida como *Relation-Based* e a conhecida como *Edge-Based*. Traçamos, brevemente, um panorama das principais características do modelo *relation-based*, tendo em vista que o modelo de Fonologia Prosódica adotado se insere nessa abordagem mais especificamente.

Na abordagem *relation-based* das PHT, a interface entre sintaxe e fonologia é estabelecida a partir dos tipos de informação sintática, a saber: cabeças lexicais, nós, frases lexicais e nós sentenciais e causais.

Para a teoria da Fonologia Prosódica, toda língua apresenta uma estruturação hierárquica de constituintes prosódicos, tendo esses constituintes algoritmos de formação levando em consideração informações de constituintes sintáticos; no entanto, esses constituintes não são necessariamente isomórficos, ou seja, há casos em que o constituinte prosódico coincide com o sintático, mas há casos em que isso não ocorre, tendo em vista que consideram uma relação indireta entre sintaxe e fonologia, como vimos anteriormente. Segundo Nespor e Vogel (1986), esses constituintes prosódicos compõem um conjunto finito de categorias responsáveis por organizar a fala. Esse conjunto finito é formado por sete constituintes prosódicos, a saber: sílaba, pé, palavra fonológica, grupo clítico, frase fonológica, frase entoacional e enunciado fonológico, organizados hierarquicamente, de acordo com o princípio da “Strict Layer Hypothesis”, sendo assim, cada domínio da hierarquia é necessariamente contido no domínio precedente. Nesse arcabouço teórico, os algoritmos são responsáveis por formar os domínios prosódicos, sendo a partir do algoritmo que se tem acesso ao tipo de informação gramatical que é relevante para que se defina sua estrutura. A figura abaixo explicita a organização hierárquica entre os sete constituintes prosódicos propostos pelas autoras.

Figura 1. Domínios prosódicos do modelo de Fonologia Prosódica (BISOL, 1999, p.230).



O algoritmo de formação para cada domínio está relacionado ao tipo de informação gramatical e, também, a fenômenos fonológicos relevantes para sua definição estrutural. Além disso, vale destacar que é por meio do algoritmo de formação que se define o tipo de informação gramatical relevante para a identificação estrutural desse constituinte. Nesta pesquisa, exploramos os algoritmos de formação e de reestruturação para os domínios prosódicos de ϕ e I, uma vez que é desses domínios que partimos para a análise prosódica dos dados de vírgula em esquema duplo, tendo em vista análises anteriores feitas por Araújo-Chiuchi (2012), Soncin (2014) e Carvalho (2019) sobre o uso da vírgula. Nesses trabalhos, as autoras argumentam que são relevantes três domínios propostos por Nespor e Vogel (1986), a saber: a frase fonológica; a frase entoacional e o enunciado fonológico. Vale destacar que consideramos, nesta pesquisa, o algoritmo de formação e reestruturação adaptado por Frota (2000) para o português a partir de Nespor e Vogel (1986).

Primeiramente, consideremos o algoritmo de formação e reestruturação de ϕ .

Formação de frase fonológica (ϕ)

Domínio ϕ : um item lexical ou um elemento cabeça X e todos os elementos do seu lado não recursivo que ainda estejam dentro da projeção máxima de X⁵.

(FROTA, 2000, p.56)

Reestruturação de (ϕ): inclusão de uma ϕ ramificada ou não ramificada opcional, obrigatória ou proibida que é o primeiro complemento de ϕ dentro da ϕ que contém X⁶.

(FROTA, 2000, p.56)

A partir do algoritmo de formação, com base em Frota (2000) e Nespor e Vogel (1986), vemos que se define ϕ a partir da união entre cabeça lexical ou cabeça X e os demais elementos presentes ao seu lado não recursivo, lado esquerdo no Português. Vale ressaltar que o principal elemento formador do domínio de ϕ é a cabeça lexical, que pode ser constituída por substantivos, adjetivos, advérbios e verbos⁷. Para ϕ , assim como para os demais constituintes da hierarquia, Nespor e Vogel (1986) preveem a possibilidade de reestruturação, sendo assim, outra possibilidade de reorganização do enunciado, a depender de fatores específicos. A

⁵ No original: **ϕ Domain:** a lexical/ head X and all elements on its non-recursive side which are still within the maximal projection of X (FROTA, 2000)

⁶ No original: optional, obligatory, or prohibited inclusion of a branching or nonbranching ϕ which is the first complement of X into the ϕ that contains X.

⁷ Eventualmente, pronomes também podem ser considerados (NESPOR; VOGEL; 1986).

reestruturação de ϕ é possível de acontecer quando o primeiro complemento do núcleo de um sintagma posicionado no lado recursivo da língua, no caso do PB, à direita, não é ramificado (NESPOR e VOGEL, 1986, p. 173). Pensemos na seguinte estrutura como exemplo: uma menina inteligente. Essa estrutura, a princípio, pelo algoritmo de formação, formaria duas ϕ s, a saber: [uma menina] ϕ [inteligente] ϕ , tendo em vista que apresenta duas cabeças lexicais, um sintagma nominal “menina” e um adjetival “inteligente”. No entanto, essas duas ϕ s podem ser reestruturadas, pois, o complemento no lado recursivo da língua “inteligente” não é ramificado. A possibilidade de reestruturação não ocorreria se tivéssemos “uma menina muito inteligente”, uma vez que o complemento no lado recursivo da língua é ramificado, formando, assim, uma ϕ . Dessa forma, teríamos: [uma menina muito inteligente] ϕ . Vale ressaltar que, para Nespor e Vogel (1986), a ramificação, ou seja, extensão dos constituintes, não é o único fator relevante para que a reestruturação ocorra, é possível reestruturar, também a partir da velocidade da fala (lenta ou rápida). No entanto, consideramos, neste trabalho, apenas o fator extensão, tendo em vista que o nosso corpus é formado por textos escritos.

Ghini (1993), ao propor um novo olhar para a formação de ϕ para o italiano, afirma que, pensar apenas em ramificação sintática para prever reestruturação de ϕ s é restrito, uma vez que, segundo o autor, também é preciso pensar a reestruturação em termos prosódicos e não apenas sintáticos, tendo em vista que as relações de “peso” têm papel relevante e fundamental em ϕ . Esse papel é relevante, pois, a direção da reestruturação gera estruturas mais equilibradas, assim, permite que as cadeias linguísticas sejam balanceadas.

Também nos embasamos no algoritmo de reestruturação de I proposto por Nespor e Vogel (1986) e adaptado por Frota (2000) para o português para a identificação de fronteiras prosódicas e, também, para respondermos a uma das questões que norteiam este trabalho, que se refere a como o critério fonológico – tamanho do constituinte –, se mais forte, gera a reestruturação prosódica em fronteiras de frases entoacionais deslocadas em esquema duplo no PB.

Passemos ao algoritmo de formação e reestruturação apresentado por Frota (2000):

Formação de Frase Entoacional (I)

Domínio I: (i) todas as ϕ s adjacentes em uma cadeia em que não estão estruturalmente ligadas à sentença raiz (ou seja, expressão em parênteses, tag questions, vocativos, etc.); (ii) qualquer sequência restante das ϕ s adjacentes numa sentença raiz; (iii) o domínio de um contorno entoacional, cujos limites coincidem com posições em que as

pausas relacionadas com a gramática podem ser introduzidas em um enunciado.⁸

(FROTA, 2000, p.57)

Reestruturação de I: (i) reestruturação de uma I básica em duas outras menores, ou (ii) reestruturação de Is básicas em uma I maior. Os fatores que desempenham papel na reestruturação de I: comprimento dos constituintes, de taxa de elocução e estilo interagem com restrições sintáticas e semânticas.⁹

(FROTA, 2000, p.57)

Há diferentes critérios previstos para a identificação de I. Basicamente, o domínio do I deve consistir-se de: i) todas as frases fonológicas numa sequência que não estão estruturalmente ligadas à sentença raiz; sendo essa, segundo Frota (2000), a primeira regra de formação de I; ii) qualquer sequência restante de frases fonológicas adjacentes em uma sequência raiz, sendo essa a segunda regra de formação e iii) domínio de um contorno entoacional, cujos limites coincidem com posições em que as pausas relacionadas com a gramática podem ser introduzidas em um enunciado; sendo essa a terceira regra de formação do domínio (NESPOR e VOGEL, 1986, p.189). Os exemplos abaixo, extraídos de Nespor e Vogel (1986, p. 188), ilustram, respectivamente, as três condições acima mencionadas:

3. That's Theodore's cat [isn't it]? I
4. [Lions] I as you know [are dangerous] I
5. [My sister] ϕ [sells] ϕ [fresh fruit] ϕ [at the Market] ϕ [on Monday] I.

No que concerne à (i), Nespor e Vogel (1986) discorrem que essas estruturas, não estruturalmente ligadas à sentença raiz, formam Is por si próprias, podendo ser essas estruturas: expressões parentéticas, orações adjetivas explicativas, vocativos, partículas expletivas e certos elementos deslocados. Em (3), podemos considerar “isn't it” como uma *tag question*, não ligada à sentença raiz e, portanto, configura uma I por si só. Com relação à (ii), essa é uma regra complementar à (i), na medida em que, quando a sentença raiz é interrompida por alguma das estruturas sintáticas possíveis (não anexáveis a ela), cada parte da sentença raiz forma uma I

⁸ No original: “I Domain: (i) all the ϕ s in a string that is not structurally attached to the sentence tree (i.e. parenthetical expression, tag questions, vocatives, etc); (ii) any remaining sequence of adjacent ϕ s in a root sentence; (iii) the domain of an intonation contour, whose boundaries coincide with the positions in which grammar-related pauses may be introduced in an utterance.” (FROTA, 2000, p.57)

⁹ No original: I Restructuring: (i) restructuring of one basic I into shorter Is, or (ii) restructuring of basic Is into a larger I. Factors that play a role in I restructuring: length of the constituents, rate of speech, and style interact with syntactic and semantic restrictions. (FROTA, 2000, p.57)

independente, como podemos ver em (4). Por fim, no que se refere à (iii), vale destacar que, segundo Nespor e Vogel (1986), fatores semânticos como proeminência desempenham papel relevante para que haja alteração dos contornos entoacionais de um enunciado. Em (5), no termo sublinhado, podemos ver que o “nó” está presente no primeiro sintagma, no entanto, pode variar dentro do domínio de I.

As fronteiras de I a partir da estrutura sintática estão, no entanto, sujeitas a alterações em razão da atuação de fatores de natureza diversa. Essas alterações levam à reestruturação do domínio do I. No que tange às possibilidades de reestruturação de I, segundo Nespor e Vogel (1986), atuam fatores como a extensão dos constituintes, ritmo e velocidade da fala, estilo e proeminência contrastiva. A reestruturação pode ocorrer em dois contextos possíveis, a saber: (i) quando uma I, por ter uma extensão maior, tem a possibilidade de se reestruturar em Is menores e (ii) quando uma I, por ter uma extensão menor, tem a possibilidade de se reestruturar em Is maiores. Os exemplos abaixo, extraídos de Nespor e Vogel (1986, p. 194), ilustram, respectivamente, os dois contextos acima mencionados.

6.

- a. [My friend's baby hamster Always looks for food in the corners of its cage] **I**
- b. [My friend's baby hamster] **I** [Always looks for food in the corners of its cage] **I**
- c. [My friend's baby hamster] **I** [Always looks for food] **I** [in the corners of its cage] **I**

7.

- a. [The hamster] **I** [eats seeds all day] **I**
- b. [The hamster eats seeds all day] **I**

Em (6), é exemplificado o primeiro contexto que possibilita a reestruturação, na medida em que em (a) o domínio de I é bem extenso e, portanto, permite se reestruturar em Is menores, como vemos em (b) e (c). Em (7), visualizamos o segundo contexto que possibilita a reestruturação, uma vez que em (a) o domínio de tem duas Is de extensão curta e, portanto, devido a seu tamanho, há a reestruturação das Is menores em apenas uma I maior, como em (b).

Neste capítulo, buscamos elencar as noções teóricas que embasam a análise dos usos da vírgula em esquema duplo identificados nos textos do EFII. Passamos a tratar, no capítulo seguinte, do material de análise composto por um conjunto de textos selecionados para o levantamento e análise dos dados da vírgula em esquema duplo, além das decisões metodológicas tomadas para análise e interpretação dos dados.

3. MATERIAL DE ANÁLISE E DECISÕES METODOLÓGICAS

Neste capítulo, apresentamos aspectos metodológicos concernentes a este trabalho. Tratamos, inicialmente, em 3.1, das características do Banco de Dados de Produções Escritas do EF II, do qual foi extraído todo o material de análise deste trabalho. Em seguida, em 3.2, buscamos tratar das características dos textos analisados, a fim de explicitar as razões pelas quais selecionamos o artigo de opinião. Já em 3.3, mostramos as características e delimitação do material e do objeto de análise, a vírgula em esquema duplo. Por fim, em 3.4, tratamos das decisões metodológicas adotadas no processo de identificação e análise dos dados de vírgula em esquema duplo em fronteiras sintáticas e prosódicas.

3.1 Descrição do Banco de dados

Os textos analisados foram selecionados do Banco de Dados de Produções Escritas do EF II, desenvolvido a partir do projeto de extensão universitária da Universidade Estadual Paulista (UNESP) “Desenvolvimento de Oficinas pedagógicas de leitura, interpretação e produção textual no Ensino Fundamental”. Esse projeto foi credenciado e financiado pela Pró-Reitoria de extensão (PROEx) da UNESP e efetivado no período de 2008 a 2011, em uma escola estadual, localizada no município de São José do Rio Preto. O projeto foi coordenado pelas professoras Dras. Luciani Ester Tenani e Sanderleia Longhin-Thomazi. Dentre outros resultados, esse projeto possibilitou a construção da plataforma on-line do Banco de Dados, disponível gratuitamente em: <http://www.gdb.ibilce.unesp.br/redacoes>, por meio de auxílio financeiro da FAPESP (Processo 2013/14.546-5). Ao todo, o banco de dados é formado por 5.519 textos produzidos por 622 alunos, organizados de modo a constituir uma amostra transversal e outra longitudinal.

Tendo em vista o propósito majoritário de atender, por meio das propostas, a comunidade externa e, como consequência, contribuir com a comunidade acadêmica, o projeto de extensão se desdobrou por duas vias fundamentais; na primeira, permitiram-se identificar os chamados problemas de uso da linguagem e, na segunda, os textos produzidos nas oficinas serviram para descrever processos que envolvem relações de fala e escrita, valorizando, assim, o letramento associado às práticas sociais. Dessa forma, são esses problemas de uso da linguagem pensados a partir da noção de letramento, em específico, do uso não convencional da vírgula, que nos permitem analisar os dados de vírgula em esquema duplo sob um olhar que relaciona seu emprego com características da fala, deixando de lado, assim, a noção de erro.

Essa proposta está em consonância com o projeto de extensão que originou o banco na medida em que, segundo Tenani e Longhin (2014), o trabalho realizado na escola visou abordar “[...] temas como ortografia, pontuação, junção e textualidade, os minicursos, [...] visaram à melhoria do desempenho dos alunos do EFII na área de Português” (2014, p.21).

Vale destacar, ainda, que todas as atividades desenvolvidas pelo projeto se pautaram na concepção de escrita como modo de enunciação (CORRÊA, 2004). Ademais, todas as propostas textuais, inicialmente desenvolvidas pelas docentes com o auxílio de alunos voluntários/bolsistas do Projeto de Extensão – IBILCE/UNESP, foram elaboradas de acordo com a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), com base na tipologia textual prevista para cada ano letivo de acordo com esse documento.

3.2 Caracterização do gênero dos textos analisados

Faz-se necessário explicitar razões que nos levaram à seleção do gênero artigo de opinião para esta pesquisa. Desde os Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs), há certa preocupação em se trabalhar em ambiente escolar com textos da realidade social. No que diz respeito à tipologia e gêneros textuais, são privilegiados gêneros como notícias, editoriais, artigos de opinião, cartas argumentativas. Em consonância com os PCNs, a Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008), no que tange à Língua Portuguesa no Ensino Fundamental (Ciclo II), propõe que se parta do estudo do texto para que haja o ensino/aprendizagem de conteúdos e o desenvolvimento de habilidades e competências de leitura e escrita em língua materna. O Quadro 1 sumariza parte dessa Proposta Curricular e visa apresentar um panorama do conteúdo programático previsto para o 9º ano do EF.

Quadro 1. Conteúdo programático previsto para o 9º ano do EF.

Período	Conteúdos Gerais, de Leitura e Produção	Estudos Linguísticos
1º Bimestre	- Traços característicos de textos argumentativos e expositivos; - Leitura e produção de textos argumentativos e expositivos em diferentes situações de comunicação (coerência e paragrafação)	- Marcas dêiticas (Pronomes pessoais); - Pontuação ; - Elementos coesivos (preposição e conectivos)
2º Bimestre	- Gênero textual “ Artigo de Opinião ”; - Leitura e produção de artigo de opinião em diferentes situações de comunicação	- Pontuação ; - Período composto por coordenação; - Conjunção
3º Bimestre	- Discurso político, debate e artigo de opinião ; - Leitura e produção de artigo de opinião e debate em diferentes situações de comunicação	- Regência verbal e nominal; - Período composto por subordinação; - Conjunção
4º Bimestre	- Debate, artigo de opinião e traços do discurso político; - Leitura e produção de artigo de opinião e debate	- Período composto por subordinação; - Pontuação ; - Conjunção ; - Crase

Fonte: Proposta Curricular do Estado de São Paulo (2008)

Destacamos do material do Estado que pontuação e artigo de opinião são conteúdos programáticos a serem desenvolvidos em três dos quatro bimestres em que estão organizados os conteúdos do 9º ano. Ao considerar esse conteúdo programático sobre o ensino de funcionamento sintático da vírgula, tínhamos a expectativa de encontrar, nos textos do 9º ano, estruturas sintáticas em que vírgulas devem ser empregadas em esquema duplo, como definido por Dahlet (2006). Essa expectativa foi também embasada nos resultados descritos por Carvalho (2019) acerca dos usos das vírgulas (em esquema simples e duplo) ao longo do EF II, a partir de análise de textos do gênero relato. Essa autora descreve que as estruturas sintáticas mobilizadas para usos de vírgula em esquema duplo ocorrem nos 8º e 9º, sendo predominante neste último.

No que concerne à escolha do gênero artigo de opinião, encontramos respaldo na Proposta Curricular do Estado de São Paulo a respeito da tipologia e gêneros textuais. No 9º ano do EFII, é priorizado o trabalho com textos que tenham características argumentativas. Desse modo, este projeto é congruente com a proposta curricular ao investigar os usos de vírgula no gênero textual artigo de opinião.

Esta dissertação também encontra ancoragem no estudo feito por Soncin (2014) sobre usos das vírgulas (esquema simples e duplo) em textos dos gêneros *artigo de opinião* e *carta*

argumentativa. A autora considera as condições enunciativo-discursivas de textos do EF II e explora as relações locutor/escrevente e interlocutor/leitor mobilizadas nesses gêneros a partir dos usos da vírgula nos textos selecionados. Para a autora, “[...] as vírgulas são empregadas de modo a delimitarem unidades que compõem os sentidos dos enunciados segundo o funcionamento discursivo que eles adquirem [...]” (SONCIN, 2014, p.133). Assim, em textos que levam o aluno a fazer um exercício argumentativo, pode-se notar que as vírgulas contribuem para sinalizar o posicionamento do locutor perante o interlocutor e em relação ao que se escreve, além de indicar ancoragem em práticas orais/faladas de cunho retórico-argumentativo.

Esta relação entre vírgula e gênero argumentativo a ser descrita está articulada não somente aos conteúdos programáticos da Proposta Curricular do Estado de São Paulo (como ora descrito), mas também às metas de melhoria da Educação na linha do que está previsto no Objetivo “Educação de Qualidade”, pela Agenda 2030 da UNESCO. Dentre as metas para alcançar esse Objetivo de Desenvolvimento Sustentável (ODS), está previsto o acesso, por meninas e meninos, a ensino primário e secundário de qualidade que conduza a resultados de aprendizagem relevantes e eficazes. Este trabalho contribuirá com a ampliação do conhecimento acerca dos usos de pontuação no EF II de modo a subsidiar trabalhos sobre ensino de Língua Portuguesa feitos pelos membros do grupo de pesquisa a que se vincula. Alcançar ensino de qualidade em Língua Portuguesa é meta a ser atingida no estado, haja vista a proporção de alunos que atingiram os níveis básico e adequado na Prova Brasil em 2015, como descrito no Primeiro Relatório de Acompanhamento dos Objetivos de Desenvolvimento do Estado de São Paulo (ESTADO DE SÃO PAULO, SEADE, FAPESP, 2019, p. 33-41)¹⁰.

3.3 Caracterização e delimitação do material e do objeto de análise

O material desta pesquisa compreende 205 textos, selecionados da amostra transversal, produzidos por alunos de 13-14 anos, em 2008, que cursavam, à época, a oitava série (atualmente, 9º ano) do EF. Esses textos foram feitos a partir de duas propostas (uma no primeiro e outra no segundo semestre) sobre dois diferentes temas: “Internacionalização da Amazônia” e “Destruição do Planeta Terra”. Ambas as propostas solicitaram dos alunos o mesmo gênero textual, o artigo de opinião, um dos tópicos do conteúdo pedagógico para aquele ano letivo, como vimos no Quadro 1.

¹⁰ No estado de São Paulo, para os anos iniciais do Ensino Fundamental, a proporção de alunos que atingiu os níveis básico, adequado e avançado aumentou de 81,0% para 92,1% em Língua Portuguesa.

Ainda quanto às características do conjunto de textos selecionados para este trabalho, explicitamos, por meio dos quadros (2) e (3), o número de textos produzidos a partir de cada proposta e o número de alunos que as realizaram:

Quadro 2. Número de textos por proposta

Proposta	Nº textos	%
P2	94	45,85
P5	111	54,14
Totais	205	100,0

Quadro 3. Número de textos por sujeito

Nº textos/suj.	Nº Suj.	Nº textos	%
2	90	180	87,85
1	25	25	12,19
Totais	115	205	100,00

Fonte: Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II.

No Quadro (2), visualiza-se que houve uma distribuição equilibrada dos textos entre as propostas, sendo 45,85% dos textos produzidos no primeiro semestre (P2) e outros 54,14%, no segundo semestre (P5). Esses 205 textos foram produzidos por 115 alunos, sendo que 87,85% deles realizaram as duas propostas textuais (P2 e P5) e 12,19%, apenas uma das propostas, tendo 21/25 alunos produzido textos a partir da P5. Portanto, na amostra selecionada, há duas produções para 90 alunos, o que potencialmente permitirá comparação, em cada texto, de estruturas linguísticas que estamos investigando.

Nos textos, identificamos estruturas sintáticas em que vírgulas em esquema duplo devem ser empregadas. O esquema duplo de vírgulas, como já apresentado, caracteriza-se por haver duas posições para seu emprego dentro da estrutura sintática, sendo uma na fronteira direita e outra na fronteira esquerda da estrutura mobilizada. Sendo assim, objetivamos investigar, nesta pesquisa, a alternância dos usos e não usos da vírgula e, assim, explorar as quatro possibilidades desses usos e não usos. Dessa forma, o objetivo desta pesquisa é muito mais do que analisar os usos da vírgula nos textos do EFII, é analisar, também, a ausência da vírgula nessas estruturas, uma vez que essa também é significativa. Para visualizarmos melhor, pensemos no eixo sintagmático, eixo horizontal que diz respeito à combinação entre elementos de um mesmo enunciado e, também, no eixo paradigmático, eixo vertical, das escolhas. A vírgula atua tanto no eixo sintagmático, em que uma possibilidade de uso depende da outra, quanto no eixo paradigmático, que são as escolhas entre presença e ausência da vírgula nas estruturas sintáticas e é justamente esse “estar” e “não estar” que mostra a complexidade do objeto linguístico, seu alcance morfológico, fonológico, sintático e discursivo. Na subseção 4.1 do presente capítulo, trazemos textos presentes no material desta pesquisa para mostrarmos o grau de complexidade envolvido com o objeto.

Quanto à classificação dos dados, faremos um levantamento quantitativo de: (i) presenças de vírgulas convencionais e não convencionais e ausências de vírgulas não convencional; (ii) estruturas sintáticas mobilizadas em que ocorrem a presença convencional, a presença e a ausência não convencional da vírgula e (iii) fronteiras prosódicas relacionadas à fronteira sintática em que vírgulas estão presentes. No Quadro (4), apresentamos a classificação dos dados em relação ao critério (i), explicitando a relação entre o sinal vírgula e a classificação pela gramática.

Quadro 4 - Classificação de dados em comparação com as normas gramaticais

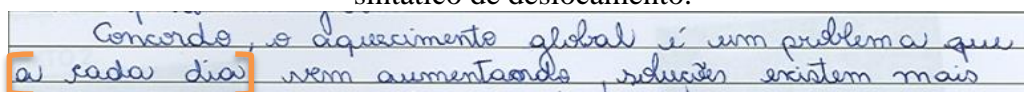
Tipos de Uso	Ocorrências	Classificação pela Gramática Normativa
Convencional	Presença da vírgula	Acerto pela presença de vírgulas
Não convencional	Presença da vírgula	Erro pela presença de vírgulas
	Ausência da vírgula	Erro pela ausência de vírgulas

Fonte: Adaptado de Carvalho (2019, p.68).

No que se refere à classificação dos dados quanto ao tipo de estrutura sintática (critério ii), Carvalho (2019, p.77) aponta que a classificação em (ii.1) deslocamento e (ii.2) encaixamento depende de interpretação do enunciado, pois pode haver as duas possibilidades de classificação para uma mesma ocorrência e isso se dá devido à própria organização dos enunciados dos textos dos alunos. Por meio de exemplos, Carvalho (2019, p. 78) argumenta como uma mesma estrutura sintática pode ser classificada tanto como deslocamento quanto encaixamento. A autora observou o funcionamento do texto e as relações de sentido entre suas partes e, dessa forma, o funcionamento sintático-semântico do texto foi considerado de modo a definir a classificação da estrutura sintática relevante. Tal decisão metodológica trouxe para o trabalho de Carvalho consequências no que se refere ao levantamento de estruturas sintáticas e prosódicas. Este trabalho também assume o posicionamento de Carvalho (2019) em considerar o funcionamento sintático-semântico para classificação de dados dessa natureza.

As figuras (2) e (3) exemplificam, respectivamente, estruturas sintáticas de deslocamento e encaixamento encontradas no material analisado.

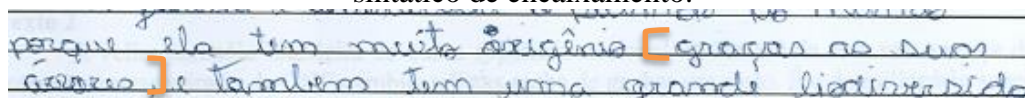
Figura 2. Exemplo de ausência não convencional da vírgula em esquema duplo em contexto sintático de deslocamento.



Fonte: Texto: Z08_8B_04F_05

Leitura: Concordo, o aquecimento global é um problema que a cada dia vem aumentando, soluções existem mais

Figura 3. Exemplo de uso não convencional da vírgula em esquema duplo em contexto sintático de encaixamento.



Fonte: Texto: Z08_8B_34M_02

Leitura: porque ela tem muito oxigênio graças as suas árvores, e também tem uma grande biodiversida[de].

Na Fig. (2), “a cada dia” é uma expressão adverbial de tempo deslocada para a posição anterior à locução verbal “vem aumentando”. Por haver esse deslocamento sintático, faz-se necessário o uso de vírgulas que a delimita. Na figura, constata-se que nenhuma vírgula foi empregada. Na Fig. (3), “graças às suas árvores” é uma estrutura encaixada entre duas orações coordenadas “ela tem muito oxigênio” e “e também tem uma grande biodiversidade” que têm o mesmo sujeito “ela”. Esse encaixamento sintático demanda a colocação de vírgulas nas fronteiras de “graças às suas árvores”, mas há apenas vírgula na segunda posição, como se verifica na Fig. (3).

Identificar estruturas sintáticas relevantes, como as descritas acima, para classificar os usos de vírgulas em esquema duplo não é tarefa simples. Ao contrário, enfrentamos dificuldades, como apontou Carvalho (2019, p.79), ao investigar usos de vírgulas em textos de gênero *relato*. Segundo a autora, no que se refere aos usos de vírgula em esquema duplo, esses possibilitam dois modos de quantificação. A adoção de um modo em detrimento de outro depende de escolhas do pesquisador. Uma das possibilidades seria a quantificação binária; sua adoção implica considerar apenas a presença ou ausência do uso de vírgula em esquema duplo e, assim, não considerando a estrutura em si. Ademais, adotar esse viés implica assumir o fato de que o funcionamento de vírgulas em esquema duplo equipara-se ao de esquema simples. Outra possibilidade de quantificação dos dados leva em conta características do esquema duplo de vírgulas, resultando que ambas as vírgulas sejam quantificadas como dado.

Esta pesquisa assume, com Carvalho (2019), esse segundo modo de quantificar os dados. Nessa abordagem, o funcionamento do esquema duplo em relação ao esquema simples é tido como diferente sintaticamente porque mobiliza relação entre duas fronteiras, como argumentou Carvalho (2019, p.76): “Quando assumimos que a natureza do esquema duplo é diferente [do esquema simples], colocamos em evidência que ‘está em jogo’ a estrutura linguística em si: sua constituição, por natureza, leva ao emprego de duplas vírgulas”. Essa decisão metodológica considera relevante o tipo de uso da vírgula e quais estruturas linguísticas se instauram em seu uso.

Cabe tratar, ainda, da classificação dos dados em relação às fronteiras prosódicas relacionadas à fronteira sintática em que vírgulas estão presentes (critério iii). Nos exemplos, a seguir, independentemente de haver ou não vírgulas, as fronteiras sintáticas correspondem a fronteiras de frase entoacional, como indicado (onde “I” indica frase entoacional, a partir do inglês *intonational phrase*). Listamos ocorrências em que as quatro possibilidades de presença e ausência de vírgulas se observam, a saber: (i) **presença-presença**, quando se tem o emprego da vírgula nas duas posições previstas pela convenção, como em (8); (ii) **presença-ausência**, quando se tem o emprego da vírgula apenas na primeira posição, como em (9); (iii) **ausência-presença**, quando se tem o emprego da vírgula apenas na segunda posição, como em (10); (iv) **ausência-ausência**, quando não se tem o emprego das duas vírgulas previstas pela convenção, como em (11), sendo a ausência indicada por \emptyset .

8. encontramos o nosso professor, [que estava de férias com sua família,]_I ele decidiu nos ajudar com o inglês. (Z08_8A_11M_06).
9. de Sírio Possenti, [professor de Linguística da Unicamp]_I \emptyset “uma coisa é” (Z08_8A_11M_04).
10. Aumentando \emptyset [assim,]_I os problemas, catástrofes e destruição da Terra. (Z08_8C_12F_05).
11. não lembrou e \emptyset [no dia seguinte]_I \emptyset nem se desculpou (Z08_8A_11M_01).

Uma frase entoacional (I) é definida a partir de um algoritmo de formação que, em sua essência, estabelece a interface entre sintaxe e fonologia, como proposto, inicialmente, por Nespor e Vogel (1986). Por meio do algoritmo de formação de I proposto para o Português por Frota (2000), é definido o tipo de informação gramatical relevante para a identificação estrutural desse constituinte. Estudos anteriores que adotaram mesmo arcabouço teórico (cf. Araújo-Chiuchi, 2012; Soncin, 2014) argumentam que I é o principal constituinte prosódico que tem relação com o emprego da vírgula. Outros dois constituintes, a saber: a frase fonológica (ϕ) e o enunciado fonológico (U), também se mostraram pertinentes para descrever a natureza das fronteiras prosódicas em que vírgulas são usadas, convencionalmente ou não. Na análise de dados, foi relevante I.

A seguir, sistematizamos os critérios de classificação de dados que adotamos. Por meio desses critérios, buscamos identificar regularidades quanto à presença/ausência de vírgulas, tendo em consideração estruturas sintáticas e fronteiras prosódicas.

Quadro 5 – Critérios de classificação de dados

Critérios	Fatores
Combinação de possibilidades de vírgulas	Presença-presença Presença-ausência Ausência-presença Ausência-ausência
Estruturas sintáticas	Deslocamento Encaixamento
Fronteiras prosódicas	Frase entoacional Frase fonológica Enunciado fonológico

Fonte: elaboração própria.

3.4 Decisões metodológicas

Passamos a tratar das decisões metodológicas tomadas para a identificação e classificação dos dados de vírgula em esquema duplo.

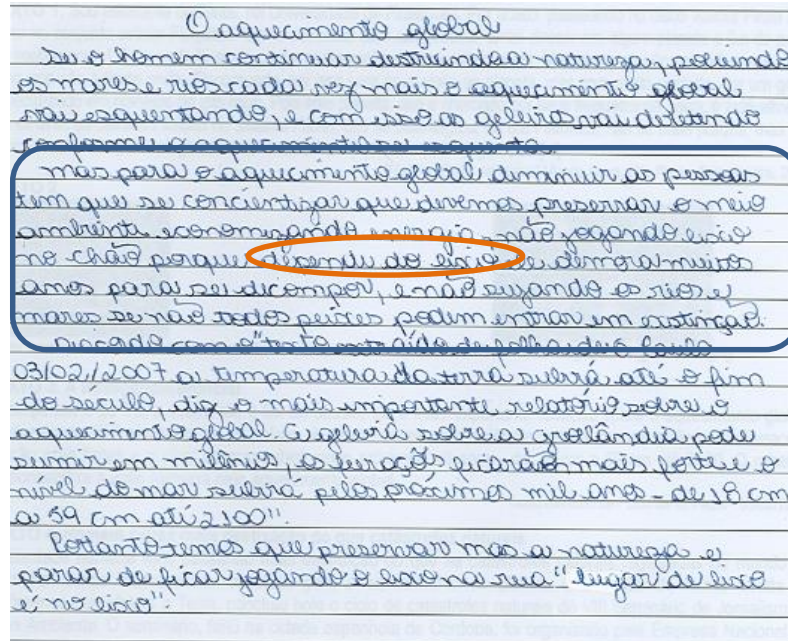
Antecipadamente, vale destacar que, para vislumbrarmos a relação entre vírgula e fronteira sintática, nesse momento da análise, assumimos o direcionamento analítico que é definir os usos da vírgula a partir da sintaxe. Partimos da constatação de que é privilegiada a estrutura sintática para definir a colocação do sinal gráfico [,] e, assim, a classificação do uso da vírgula quanto à convenção. Tomamos esse direcionamento para que este trabalho possa ter um ponto de partida que propicie dialogar com instituições escolares (professores, alunos), demonstrando, em seguida, que o emprego da vírgula tem funcionamento mais abrangente.

Em um primeiro momento, foi feita a leitura de todos os textos que compõem o *córpus* desta pesquisa. Para identificar estruturas sintáticas de deslocamento e encaixamento nesses textos e, assim, caracterizarmos os dados, tomamos como referência a *Moderna Gramática Portuguesa* de Bechara (1999). A escolha dessa gramática foi tomada com base em estudo realizado por Soncin (2008), que fez comparação entre quatro gramáticas (a saber, BECHARA, 1999; LUFT, 1998; ROCHA LIMA, 1986 e CUNHA & CINTRA, 2001) e descreveu quais as diferenças entre elas quanto às prescrições de emprego de vírgulas. Dessa caracterização, interessa-nos retomar que a gramática de Bechara (1999), e edições subsequentes, tem o traço de considerar potenciais relações entre fala e escrita ao tratar dos usos da vírgula, o que favorece o tipo de investigação ora proposto.

Nesse primeiro momento, a análise sintática tomada como um procedimento geral para seleção e exclusão de dados nos permitiu descartar alguns, tendo em vista que não atendiam à estrutura sintática de esquema duplo. Além de excluir ocorrências, houve dados em que, a

depende da nossa interpretação, a classificação sintática poderia mudar, ora podíamos classificar o dado como deslocamento ora como encaixamento. Dessa forma, tomamos esse procedimento como critério de exclusão de dados. Passamos ao exemplo abaixo:

Figura 4. Fonte: Texto Z08_8A_12F_05

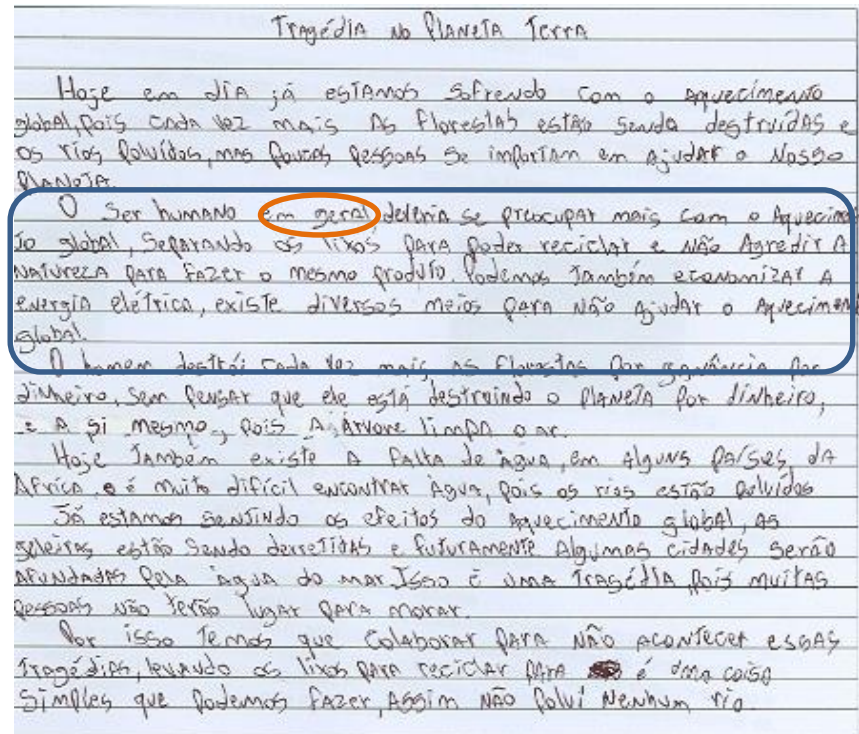


Leitura do trecho em análise: “porque depende do lixo ele demora muitos anos para se decompor, e não sujando os rios e mares se não todos peixes podem entrar em extinção.

O exemplo acima caracteriza o tipo de dado excluído por ter a sua identificação definida pela nossa interpretação do enunciado. Nesse dado, interpretamos “depende do lixo” como “dependendo do lixo”, oração subordinada reduzida de gerúndio. Essa interpretação implica em uma classificação sintática, nesse caso, classificar o dado como estrutura sintática deslocada. Como essa interpretação implica alterar o enunciado, descartamos esse tipo de dado.

Passamos a tratar de dados que foram selecionados para análise, embora tenha sido necessário fazer algum tipo de interpretação do enunciado escrito.

Figura 5. Fonte: Texto Z08_8C_24M_05



Leitura do trecho destacado: O ser humano em geral deveria se preocupar mais com o aquecimento global, separando os lixos para poder reciclar e não agredir a natureza para fazer o mesmo produto.

No texto acima, interpretamos a estrutura em esquema duplo “em geral” como sendo “de modo geral” ou “em sua maioria”. Entretanto, essa interpretação não implica em uma mudança na classificação da estrutura sintática, e desse modo, selecionamos o dado e o classificamos como encaixamento.

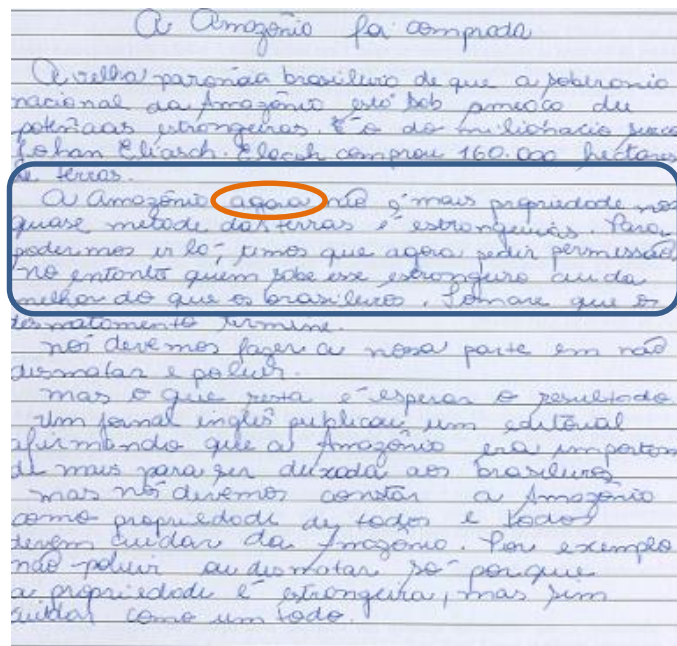
Ainda, a análise sintática não foi suficiente para classificar todos os dados de vírgula em esquema duplo, uma vez que alguns deles permitiam mais de uma interpretação, o que mostra a complexidade envolvida na identificação de estruturas sintáticas relevantes para classificar os usos de vírgulas em esquema duplo. Mais adiante, a partir da Figura 6, veremos alguns exemplos de dados que permitiam mais de uma interpretação, ambíguos.

Algumas das dificuldades enfrentadas já foram apontadas em Carvalho (2019, p.79), ao investigar usos de vírgulas em textos de gênero *relato* (cf. seção 2.3).

Em um segundo momento, procuramos adotar procedimentos para tratar os dados considerados ambíguos, permitindo mais de uma interpretação. Dentre esses procedimentos, primeiramente, voltamos à leitura do texto, agora como uma unidade maior, mais amplo do que olhar apenas para a estrutura sintática da sentença. Dessa forma, passamos a olhar para a organização textual, para um funcionamento não só sintático, mas também semântico. Esse procedimento permitiu-nos, por exemplo, entendermos o funcionamento discursivo e não

apenas gramatical de advérbios como *agora*. Embasamos essa decisão, nesse caso, na *Gramática do Português falado: a ordem* (1990) como obra de referência para problematizar certos aspectos que aparecem em enunciados de falas informais e que, também, se mostram presentes na escrita, como no caso dos advérbios e, assim, classificarmos esse tipo de dados. Passamos ao exemplo abaixo.

Figura 6. Fonte: Texto Z08_8A_01F_02



Leitura do trecho destacado: A Amazônia agora não é mais propriedade nossa quase metade das terras é estrangeira.

No exemplo acima, o advérbio *agora*, a princípio, poderia ser classificado, sintaticamente, como deslocamento, tendo em vista que foge à sua posição na ordem canônica da sentença no Português, nesse exemplo, está estabelecido entre o sujeito e o verbo. Entretanto, retomando a leitura do texto, identificamos que, nesse caso, o advérbio não tem a função de marcar tempo, mas, sim de estabelecer uma oposição semântica entre o tempo da enunciação indicado por “agora” em relação ao tempo do passado, explicitado por meio do adjetivo “velho” presente no parágrafo anterior. Nessa oposição passado *versus* presente, constata-se um uso enunciativo-discursivo do advérbio. Essa interpretação toma por base as considerações de Ilari (2007) acerca da categoria do advérbio: “[...] Passando das dêixis para anáfora e para as operações discursivas, há um progressivo esvaziamento da dimensão espaço-temporal, na medida em que o discurso se torna a dimensão de referência” (2007, p.156). Dessa forma, argumentamos que esse funcionamento discursivo do advérbio *agora* observado comprova o

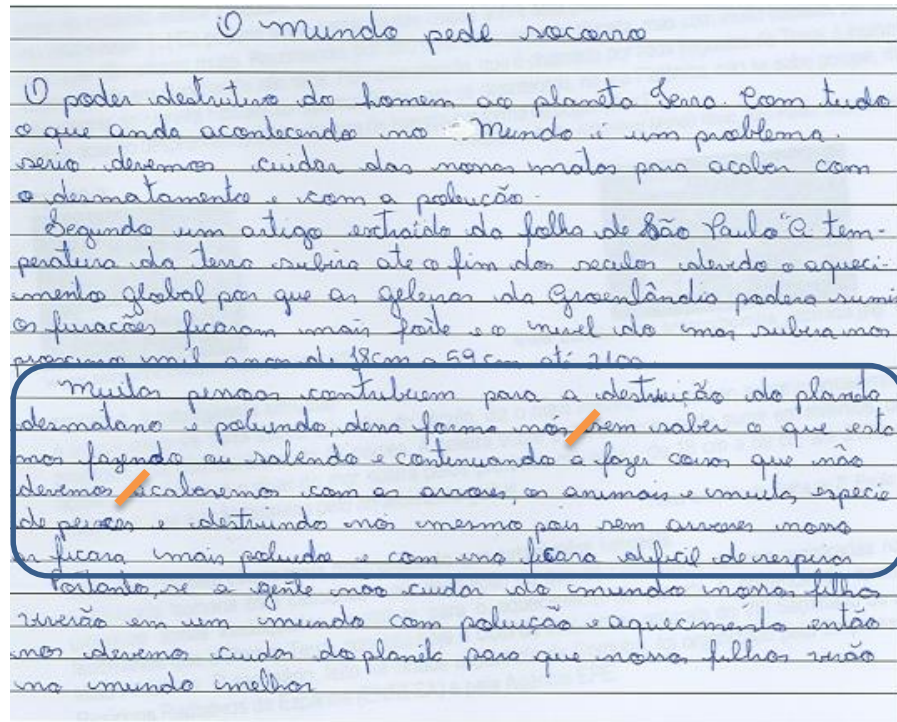
caráter heterogêneo da escrita, na medida em que mostra que esse funcionamento se faz presente tanto em enunciados de fala quanto na escrita. Tomando a *Gramática do Português Falado* (1990) como referência, classificamos esse tipo de dado como encaixamento.

Ainda no âmbito da análise dos dados ambíguos, tomamos como referência as análises de Jubran (2006) sobre inserções parentéticas, a partir do processo de construção do tópico discursivo na fala. Para a autora, as inserções parentéticas podem ser classificadas como:

- (i) De um lado, os parênteses são menos desviantes do tópico discursivo, quando pendem mais para o conteúdo dos enunciados de relevância tópica, esclarecendo-os e exemplificando, sem deixar de sinalizar demandas pragmáticas para a sua ocorrência;
- (ii) Por outro lado, os parênteses são mais desviantes do tópico, quando apresentam uma tendência mais acentuada para focalizarem o processo de enunciação, bem como circunstâncias da situação de comunicação, bem como circunstâncias da situação de comunicação, sem que, com isso, sejam anuladas as suas implicações no desenvolvimento do tópico ou na realização do ato comunicativo. Equivale a dizer que, quando quebram o fluxo temático para, no limite, enfocarem predominantemente o ato enunciativo, os parênteses, mesmo assim, repercutem no texto, por estarem indicando o espaço discursivo no qual se ancoram as significações textuais, ou mesmo por estarem perspectivando condições enunciativas necessárias à própria existência do evento comunicativo e, conseqüentemente do texto. (JUBRAN, 2006, p. 325).

Respaldadas nessas afirmações, tomamos a inserção parentética como critério de seleção de dados e, assim, definirmos sua classificação sintática como estruturas de encaixamento. Passamos ao exemplo abaixo:

Figura 7. Fonte: Texto Z08_8A_33M_05



Leitura do trecho destacado: Muitas pessoas contribuem para a destruição do planeta desmatando e poluindo, dessa forma nós sem saber o que estamos fazendo ou sabendo e continuando a fazer coisas que não devemos acabaremos com as árvores, os animais e muitas espécies de peixes e destruindo nos mesmos países sem árvores nosso ar ficará mais poluído e com isso ficará difícil de respirar.

No exemplo acima, podemos notar que o aluno, ao construir o parêntese, acabou por quebrar o fluxo da temática que vinha desenvolvendo por escrito desde o início do parágrafo, mas também mostra o foco no seu processo de enunciação.

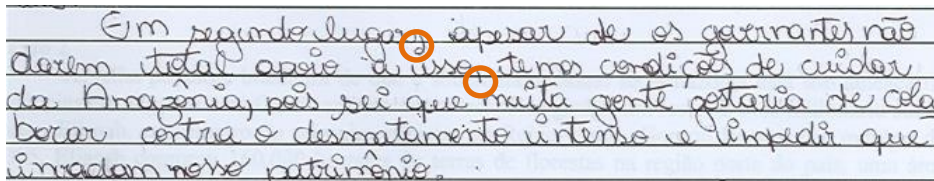
Os procedimentos até aqui descritos foram essenciais para o levantamento e classificação dos dados quanto à estrutura sintática. Agora, passemos aos procedimentos adotados para a investigação de fronteiras prosódicas relacionadas aos diferentes empregos da vírgula. Não obstante, vale ressaltar que, assim como na relação entre vírgula e fronteira sintática, partimos, também, na análise prosódica, da sintaxe para a definição de estruturas fonológicas, ou seja, o eixo orientador desta pesquisa é a formação de constituintes prosódicos a partir de constituintes sintáticos. Assim, buscamos levantar quais constituintes prosódicos, a partir do modelo de Fonologia Prosódica, proposto por Nespor e Vogel (1986), estariam relacionados às fronteiras sintáticas em que são previstas vírgulas em esquema duplo, como as identificadas anteriormente.

Primeiramente, para a identificação de fronteiras prosódicas relevantes para esta investigação, partimos de Soncin (2014) e Carvalho (2019), que demonstraram a relevância das fronteiras dos constituintes I e ϕ . Como essas autoras, levamos em consideração o algoritmo de

formação desses constituintes prosódicos, proposto inicialmente por Nespor e Vogel (1986), e ajustes propostos para o Português por Frota (2000). Nesse arcabouço teórico, os algoritmos são responsáveis por formar os domínios prosódicos, sendo a partir do algoritmo que se tem acesso ao tipo de informação gramatical relevante para que se defina sua estrutura.

Inicialmente, objetivamos identificar a fronteira de qual domínio prosódico coincide com a fronteira sintática de uso da vírgula. Passemos ao exemplo abaixo por meio do qual demonstramos o estabelecimento dessa relação entre uma fronteira sintática e uma fronteira prosódica.

Figura 8. Uso convencional da vírgula em fronteira de frase entoacional (I).



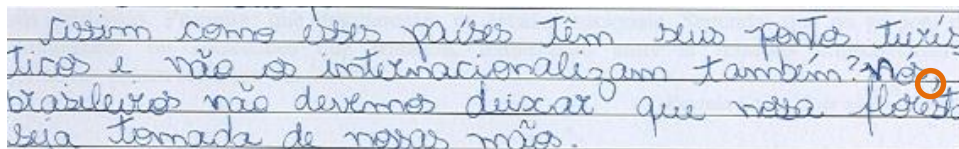
Fonte: Texto: Z08_8B_02F_02

Leitura do trecho: Em segundo lugar, apesar de os governantes não darem total apoio à isso, temos condições de cuidar da Amazônia, pois sei que muita gente gostaria de colaborar contra o desmatamento intenso e impedir que invadam nosso patrimônio.

Na Figura 8, podemos identificar o uso convencional da vírgula em esquema duplo na fronteira sintática de oração subordinada concessiva deslocada. Com base no algoritmo de formação de I, as fronteiras sintáticas da oração deslocada correspondem às fronteiras de I. Dessa forma, nesse dado, há o emprego convencional da vírgula em esquema duplo nas fronteiras sintáticas de oração deslocada as quais correspondem à fronteira de I.

Em segundo lugar, levamos em consideração as estruturas sintáticas adjacentes à estrutura em análise, buscando olhar para o funcionamento do texto como um todo para análise da presença/ausência da vírgula. Segue o exemplo abaixo:

Figura 9. Uso não convencional da vírgula em fronteira de frase entoacional (I).



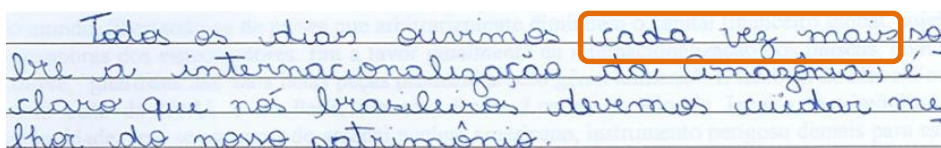
Fonte: Texto: Z08_8A_29F_02

Leitura do trecho: Nós, brasileiros não devemos deixar que nossa floresta seja tomada de nossas mãos.

Na Figura 9, identificamos esquema duplo de uso de vírgulas na fronteira sintática de encaixamento do termo “brasileiros”. Termos encaixados configuram Is, dado o algoritmo de formação desse domínio. O uso da vírgula apenas na fronteira esquerda da estrutura sintática coincide com uma das fronteiras de I; entretanto, a fronteira à direita não é delimitada por vírgulas. Interpretamos que a presença-ausência de vírgula configura marca de ênfase dada a “nós”, o que leva à configuração de uma I e, assim, à marcação da vírgula apenas em uma das fronteiras. Dessa interpretação, “brasileiros” se configura como uma I, como inicialmente previsto pelo algoritmo de formação a partir da estrutura sintática, mas pode se realizar junto à I que lhe é adjacente, dada a organização do enunciado que parece indiciada no texto.

Vale ainda destacar que nos embasamos no algoritmo de reestruturação de I proposto por Nespor e Vogel (1986) e adaptado por Frota (2000) para analisarmos a configuração de I reestruturável e, a partir dessa configuração, estabelecermos relação com a presença ou ausência da vírgula. Vejamos o dado abaixo.

Figura 10. Uso não convencional da vírgula em fronteira de frase entoacional.



Fonte: Texto: Z08_8B_18F_02

Leitura do trecho: Todos os dias ouvimos cada vez mais sobre a internacionalização da Amazônia, é claro que nós brasileiros devemos cuidar melhor do nosso patrimônio.

No exemplo acima, a estrutura sintática da expressão adverbial “cada vez mais” está deslocada. A princípio, analisamos que essa estrutura configura uma I, não delimitada pelas duplas vírgulas que o esquema duplo demanda. Temos a ausência de vírgulas nas fronteiras de I. Entretanto, interpretamos que há outra possibilidade de configuração prosódica: a I “cada vez mais” pode ser reestruturada. Para embasar essa interpretação, usamos o algoritmo de formação e a extensão da estrutura sintática em questão. Como a estrutura “cada vez mais” é formada por cinco sílabas, configura uma estrutura pequena (ELORDIETA *et al*, 2003) e, assim, há a possibilidade de ser reestruturada junto às Is que lhe são adjacentes, ou seja, a estrutura sintática não é delimitada por fronteiras de I.

Levando em consideração tanto a metodologia da análise sintática quanto da análise prosódica, assumimos que a presença do sinal gráfico [,] indica fronteira de I, mas a ausência desse sinal não implica necessariamente ausência de fronteira de I. Passemos aos exemplos abaixo.

12. [e depois] I [num futuro mais procimo] I [quem sabe] I [nós a internacionalizaremos]I.
(Z08_8A_16M_02)

13. [A importância da biodiversidade da amazônia traz] I [para nós] I [uma segurança] I.
(Z08_8B_04F_02)

Possibilidade de reestruturação:

13'. [A importância da biodiversidade da amazônia traz para nós uma segurança] I.

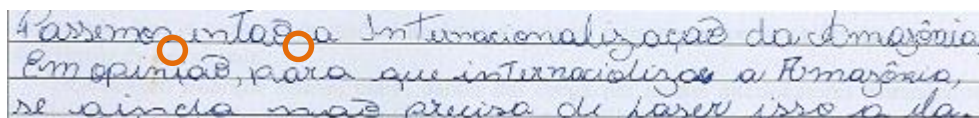
No exemplo 12, a estrutura sintática encaixada “quem sabe” configura-se uma I e tanto a fronteira direita quanto a fronteira esquerda não estão demarcadas pelas duplas vírgulas. No entanto, essa ausência não significa que não há fronteira de I, pois, mesmo sendo estrutura pequena, porque formada por três sílabas, não é possível a reestruturação quanto ao critério sintático. Interpretamos que as ausências das vírgulas não decorrem de possibilidade de reestruturação prosódica, não tendo aí motivação para as ausências de vírgulas observadas.

Já no exemplo 13, a estrutura sintática deslocada “para nós” configura-se uma I que não é delimitada pelas duplas vírgulas. Entretanto, há a possibilidade de reestruturação prosódica: a estrutura “para nós” é formada por três sílabas, configura uma estrutura pequena e, sintaticamente, há a possibilidade de ser reestruturada junto às Is que lhe são adjacentes, ou seja, a estrutura sintática não é delimitada por fronteiras de I, necessariamente.

Podemos notar, assim, o quão significativo é a ausência de vírgula, pois é ela que permite projetar possibilidades de interpretação dos dados, como temos argumentado. Passamos, a seguir, à descrição e análise dos dados até o momento desenvolvidas.

É válido destacar que, para a reanálise prosódica dos dados, levamos em conta os fatores que possibilitam a reestruturação de Is, mais especificamente, a extensão das estruturas, tendo como base Ghini (1993), ao afirmar que estruturas pequenas na língua tendem a formar estruturas maiores e estruturas maiores tendem a formar estruturas menores, gerando, assim, um balanceamento e estruturas mais equilibradas na língua. Ademais, é válido destacar que, para a extensão das estruturas, levamos em conta a sílaba ortográfica. Adotamos esse passo metodológico, principalmente, para reanalisar os dados de vírgula em esquema duplo em fronteiras prosódicas de estruturas encaixadas, como no exemplo abaixo.

Figura 11. Ausência não convencional da vírgula em fronteira de estrutura encaixada.



Fonte: Texto: Z08_8A_25M_02

Leitura do trecho destacado: Passemos então a internacionalização da Amazônia.

Na Figura 11, podemos notar a ausência não convencional da vírgula em ambas as fronteiras da estrutura encaixada “então”. Segundo o algoritmo de formação proposto por Nespor e Vogel (1986), estruturas não ligadas à sentença raiz constituem fronteira de I por si próprias, podendo ser essas estruturas inserções parentéticas como a estrutura destacada na figura 11. Dessa forma, segundo o algoritmo de formação, o enunciado poderia ser organizado prosodicamente como em (14) e reestruturado como em (14’ e 14’’).

14. [Passemos] I [então] I [a internacionalização da Amazônia] I (Z08_8A_25M_02).
 14’. [Passemos então a internacionalização da Amazônia] I.
 14’’. [Passemos então] I [a internacionalização...]I

Como podemos ver em (14), a estrutura sintática “então” forma uma I; no entanto, há outras possibilidades de organização, como podemos ver em (14’) e (14’’). As fronteiras prosódicas da estrutura podem ser reorganizadas tendo em vista a sua extensão. Por ser uma estrutura curta (2 sílabas), pode-se juntar às Is adjacentes, formando apenas uma I, o que demonstra a tendência semelhante à apontada por Ghini (1993) para o italiano de que, na língua, estruturas menores podem se transformar em estruturas maiores para que haja um balanceamento entre as estruturas linguísticas do enunciado. Esse passo metodológico foi relevante, pois, permitiu ter um critério para reanalisarmos prosodicamente os dados de vírgula em esquema duplo e, assim, tivéssemos outra interpretação dos dados que se referem aos usos e não usos da vírgula em fronteiras distintas de I. Sendo assim, considerar todas as possibilidades de realização prosódica de uma estrutura, mesmo que essa seja um dado de escrita e não de fala, permite ampliarmos o olhar para o objeto de estudo e enxergarmos sua complexidade analítica, mostrando, assim, que a ausência de vírgulas na escrita pode ter motivações prosódicas como a reestruturação; o que corrobora a hipótese de que a ausência de fronteira de I leva à ausência de vírgulas na escrita, por isso, se torna relevante considerar as possibilidades de realização da estrutura sintática.

Na descrição e análise dos dados, próximo capítulo desta dissertação, foram quantificadas as fronteiras prosódicas para que pudéssemos identificar regularidades entre as

fronteiras de emprego de vírgula em esquema duplo e os domínios prosódicos a partir de Nespor e Vogel (1986).

Ao final do processo de levantamento e identificação das estruturas sintáticas em que é possível o uso da vírgula em esquema duplo, os dados foram submetidos à análise estatística. Tendo em vista que nossas variáveis quantitativas são categóricas, ajustamos modelos de Regressão Logística¹¹ e modelos de Regressão Multinomial¹².

¹¹ O modelo de Regressão Logística é uma análise que permite estimarmos a probabilidade de ocorrência de um determinado evento defronte a um conjunto de variáveis explanatórias. Nesse modelo, a variável resposta é *binária*.

¹² A regressão logística multinomial é um modelo linear em extensão à regressão logística binomial. Esse modelo de regressão permite prever uma variável dependente categórica que tem mais de dois níveis e, assim como qualquer outro modelo de regressão, pode ser prevista usando uma ou mais variáveis independentes que podem ser do tipo nominal, ordinal ou contínua.

4. DESCRIÇÃO E ANÁLISE DE USOS DE VÍRGULAS

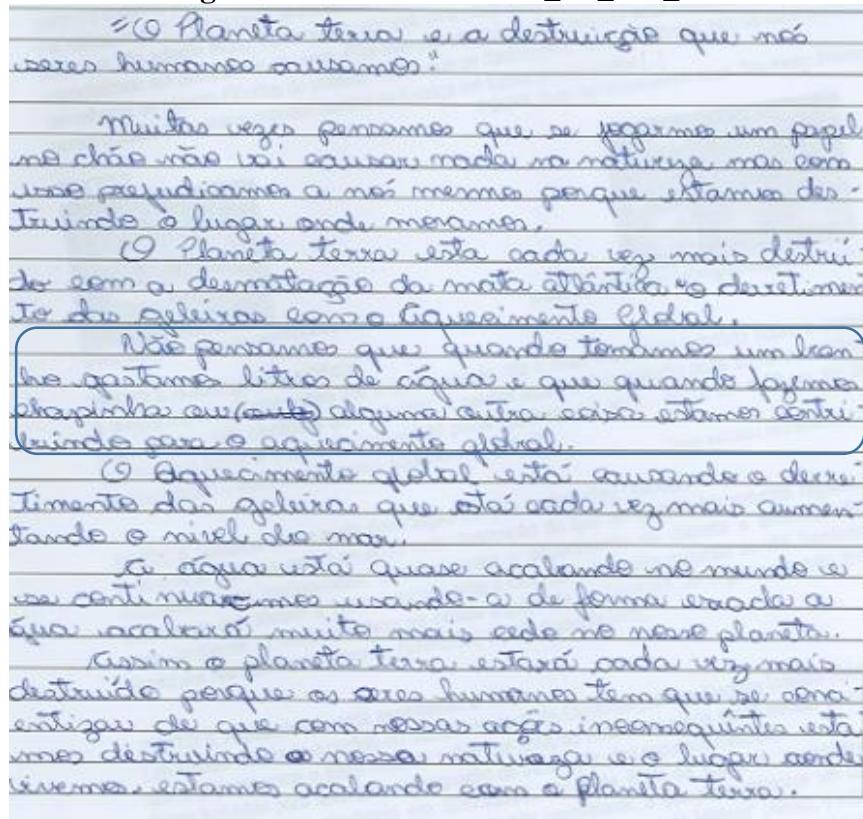
Neste capítulo, temos por objetivo descrever e analisar, do ponto de vista sintático e prosódico, o emprego convencional e não convencional da vírgula em esquema duplo, além de apontar tendências quanto a esses empregos em textos do último ano do EFII. O capítulo divide-se em três principais seções. Em 4.1, buscamos demonstrar, por meio de textos retirados do material, a complexidade envolvida no objeto desta pesquisa, as vírgulas em esquema duplo. Em 4.2, há descrição das características sintáticas do emprego de vírgulas em esquema duplo; já em 4.3, descrição das características prosódicas dessas vírgulas a partir da estrutura sintática previamente identificada.

4.1 Um olhar analítico para a complexidade sintática e prosódica dos dados

Como vimos na subseção 2.4, algumas decisões metodológicas foram tomadas ao longo da pesquisa para classificar dados de vírgula em esquema duplo que, a princípio, apenas observando a estrutura sintática, enfrentávamos dificuldades. Esta seção trata de textos selecionados para análise qualitativa, a fim de demonstrar a complexidade sintática, prosódica e semântica envolvida no emprego de vírgulas em esquema duplo. Caracteriza-se, assim, a complexidade do objeto de investigação e explicita-se como foram articuladas decisões teórico-metodológicas no desenvolvimento da investigação.

Essa caracterização é iniciada a partir do texto a seguir apresentado.

Figura 12. Fonte: Texto Z08_8B_20F_05



Leitura do trecho destacado: não pensamos que quando tomamos um banho gastamos litros de água e que quando fazemos chapinha ou alguma outra coisa estamos contribuindo para o aquecimento global.

No texto acima, o aluno discorre sobre a destruição que nós, seres humanos, causamos no planeta Terra até mesmo sem perceber, sem pensar que pequenas atitudes, como jogar papel no chão, podem fazer uma grande diferença para o meio ambiente e, assim, contribuir para a destruição do planeta. Nesse sentido, destacamos o terceiro parágrafo do texto, mais especificamente, o trecho “não pensamos que quando tomamos um banho gastamos litros de água e que quando fazemos chapinha ou alguma outra coisa estamos contribuindo para o aquecimento global”. Identificamos quatro partes nesse trecho, nomeadas por A, B, C e D as quais mantêm relações entre si, como sistematizadas em (15).

15. [não pensamos que [[quando tomamos um banho] **A** gastamos litros de água] **B** e que [quando fazemos chapinha ou alguma outra coisa] **C** estamos contribuindo para o aquecimento global] **D**.

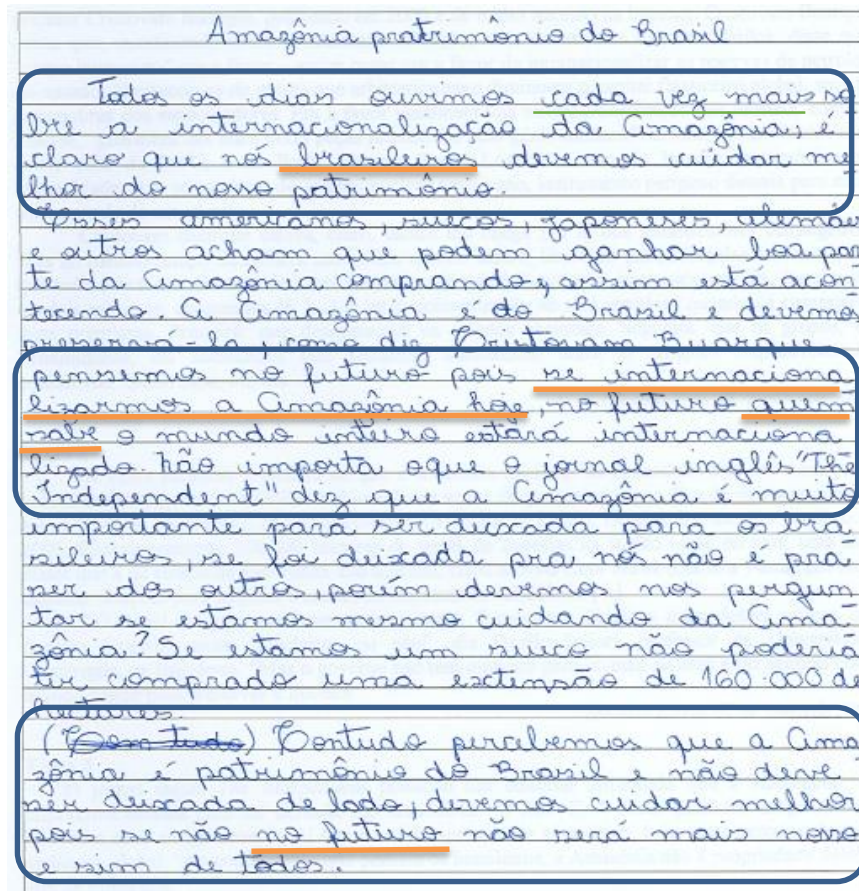
As estruturas em questão são “quando tomamos um banho” e “quando fazemos chapinha ou alguma outra coisa”, ambas orações subordinadas adverbiais temporais. Destacamos essas duas estruturas para análise a fim de demonstrar que foi preciso considerar a

organização de todo o texto, e não apenas o trecho destacado, uma das decisões metodológicas tomadas para análise sintática dos enunciados (cf. seção 2.1). Essa decisão permite identificar a organização hierárquica entre as estruturas sintáticas.

Nesse exemplo, observamos duas estruturas deslocadas “quando tomamos banho” e “quando fazemos chapinha ou alguma outra coisa” que ocorrem em orações subordinadas coordenadas entre si, por meio de “e” “não pensamos que gastamos litros de água e (assim) estamos contribuindo para o aquecimento global”. Em ambas as estruturas, há uso não convencional da vírgula: tanto a fronteira direita quanto a fronteira esquerda da estrutura sintática não foram delimitadas pelas vírgulas. Interpretamos que essas estruturas foram deslocadas da ordem canônica da frase porque a aluna considera que tomar banho e fazer chapinha no cabelo são atitudes tão corriqueiras no dia a dia que a pessoa pode não se dar conta de que contribuem significativamente para o aquecimento global. Sendo assim, a aluna desloca as duas orações adverbiais temporais para a esquerda a fim de dar ênfase aos fatos apresentados, destacando-os, já que argumenta ser preciso ter outro olhar para essas pequenas atitudes que podem ser simples, mas que causam um grande impacto, como o aquecimento global. Ademais, nesse trecho, também observamos que a aluna desloca as duas estruturas sintáticas para o interior da sentença, tendo em vista que há uma organização temporal dessas duas ações no mundo (“tomar banho” e “fazer chapinha”), uma vez que o desperdício de água e o aquecimento global são consequências dessas duas ações. Nesse exemplo, demonstramos a complexidade de análise sintática para a identificação do lugar da vírgula, o objeto desta pesquisa.

O mesmo grau de complexidade pode ser visto no exemplo que trazemos no texto da figura a seguir.

Figura 13. Fonte: Texto Z08_8A_18F_02



Leitura dos trechos destacados: Todos os dias ouvimos cada vez mais sobre a internacionalização da Amazônia, é claro que nós brasileiros devemos cuidar melhor do nosso patrimônio. / pois se internacionalizarmos a Amazônia hoje, no futuro quem sabe o mundo inteiro estará internacionalizado. / devemos cuidar melhor, pois se não no futuro não será mais nosso.

Desse texto, destacamos três trechos de três parágrafos diferentes em que encontramos, no total, seis estruturas sintáticas que mobilizam o emprego da vírgula em esquema duplo (“cada vez mais”, “brasileiros”, “se internacionalizarmos a Amazônia hoje”, “quem sabe” e “no futuro”). No primeiro trecho, há um uso não convencional (ausência-ausência) da vírgula nas fronteiras sintáticas de “cada vez mais”, um adjunto adverbial deslocado da ordem canônica da sentença no português. Ainda no primeiro trecho, há um outro uso não convencional da vírgula nas fronteiras sintáticas de “brasileiros”, uma estrutura encaixada, aposto. Já no segundo trecho, há uso não convencional da vírgula (ausência-presença) nas fronteiras sintáticas de “se internacionalizarmos a Amazônia hoje”, estrutura sintática deslocada da ordem canônica da sentença. Entretanto, logo em seguida, o aluno desloca um adjunto adverbial “no futuro” que, nesse caso, não está em esquema duplo de vírgulas e, ainda, em seguida, apresenta uma estrutura encaixada em esquema duplo “quem sabe”. A partir desse trecho, observamos certa hierarquização das partes do enunciado de modo que interpretamos que o aluno argumenta

sobre as consequências que os brasileiros terão se concordarem com a internacionalização da Amazônia. O trecho, na ordem direta da sentença, seria: “pois o mundo inteiro estará internacionalizado no futuro quem sabe, se internacionalizarmos a amazônia”. Por fim, no terceiro trecho, temos um dado complexo assim como o anterior, por apresentar vários deslocamentos simultaneamente. Desse trecho, destacamos o uso não convencional da vírgula em fronteiras sintáticas de “no futuro”, adjunto adverbial temporal. O trecho, na ordem direta da sentença, seria: “devemos cuidar melhor (da amazônia) pois (ela) não será mais nosso no futuro e (será) sim de todos se não (a cuidarmos)”. Para que classificássemos esse dado, foi preciso levar em consideração a organização textual, pois, os vários deslocamentos tornam difícil identificar a estrutura sintática que demanda vírgulas em esquema duplo.

Nesse texto, são poucas as fronteiras sintáticas sinalizadas pela vírgula em esquema duplo e há apenas um uso não convencional em “se internacionalizarmos a amazônia hoje,”. Nesse dado, interpretamos o uso da vírgula apenas na fronteira direita da estrutura sintática como uma forma de o aluno enfatizar e contrastar a relação de tempo entre “hoje” com “no futuro”, como veremos mais detalhadamente na análise prosódica abaixo. Os demais dados, ausências de vírgula em ambas as fronteiras da estrutura sintática, são interpretados como resultados de como o aluno estabelecer “blocos/partes” de sentido no texto, gerando certo ritmo da escrita, nos termos de Chacon (1998), assunto sobre o qual trataremos mais à frente.

Até aqui, discorreremos sobre as características sintáticas das estruturas destacadas do texto. A seguir, passamos à possível relação entre as fronteiras dessas estruturas sintáticas com fronteiras prosódicas. Para isso, consideremos os exemplos de (16) a (19), em que são indicadas as fronteiras prosódicas de I a partir do algoritmo de formação e, em seguida, outra possibilidade de organizar essas fronteiras prosódicas a partir do algoritmo de reestruturação desse domínio prosódico.

16. [Todos os dias ouvimos] I Ø [cada vez mais] Ø I [sobre a internacionalização da amazônia] I.
17. [é claro que] I [nós] I Ø [brasileiros] I Ø [devemos cuidar melhor da amazônia] I.
18. [pensemos no futuro] I [pois] I Ø [se internacionalizarmos a amazônia hoje,] I [no futuro] I [quem sabe] I [o mundo inteiro estará internacionalizado] I.
19. [devemos cuidar melhor] I [pois] I [se não] I Ø [no futuro] Ø I [não será mais nossa] I.

Possibilidade de reestruturação

16'. [Todos os dias ouvimos \emptyset cada vez mais \emptyset sobre a internacionalização da amazônia] I.

17'. [é claro que nós \emptyset brasileiros \emptyset devemos cuidar melhor da amazônia] I.

18'. [pensemos no futuro] I [pois \emptyset se internacionalizarmos a amazônia hoje.] I [no futuro] I [quem sabe] I [o mundo inteiro estará internacionalizado] I.

19'. [devemos cuidar melhor] I [pois se não \emptyset no futuro \emptyset não será mais nossa] I¹³.

A análise prosódica dos exemplos em que as estruturas sintáticas são ou deveriam ser delimitadas por vírgulas é feita a seguir. Em (16), o enunciado não delimitado por vírgulas (sublinhado) constitui uma I que, dada sua curta extensão (5 sílabas), é passível de reestruturação, a partir do algoritmo de reestruturação de I, como indicado em (16'). O mesmo se observa no exemplo seguinte. Em (17), também é possível a reestruturação da I, a estrutura “os brasileiros” leva a uma única I a sentença “é claro que nós brasileiros devemos cuidar melhor da amazônia”, como visto em (17'). As ausências de vírgulas se verificam quando é possível prever a reestruturação de fronteiras de I. Em (18), a curta extensão da I “pois” favorece a reestruturação à I que lhe é adjacente “se for internacionalizada hoje”, entretanto essa I, devido à sua longa extensão (11 sílabas) não favorece a reestruturação da oração com a outra I adjacente. Sendo assim, notamos que não é possível reestruturar a fronteira direita da estrutura em análise (sublinhado no exemplo). A ausência de vírgula se dá justamente onde é prevista a reestruturação da fronteira de I e a presença, onde não é prevista a reestruturação da fronteira, como indicado em (18'). Além disso, a relação semântica de contraste entre “hoje” e “no futuro” favorece a presença da vírgula, sinal que representa essa relação entre as porções do enunciado delimitadas por vírgula: “se internacionalizarmos a Amazônia hoje, no futuro quem sabe”. Em (19), a curta extensão do adjunto adverbial de tempo “no futuro”, formada por quatro sílabas, favorece a reestruturação com as Is que lhe são adjacentes tanto à esquerda “se não” quanto à direita “não será mais nossa”, como se observa em (19').

Dessa análise, verifica-se a complexidade tanto sintática quanto prosódica do emprego de vírgula em esquema duplo, pois se observa que as fronteiras sintáticas não necessariamente são isomórficas às fronteiras prosódicas. Demonstra-se, assim, a relevância da configuração do

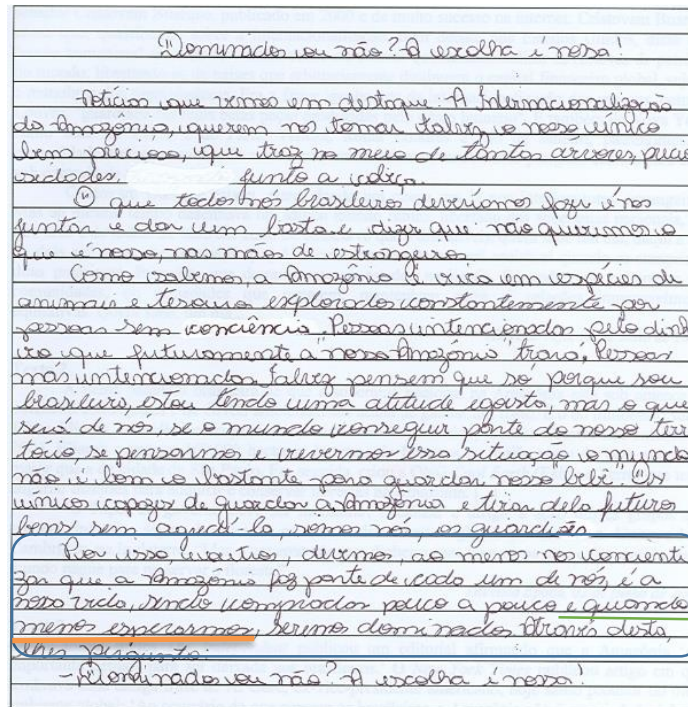
¹³ Em todos esses exemplos, consideramos o papel do tamanho da estrutura (fator extensão), entretanto, é válido destacar que pode haver relações mais complexas para além do tamanho da estrutura, o que implica na reestruturação. Neste trabalho, tendo tomada a decisão metodológica de considerar a extensão como fator relevante de análise, foi possível prever a possibilidade de reestruturação nesses casos.

enunciado quanto ao seu tamanho, fator de natureza fonológica, e quanto à proeminência contrastiva, fator de natureza semântica. Veremos mais detalhadamente essas características em seção subsequente neste Capítulo.

Como vimos, neste texto, o que prevalece é o uso não convencional pela ausência nas duas fronteiras sintáticas da estrutura em esquema duplo. Desses dados, houve apenas uma presença da vírgula; entretanto, um uso não convencional, tendo em vista que o emprego foi apenas na fronteira direita da estrutura sintática. Vimos, também, que essas fronteiras sintáticas coincidiram com fronteiras do domínio prosódico I e que, quando não, houve a possibilidade de reestruturação dessas estruturas prosódicas. Essas ausências, de um ponto de vista tradicional, poderiam ser vistas como “erro de pontuação”; entretanto, nesta pesquisa, as ausências da vírgula em esquema duplo são interpretadas como consequência da circulação dos alunos pela dimensão fônica da linguagem, a partir de Chacon (1998). Esses dados, além de mostrar que as fronteiras sintáticas não necessariamente são isomórficas às fronteiras prosódicas, também mostram que as dimensões da pontuação atuam simultaneamente, como propõe Chacon (1998), na medida em que os não usos da vírgula atuam tanto na dimensão sintática quanto na dimensão fônica da linguagem, duas das dimensões investigadas nesta dissertação.

Além dessa complexidade sintática e prosódica do uso da vírgula em esquema duplo, apontadas a partir da figura anterior, essa complexidade do uso da vírgula, também, pode estar relacionada à organização textual do aluno. Na figura a seguir, encontra-se destacado um trecho do texto que mostra essa complexidade:

Figura 14. Fonte: Texto Z08_8C_02F_02



Leitura do trecho destacado: Por isso, e outros, devemos, ao menos nos conscientizar que a Amazônia faz parte de cada um de nós, é a nossa vida, sendo compradas pouco a pouco e quando menos esperarmos, seremos dominados.

Deste texto, destacamos a seguinte estrutura “quando menos esperarmos”, oração subordinada adverbial temporal deslocada da ordem canônica da sentença no PB. Nessa estrutura, observamos o uso não convencional da vírgula, uma vez que apenas a fronteira direita da estrutura sintática é sinalizada pela vírgula. Para interpretar essa ausência-presença de vírgula passamos a considerar o texto desde seu início. Observamos que o escrevente descreve o que está acontecendo com relação à Amazônia; a questão da internacionalização e a visão de lucro, rentabilidade que a Amazônia pode trazer. E, logo após um longo parágrafo, faz um parágrafo de menor extensão que conclui sua argumentação. Nesse parágrafo escreve: “é a nossa vida, sendo compradas pouco a pouco”. Interpretamos esse trecho como o enunciado que, para o aluno, resume o que já havia escrito, ou seja, explicita ao leitor que é preciso estar mais atento para o que está ocorrendo na Amazônia, pois, de certa forma, afeta a todos, na medida em que, nossas vidas estão sendo compradas pouco a pouco. O aluno, ao longo do parágrafo anterior, empregou uma organização rítmica textual, na medida em que elencou, para o leitor, fatos sobre o que está acontecendo na Amazônia, argumentado sobre ações desencadeadas pelo interesse econômico, e o período “quando menos esperarmos” faz parte dessa organização entre fatos e consequências que se organizam no tempo e que, da perspectiva do aluno, leva a uma consequência negativa por ele defendida. Interpretamos que a ausência de vírgula na fronteira

esquerda do esquema duplo e a presença na fronteira direita tem o efeito de encerrar esse aspecto temporal, para afirmar, posteriormente, que “seremos dominados” se as coisas continuarem como estão e se não enxergarmos o que realmente ocorre. Assim, todas as ações temporais descritas ao longo do texto terminam com a dominação do ser humano. Interpretamos, dessa forma, o uso da vírgula na fronteira direita da estrutura sintática como marca de uma organização temporal do texto, ou seja, há uma organização do tempo das ações no mundo que traz um sentido para o texto do aluno.

Esta descrição de presenças e ausências de vírgulas tendo o texto como unidade de análise mais ampla visa sustentar nossa afirmação de que há relação da vírgula com a organização textual dos enunciados. Essa descrição, somada à caracterização, feita anteriormente, da atuação de fatores como extensão dos constituintes e proeminência contrastiva permite explicitar a complexidade dos usos e não usos da vírgula, o objeto desta investigação.

Dessa maneira, em continuação aos textos apresentados desde o início desta seção, podemos enxergar que, além da atuação do uso e não uso da vírgula na dimensão sintática e fônica da linguagem, há atuação, também, na dimensão textual, como vimos no último texto exemplificado. Nesse texto, a oração subordinada adverbial “quando menos esperarmos” se encontra topicalizada na sentença e não sinalizada pelas duplas vírgulas, o que interpretamos, também, como a atuação do aluno na dimensão textual da pontuação, mesmo esse uso sendo não convencional. Essa observação vai ao encontro do que apontamos no Capítulo 1 (cf. seção 1.3), que, mesmo não priorizando a descrição das dimensões textual e enunciativa, essas dimensões atuam simultaneamente (CHACON, 1998) e são explicitadas no decorrer da análise dos dados. Essa atuação da vírgula em diversas dimensões da linguagem corrobora a tese de Chacon (1998) sobre vírgulas, um objeto linguístico complexo.

Passamos, na próxima seção, à descrição de características sintáticas das estruturas identificadas.

4.2 Descrição e análise de estruturas sintáticas

Nesta seção, fazemos descrição e análise das características das estruturas sintáticas investigadas, tendo em vista o objetivo específico de analisar as estruturas recorrentes nos textos para identificar tendências dos usos e não usos da vírgula em esquema duplo. Para isso, consideremos, primeiramente, a Tabela 1, na qual se têm as frequências absolutas e percentuais calculadas para o conjunto de 381 dados de vírgulas em esquema duplo levantados.

Tabela 1. Usos e não usos de vírgula em esquema duplo

Uso de vírgulas	Nº de ocorrências	%
Convencional	048	12,6
Não convencional	333	87,4
TOTAL	381	100

Fonte: elaboração própria

Constata-se que predomina o uso não convencional da vírgula em estruturas que demandam vírgulas em esquema duplo (87,4% dos dados). Apenas 12,6% dos dados são classificados como usos convencionais, por haver vírgulas em ambas as fronteiras. Passaremos à análise desses dados.

Na Tabela 2, mostramos os usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema duplo em fronteiras sintáticas de deslocamento e encaixamento.

Tabela 2. Vírgulas e tipos de estruturas sintáticas

Usos de vírgulas	Tipos de estruturas sintáticas		Totais (%)
	Deslocamento	Encaixamento	
Convencional	012	036	048 (12,6)
Não convencional	221	112	333 (87,4)
TOTAIS	233 (61,2%)	148 (38,8%)	381 (100)

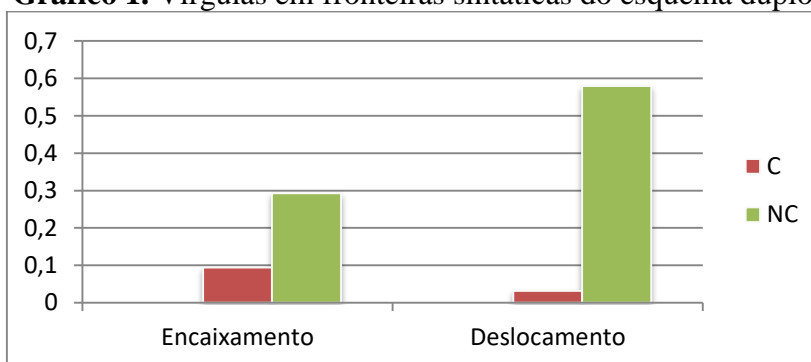
Fonte: elaboração própria

As frequências mostram que, no corpus investigado, são mais recorrentes estruturas sintáticas de deslocamento (61,2%) do que de encaixamento (38,8%); no entanto, em ambos os contextos sintáticos, prevalece o uso não convencional da vírgula. Em fronteiras de deslocamento, são 5,1% de usos convencionais ante 94,9% de usos não convencionais, ou seja, os usos não convencionais são vinte vezes maiores. Em fronteiras de encaixamento, as ocorrências convencionais são 24,3% e as não convencionais 75,7%, representando essas o triplo em relação aos usos convencionais. Dessa forma, em nenhuma das estruturas, seja de deslocamento seja de encaixamento, os alunos tendem a empregar as vírgulas convencionalmente, mas há mais usos convencionais em encaixamentos.

Esses resultados já eram esperados, em certa medida, tendo por base Carvalho (2019), que analisou dados de vírgula em esquema simples em textos do gênero relato. Segundo a autora, “[...] o uso da vírgula em fronteiras de deslocamento em esquema simples constitui igualmente contexto problemático na escrita de alunos do EFII do ponto de vista sintático” (2019, p.133). Dessa forma, seja em esquema duplo ou em esquema simples, os alunos tendem a não empregar vírgulas convencionalmente. O levantamento de dados que fizemos aponta para resultados convergentes aos de Carvalho (2019, p. 133), que afirmou: “[...] os alunos chegam ao final do EFII sem ter adquirido regra sintática de uso da vírgula em fronteira de deslocamento”.

Ainda Carvalho (2019), a partir de análise quantitativa das ocorrências em fronteiras de deslocamento e encaixamento, elaborou um gráfico (Gráfico 10, ‘Médias dos usos de vírgulas convencionais e não convencionais em esquema duplo por ano letivo’, p.131) em que levantou duas regularidades em relação aos usos de vírgulas em esquema duplo e, uma delas, refere-se ao 9º ano. Nesse caso, segundo a autora: “[...] no 9º ano, as médias [média do emprego convencional (0,034) e do emprego não convencional (0,42) se distanciam entre si, sendo o uso não convencional muito superior em função do uso convencional” (2019, p.132). Essa regularidade pode ser notada nas ocorrências analisadas que sustentam a proposta desta pesquisa, conforme mostra o Gráfico 1, elaborado a partir das frequências percentuais da Tabela 2.

Gráfico 1. Vírgulas em fronteiras sintáticas do esquema duplo.



Fonte: elaboração própria. C: Uso convencional; NC: uso não convencional por ausência.

De um viés quantitativo, pode-se notar, no Gráfico 1, que o uso não convencional da vírgula se sobressai ao uso convencional, distanciando significativamente dos usos de vírgula em esquema duplo. Esse gráfico, a partir de textos argumentativos, mostra tendência semelhante àquela apontada por Carvalho (2019), para dados de gênero relato, de que as médias

dos usos de vírgula em esquema duplo não se aproximam ao final do EFII e de que “[...] quando estruturas em esquema duplo emergem nos textos da amostra, suas fronteiras não são delimitadas convencionalmente pela vírgula, em especial, ao final do EFII” (2019, p.132).

Um dos fatores que podem contribuir para esse aumento de estruturas deslocadas e encaixadas nos anos finais é o gênero. Nesta pesquisa, o artigo de opinião é investigado, visando ampliar o conjunto de resultados acerca das regularidades das vírgulas no fim do EFII. Lembramos que, dentre o conteúdo programático previsto para o 9º ano do EFII, na Proposta Curricular do estado de São Paulo (2008), está a leitura e produção de texto de gêneros argumentativos aliado ao estudo da pontuação, do período composto por coordenação e por subordinação. Nos dados longitudinais, Carvalho (2019) afirma haver indícios de emergência de estruturas deslocadas como adjuntos adverbiais (“um dia”), orações subordinadas adverbiais temporais (“quando vamos tomar banho”) e subordinadas adverbiais condicionais (“se acordarmos agora”). Esse aumento de estruturas sintáticas que demandam vírgulas em esquema duplo no último ano do EFII não significa uso convencional dessas vírgulas, o que levou a autora ponderar que “[...] há, portanto, certa complexidade envolvida no emprego da vírgula em esquema duplo, o que contribui para a conclusão de que a informação sintática não é suficiente para garantir que a vírgula, no contexto mencionado, seja utilizada de forma convencional” (2019, p.138).

Ainda em relação à dimensão sintática da vírgula em esquema duplo, na Tabela 3, abaixo, mostramos os números e os percentuais dos tipos de emprego da vírgula em cada uma das estruturas sintáticas mobilizadas:

Tabela 3. Tipos de ocorrências de vírgula em fronteiras sintáticas de esquema duplo

	Deslocamento	Encaixamento	TOTAL %
Presença-Presença	12	36	48 (12,6)
Ausência-Ausência	184	77	261 (68,5)
Ausência-Presença	20	17	37 (09,6)
Presença-Ausência	17	18	35 (09,2)
TOTAL	233 (61,2%)	148 (38,8%)	381 (100)

Fonte: elaboração própria

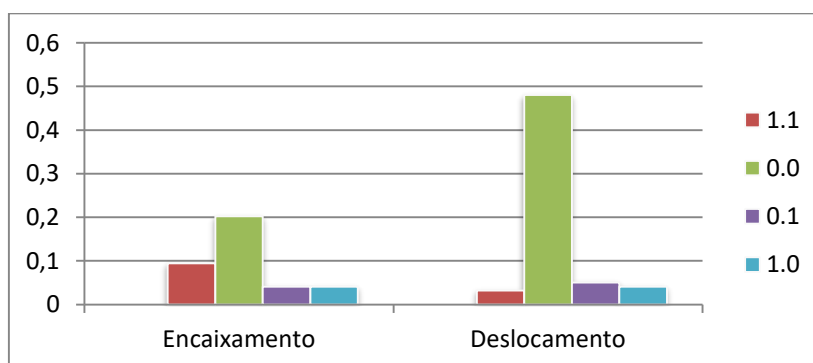
Na Tabela 3, confrontam-se os dados das tabelas 1 e 2 de modo que se visualizam em que estruturas sintáticas há maior ausência de vírgulas. Quanto a essas ausências, constata-se que predomina (68,5%) a ausência de vírgulas em ambas as fronteiras dos dados. Em menor

número de ocorrências, há dados em que vírgulas não são usadas em uma das fronteiras, totalizando 18,8% dos dados. Quanto às estruturas sintáticas, constata-se que:

- (i) em estruturas deslocadas e encaixadas, predomina (68,5%) a ausência das vírgulas nas fronteiras direita e esquerda da estrutura sintática (Ausência-Ausência), mas há mais ocorrências de estruturas deslocadas (78,9%) sem serem delimitadas por vírgulas;
- (ii) em estruturas deslocadas, há, em menor frequência, usos de vírgulas em apenas uma das duas fronteiras (8,5% de Ausência-Presença; 7,3% de Presença-Ausência);
- (iii) em estruturas encaixadas, há vírgula, em menor frequência, tanto na fronteira direita (11,4% de Ausência-Presença) quanto na esquerda (12,1% de Presença-Ausência), ou seja, há ausência de vírgulas em uma das fronteiras sintáticas.

Nas próximas subseções, analisaremos esses dados. Passemos ao Gráfico 2 abaixo que explicita a distribuição percentual.

Gráfico 2. Distribuição percentual de vírgulas em função do tipo de fronteira em esquema duplo



Fonte: elaboração própria.

Nesse gráfico, a partir da distribuição dos dados, visualizamos que as proporções (representadas pelas barras) se distanciam entre si tanto no uso convencional quanto no uso não convencional, a depender da estrutura sintática, sugerindo que há relação de diferença entre as variáveis tipo de fronteira sintática (deslocamento ou encaixamento) e a tipologia dos usos da vírgula em esquema duplo.

A fim de investigar se há amparo estatístico para inferir a distinção observada, ajustamos um modelo de regressão logística. Para visualização dos resultados, consideremos a tabela abaixo.

Tabela 4. Resultado da Regressão Logística para verificar associação entre os tipos de usos da vírgula e estruturas sintáticas

Coefficients:			
	Estimate	CI	p value
	(log odds)		
(Intercept)	2.9133	2.38 – 3.55	<0.001
Estrutura_sintatica_encaixamento	-1.7783	-2.51 - -1.11	<0.001
Observations: 381			
R² TJur: 0.079			

Fonte: elaboração própria.

Na Tabela 4 acima, apresentamos o *output* gerado a partir do modelo de regressão logística, em que temos como coeficientes o β “Estimate”, dado em *log odds*, o intervalo de confiança “CI” e o valor-p “*p value*”, a partir dos quais, interpretamos os resultados do modelo.

O valor do *Estimate* para o *Intercept*¹⁴ indica que, nesses dados, as chances, em *log odds*¹⁵, de haver usos não convencional da vírgula em estrutura sintática de deslocamento é de [2.91], o que, em probabilidade, indica 95% de chances de ocorrência, ou seja, há grande probabilidade de o uso ser não convencional em estruturas deslocadas. Já para as estruturas encaixadas, vemos que as chances de haver uso não convencional da vírgula diminuem em [-1.77] *log odds*, ou seja, as chances de ocorrer são de [1.14] o que, em probabilidade, indica 76% de chances de ocorrência. Esses resultados embasam a interpretação de que as chances de o uso das vírgulas ser não convencional em estrutura encaixada é menor em relação às chances de haver esse uso não convencional em estruturas deslocadas, embora seja alta a probabilidade de o uso ser não convencional nessas estruturas. Quanto ao intervalo de confiança (CI), os valores do estimate encontram-se dentro da estimativa. Por fim, no que se refere ao valor-p, ambos <0.001, atestam a significância estatística do modelo de regressão. Esses dados oferecem respaldo no modelo estatístico para afirmarmos que o tipo de estrutura sintática é relevante para descrição do uso da vírgula nos enunciados da amostra. Embora ambas as estruturas sintáticas sejam relevantes, como vimos, constatamos que as chances de usos não convencionais das vírgulas são maiores quando a estrutura é deslocada. Esse resultado corrobora a nossa hipótese

¹⁴ *Intercept*: É a média do valor esperado para Y quando X for igual à zero.

¹⁵ *Log Odds*: Logaritmo de *odds*, definido como a probabilidade de sucesso e de fracasso de um evento.

de que as estruturas deslocadas representam contexto mais complexo para a colocação de vírgulas em textos do EF.

Interessa-nos, ainda, encontrar amparo estatístico para a distinção observada entre as tipologias de uso da vírgula em esquema duplo e a estrutura sintática, a partir das informações dispostas no Gráfico 2.

Retomando o gráfico, observamos, em um primeiro momento, a distribuição dos dados. Nessa distribuição, as proporções se distanciam entre si tanto nas ausências não convencionais (tipo 0-0) quanto nas presenças convencionais (tipo 1-1). No que se refere às ausências da vírgula (tipo 0-0), constatamos que, em proporções, essas são maiores nas estruturas deslocadas do que nas encaixadas. No tocante às presenças da vírgula (tipo 1-1), observamos o inverso do que foi visto para os casos de ausências da vírgula, pois a presença da vírgula é maior nas estruturas encaixadas do que nas deslocadas. Já nos demais tipos de combinação de ausências e presenças da vírgula (tipos 0-1 e 1-0), não visualizamos diferença significativa entre as médias, consideradas as estruturas sintáticas de deslocamento e encaixamento.

Tendo vista a diferença essa distribuição dos dados, ajustamos o modelo de Regressão Logística Multinomial. Para visualização dos resultados, consideremos a tabela abaixo.

Tabela 5. Modelo de Regressão Logística Multinomial para verificar associação entre as tipologias de uso da vírgula em esquema duplo e a estrutura sintática

Coefficients:				
	Estimate <i>(log odds)</i>	CI	p value	Response
Intercept:	2.72	2.13-3.30	<0.001	0-0
Encaixamento	-1.93	-2.64 - -1.23	<0.001	0-0
Intercept:	0.56	-0.15 – 1.27	0.122	0-1
Encaixamento	-1.37	-2.29 - -0.45	0.004	0-1
Intercept:	0.41	-0.32 – 1.14	0.277	1-0
Encaixamento	-1.16	-2.09 - -0.23	0.015	1-0

Observations: 381
R² Negelkerke 0.105

Fonte: elaboração própria

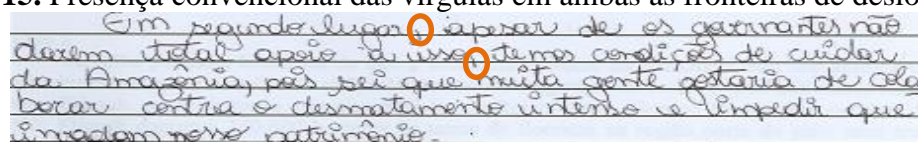
Da Tabela 5 acima, vale destacar que os valores informados são dados pelo modelo de regressão tendo como valor de referência o tipo presença-presença de vírgulas (1-1), ou seja, os usos convencionais. Desse modo, os valores apresentados relativos aos demais tipos considerados (a saber: ausência-presença [0-1], presença-ausência [1-0] e ausência-ausência [0-0]), permitem visualizar o quanto os dados não convencionais de diferentes tipos mudam em relação ao tipo convencional, nomeado presença-presença (1-1). Passemos aos comentários a cerca dos valores da tabela.

Primeiramente, atemo-nos aos valores dos slopes apresentados na tabela. Os slopes negativos [-1.93], [-1.37] e [-1.16] de todas as três combinações possíveis de presença/ausência não convencional da vírgula mostram que a estrutura sintática encaixamento diminui as chances de ocorrer o tipo de emprego presença-presença (1-1).

No que se refere aos valores-p <0.001 , esses indicam que a estrutura sintática deslocamento e encaixamento são relevantes para o tipo de emprego ausência-ausência (0-0) de vírgula, ou seja, as estruturas sintáticas afetam o modo como os alunos utilizam as vírgulas em esquema duplo em textos do EFII. Em probabilidade, os valores do *Estimate* e do slope para a variável resposta (0-0) indicam que as chances de haver ausência da vírgula em ambas as fronteiras do enunciado quando for estrutura deslocada é de 94% e, quando encaixada, é de 69%. Constata-se que ambas as estruturas levam à ausência da vírgula nas fronteiras do enunciado.

Feita a descrição das chances de ocorrer os tipos de combinação de vírgulas analisados, passamos a exemplificar cada uma das tipologias de uso da vírgula em esquema duplo nos dois contextos sintáticos analisados: nas figuras 15 a 18 exemplificam-se dados em estrutura sintática de deslocamento; nas figuras 19 a 22, de encaixamento.

Figura 15. Presença convencional das vírgulas em ambas as fronteiras de deslocamento.



Fonte: Texto Z08_8B_02F_02

Leitura: Em segundo lugar, **apesar de os governantes não darem total apoio a isso,** temos condições de cuidar da Amazônia, pois sei que muita gente gostaria de colaborar contra o desmatamento intenso e impedir que invadam nosso patrimônio.

Figura 16. Ausência não convencional das vírgulas em ambas fronteiras de deslocamento.

O Brasil deveria cuidar um pouco mais desse bem, pois em a falta da Amazônia o mundo todo sofreria proble mas com o ecossistema.

Fonte: Texto Z08_8A_04F_02

Leitura: O Brasil deveria cuidar um pouco mais desse bem, pois com a falta da Amazônia o mundo todo sofreria com o ecossistema.

Figura 17. Ausência não convencional da vírgula em fronteira esquerda de deslocamento.

Nós temos o incrível "poder" de destruição, mas se acordarmos agora quando tivermos uma chance e conseguiremos reverter esse processo, que pode custar a vida de um filho ou neto, na próxima geração.

Fonte: Texto Z08_8C_02F_05

Leitura: Nós temos o incrível "poder" de destruição, mas se acordarmos agora, ainda teremos uma chance e conseguiremos reverter esse processo, que pode custar a vida de um filho ou neto, na próxima geração.

Figura 18. Ausência não convencional da vírgula em fronteira direita de deslocamento.

Neste texto falarei do aquecimento global. O aquecimento global é um perigo para o nosso planeta em pouco tempo tudo que conhecemos (pessoas, cidades, etc) poderá acabar, desaparecer.

Fonte: Texto Z08_8A_18F_02

Leitura: O aquecimento global é um perigo para o nosso planeta, em pouco tempo tudo que conhecemos (pessoas, cidades, etc) poderá acabar, desaparecer.

Figura 19. Presença convencional das vírgulas em ambas fronteiras de encaixamento.

Inesah e noah de israel, Joham Eliash, conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido, em outubro de 2005, comprou...

Fonte: Texto Z08_8A_24M_02

Leitura: Joham Eliash, conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido, em outubro de 2005, comprou [...]

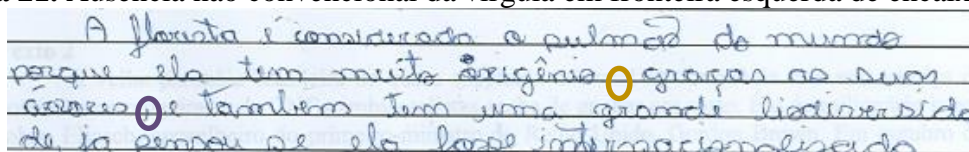
Figura 20. Ausência não convencional das vírgulas em ambas fronteiras de encaixamento.

A Amazônia é um dos bens mais preciosos do Brasil e creio eu do mundo, pela sua diversidade de animais, plantas, minerais e afins.

Fonte: Texto Z08_8C_04F_02

Leitura: A Amazônia é um dos bens mais preciosos do Brasil e creio eu do mundo, pela sua diversidade de animais, plantas, minerais e afins.

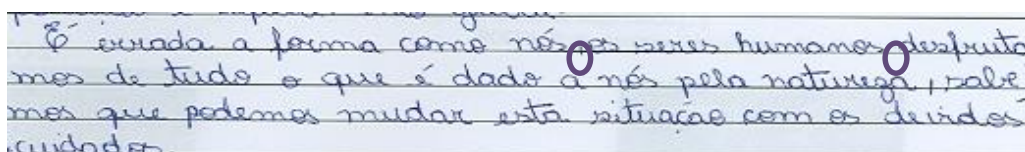
Figura 21. Ausência não convencional da vírgula em fronteira esquerda de encaixamento.



Fonte: Texto Z08_8B_34M_02

Leitura: A floresta é considerada o pulmão do mundo porque ela tem muito oxigênio graças as suas árvores, e também tem uma grande biodiversidade [...].

Figura 22. Ausência não convencional da vírgula em fronteira direita de encaixamento.



Fonte: Texto Z08_8A_18F_05

Leitura: É errada a forma como nós, os seres humanos desfrutamos de tudo o que é dado a nós pela natureza, sabemos que podemos mudar esta situação com os devidos cuidados.

A análise sintática dos exemplos em que as estruturas deslocadas são ou deveriam ser delimitadas por vírgulas é feita a seguir. Na figura (15), temos uma oração adverbial concessiva reduzida deslocada “apesar de os governantes não darem total apoio a isso”, delimitada pelas duplas vírgulas, assim, temos um uso convencional da vírgula em esquema duplo. Na Figura (16), temos ausências de vírgula em ambas as fronteiras do adjunto adverbial deslocado “um pouco mais”. Na Figura (17), temos ausência da vírgula apenas na fronteira esquerda da oração subordinada condicional deslocada “se acordarmos agora”. Na fronteira direita da estrutura, interpretamos a presença da vírgula como sendo motivada pelo contraste que o aluno quer dar àquela porção textual, pois, para o aluno, só haverá uma chance de reverter o quadro de destruição da Amazônia se acordarem “agora” e, não, em outro momento, pois, certamente, depois, para o aluno, não haverá mais tempo. Na Figura (18), a fronteira direita do adjunto adverbial temporal “em pouco tempo” não é delimitada pela vírgula, ou seja, ausência de vírgula, entretanto, a fronteira esquerda é delimitada. Nesse sentido, interpretamos a vírgula na fronteira esquerda da estrutura devido ao tamanho da oração principal anterior ao adjunto “o aquecimento global é um perigo para o nosso planeta” e a ausência na fronteira direita para não “quebrar” o fluxo do discurso do aluno, porque, “em pouco tempo” limita o fato de que “tudo que conhecemos poderá acabar”, pois, poderá acabar não amanhã ou daqui muito tempo, mas sim dentro de pouco tempo.

Passamos à análise sintática dos exemplos em que as estruturas encaixadas são, ou deveriam ter sido, delimitadas por vírgulas em esquema duplo. Na Figura (19), temos um aposto “conselheiro do primeiro ministro do Reino Unido” delimitado pelas duplas vírgulas, uso

convencional. Já na Figura (20), a estrutura encaixada “creio eu” não é delimitada por nenhuma das duplas vírgulas previstas pela convenção. Na Figura (21) há a ausência da vírgula na fronteira esquerda da estrutura sintática “graças as suas árvores” e presença na fronteira direita. Interpretamos a ausência na fronteira esquerda da estrutura, pois “graças as suas árvores”, sintaticamente, faz parte da oração anterior, uma vez que explica o fato de a amazônia ter muito oxigênio, sendo assim, a ausência pode ser explicada pelo fato de o aluno não querer “quebrar” o fluxo de seu discurso construído até aquela parte do texto. Já a vírgula na fronteira direita, a nosso ver, pode ser explicada pelo fato de que o aluno muda o tópico discursivo naquele momento da escrita; o aluno “finaliza” a explicação de a Amazônia ter muito oxigênio e passa a descrever, a partir daí, a biodiversidade da Amazônia. Por fim, na Figura (22), há ausência apenas na fronteira esquerda do aposto “os seres humanos”. Interpretamos a presença da vírgula na fronteira direita como sendo uma ênfase, dada pelo aluno, em “nós”. Já a ausência na fronteira direita pode ser interpretada pelo reconhecimento de “os seres humanos” como sendo o sujeito da oração seguinte e, nesse sentido, segundo a gramática normativa, não se separa sujeito “os seres humanos” do verbo “desfrutamos”.

Concluída a descrição das características sintáticas das estruturas consideradas, apresentamos as tendências e regularidades encontradas na amostra analisada:

- (i) As estruturas encaixadas em relação às deslocadas são menos recorrentes nos textos;
- (ii) Há o predomínio do uso não convencional pela ausência nas estruturas sintáticas deslocamento e encaixamento, ou seja, essas estruturas tendem a não serem sinalizadas pelas vírgulas nas duas fronteiras da estrutura sintática;
- (iii) O uso convencional de vírgulas tende a ser, aproximadamente, três vezes mais em fronteiras de encaixamento do que de deslocamento. Sendo assim, mesmo que a maior incidência, nos textos, seja de estruturas deslocadas, essas, quando emergem, têm menos probabilidade de serem delimitadas pelas vírgulas em esquema duplo.

Essas regularidades embasam nossa afirmação de que o tipo de estrutura sintática interfere no uso da vírgula em esquema duplo, sendo as estruturas deslocadas as que geram o contexto mais desafiador para colocação de vírgulas pelos alunos do EF.

Finalizada essa subseção, passamos à descrição das características prosódicas.

4.3 Descrição e análise de estruturas prosódicas

Nesta seção, fazemos a descrição das características prosódicas das estruturas investigadas, a fim de identificar quais estruturas prosódicas são relevantes para caracterizar tendências e regularidades dos usos e não usos da vírgula em esquema duplo. Considerando esse objetivo, apresentamos a Tabela 6 abaixo, na qual mostramos os usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema duplo em relação à fronteira de frase entoacional.

Tabela 6. Vírgulas e tipos de estruturas prosódicas

Usos de vírgulas	Tipos de estruturas prosódicas		Totais (%)
	Fronteira de I	Não fronteira de I	
Convencional	036	012	048 (12,6)
Não convencional	154	179	333 (87,4)
TOTAIS	190 (49,9)	191 (50,1)	381 (100)

Fonte: elaboração própria

As frequências mostram que em, praticamente, metade dos dados (50,1%) os lugares onde vírgulas foram ou deveriam ter sido empregadas correspondem a fronteiras distintas de I, sendo que, na maior parte das estruturas (93,7%), vírgulas não foram usadas. No que concerne aos usos convencionais de vírgula, em específico, identificamos que 9,5% do total de dados são vírgulas empregadas em fronteira de I. Esses dados correspondem a 75% dos usos convencionais da vírgula e a 19% dos usos de vírgula em fronteira de I. Quanto aos usos não convencionais, contabilizamos 87,4% dos dados, sendo 46,3% deles em fronteira de I e 53,7% em fronteiras diferentes de I. No que diz respeito aos contextos de fronteiras distintas de I, quando interpretamos ser possível a reestruturação das fronteiras de I, a partir do algoritmo proposto por Nespor e Vogel (1986), a ausência da vírgula coincidiu com ausência de fronteira de I, apesar de a fronteira sintática relevante permanecer.

Ainda em relação à dimensão prosódica da vírgula em esquema duplo, na Tabela 7, abaixo, mostramos os números e os percentuais dos tipos de emprego da vírgula em relação à coincidência ou não com fronteira prosódica, a partir da possibilidade de reestruturação das fronteiras de I.

Tabela 7. Tipos de ocorrências de vírgula em fronteiras prosódicas

Ocorrências de vírgula	Fronteira de I	Não fronteira de I	TOTAL (%)
Presença-Presença	36	12	48 (12,6)
Ausência-Ausência	114	147	261 (68,5)
Ausência-Presença	22	15	37 (09,6)
Presença-Ausência	18	17	35 (09,2)
TOTAL	190 (49,8)	191 (51,2)	381(100)

Fonte: elaboração própria

Na Tabela 7, confrontam-se os dados das tabelas 2 e 3 de modo que se visualizam, agora, como se distribuem a tipologia de presenças e ausências da vírgula com relação às fronteiras prosódicas. Quanto ao total de dados, observam-se que:

- (i) Houve 49,8% de dados em fronteira de I e 50,1% em fronteiras distintas de I em que vírgulas deveriam ser empregadas;
- (ii) Dentre o conjunto de ausência das vírgulas nas fronteiras direita e esquerda da estrutura sintática (ausência-ausência), que totaliza 68,5% dos dados, há 43,6% dos dados em fronteira de I e 56,3% de dados em que não corresponde a fronteira de I, constituindo esse um tipo de ocorrência distinta dos demais que tendem a ter o local da vírgula em fronteiras de I;
- (iii) Há, em menor frequência, usos de vírgulas em apenas uma das duas fronteiras: 9,6% de Ausência-Presença; 9,2% de Presença-Ausência, totalizando 18,8%, sendo mais de 51% (soma das duas tipologias acima apresentadas em fronteira de I com relação ao total de dados das tipologias) desses dados de ausências que coincidem com fronteira de I.

A análise prosódica dos dados nos levou a estabelecer a seguinte tendência: ausência de fronteira de I tende a gerar ausência de vírgula. Avançamos na investigação dessa tendência com base nos dados apresentados nas Tabelas 6 e 7. A distribuição dos dados nessas tabelas sugere que há relação entre as variáveis tipo de fronteira prosódica (fronteira de I e não fronteira de I) e a tipologia de usos (presença e ausências) das vírgulas. A fim de investigar se há amparo estatístico para inferir essa relação, ajustamos o modelo de Regressão Logística e obtivemos os resultados apresentados na Tabela 8.

Tabela 8. Modelo de Regressão Logística para verificar associação entre o uso não convencional da vírgula em esquema duplo e a estrutura prosódica

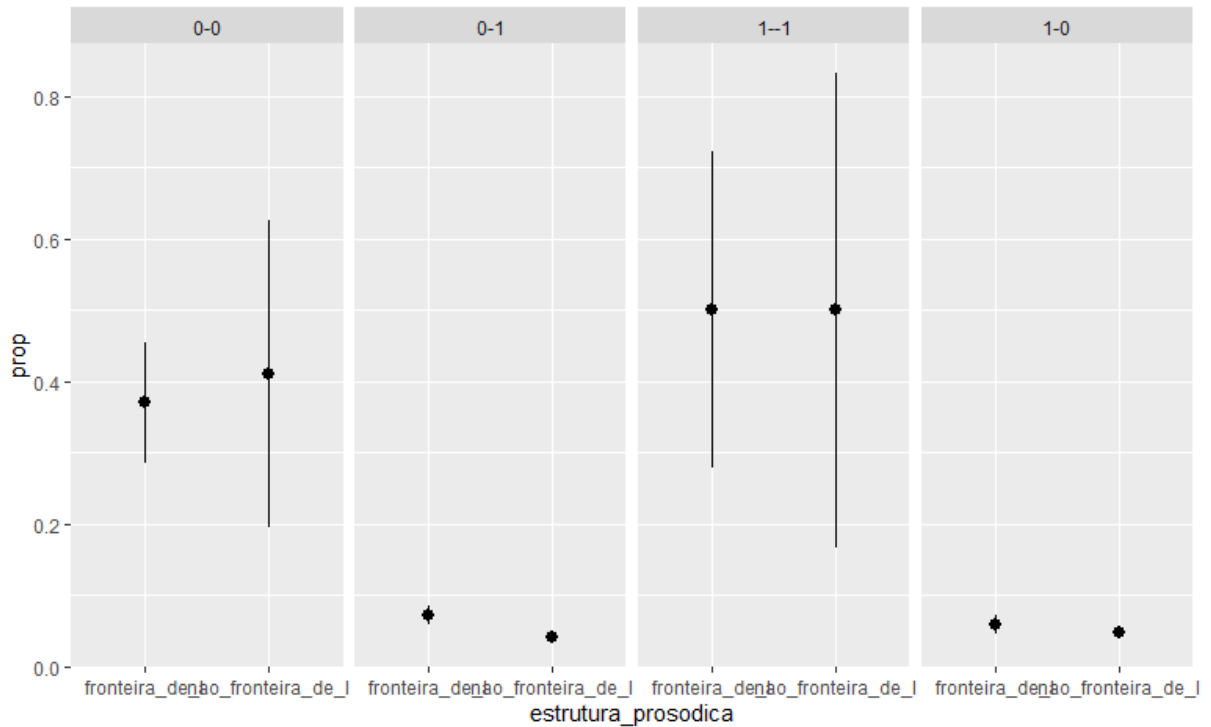
Coefficients:			
	Estimate	CI	p
(Intercept)	1.4534	1.10- 1.83	<0.001
Não fronteira de I	1.2490	0.59 – 1.98	<0.001

Fonte: elaboração própria.

Da Tabela 8, consideremos, primeiramente, os valores apresentados para o *Intercept*. O valor do *Estimate* indica que as chances, em *log odds*, de o uso da vírgula em esquema duplo ser não convencional em fronteira de I é de [1.45], o que, em probabilidade, chega a 81% de chances de haver uso não convencional. Já o valor do *Estimate* referente à “Não fronteira de I” indica que as chances, em *log odds*, de o uso da vírgula em esquema duplo ser não convencional em fronteira distinta de I é de [1.24], o que, em probabilidade, chega a 77% de chances de haver uso não convencional. Observamos que os valores do estimate encontram-se dentro do intervalo de confiante previsto. Com relação aos valores-p, esses, menores do que 0.001, indicam que haver e não haver fronteira de I interfere no uso da vírgula em esquema duplo nos textos desses alunos.

Portanto, tanto a variável estrutura sintática quanto a estrutura prosódica são relevantes para caracterizar os dados quanto à presença ou à ausência da vírgula. Entretanto, vale investigar se essa variável é significativa para todos os tipos de combinação de presença e ausência de vírgulas e, assim como fizemos para a estrutura sintática, implementamos um modelo de regressão logística multinomial para a variável fronteira prosódica. Consideremos a figura abaixo.

Figura 23. Tipologias de uso da vírgula em esquema duplo em relação às fronteiras prosódicas



Fonte: elaboração própria.

Por meio dessa figura, visualizamos a distribuição dos dados em relação aos tipos de uso da vírgula e fronteira prosódica no programa RStudio Primeiramente, notamos que a fronteira prosódica parece ser variável significativa para os tipos (0-0), ausências de vírgulas, e (1-1), presenças de vírgulas. Constatamos que as médias das ausências não convencionais (tipo 0-0) se distanciam mais em fronteira de I do que em não fronteira de I, apresentando maior significância em não fronteira de I; as médias das presenças convencionais (tipo 1-1) se distanciam mais em fronteira de I do que em não fronteira de I, sendo maior significância em não fronteira de I; já para as ausências em apenas uma das fronteiras (tipos 0-1 e 1-0), as médias em fronteira de I e não fronteira de I são semelhantes.

Tendo vista essa diferença na distribuição dos dados, implementamos, em um segundo momento, o modelo de Regressão Logística Multinomial. Para visualização dos resultados, consideremos a tabela abaixo.

Tabela 9. Modelo de Regressão Logística Multinomial para verificar associação entre as tipologias de uso da vírgula em esquema duplo e a estrutura prosódica

Coefficients:				
	Estimate	CI	P	Response
Intercept	1.15	0.78 – 1.53	<0.001	0-0
Não fronteira de I	1.35	0.66 – 2.05	<0.001	0-0
Intercept	-0.49	-1.02 – 0.04	0.069	0-1
Não fronteira de I	0.72	-0.21 – 1.64	0.130	0-1
Intercept	-0.69	-1.26 - -0.13	0.016	1-0
Não fronteira de I	1.04	0.11 – 1.97	0.028	1-0

Fonte: elaboração própria

Na Tabela 9, os valores são dados pelo modelo de regressão, tendo como valor de referência o tipo presença de vírgulas (0-0), ou seja, os valores relativos aos tipos de uso da vírgula (0-1, 1-0 e 0-0) medem mudanças em relação ao tipo presença de vírgulas (1-1).

Primeiramente, analisamos os valores dos coeficientes apresentados para os casos de *Intercept*. No que se refere ao *Intercept* para a variável resposta (0-0), o *Estimate* indica que as chances, em *log odds*, de haver ausência de vírgula em ambas as fronteiras do enunciado quando essa for fronteira de I aumentam em [1.15] em relação ao tipo ausência-ausência de vírgulas em fronteira de I (tipo 1-1), o que, em probabilidade, indica que há 76% de chances de haver ausência-ausência. Dessa maneira, as chances de haver ausência de vírgula em ambas as fronteiras aumentam na medida em que as chances da sua covariável (tipo 1-1) diminuam.

Já o valor do *Estimate* do coeficiente “não fronteira de I”, ainda para a variável resposta (0-0,) indica que as chances, em *log odds*, de haver ausência das vírgulas em fronteira distinta de I aumentam em [1.35], o que, em probabilidade, indica que há 79% de chances de haver ausência-ausência em fronteira distinta de I. Assim, podemos perceber que não haver fronteira de I gera mais usos não convencionais pela ausência em ambas as fronteiras da estrutura sintática.

Atentando-nos, agora, aos valores-p <0.001, esses indicam que as estruturas prosódicas fronteira de I e não fronteira de I são relevantes para o tipo (0-0) de uso da vírgula, ou seja, haver fronteira de I que demanda vírgulas em esquema duplo interfere no uso dessas vírgulas. Já a estrutura sintática de encaixamento é apenas relevante para haver presenças de vírgulas

(tipo 1-1), ou seja, as estruturas encaixadas também afetam a colocação das vírgulas em esquema duplo.

Em suma, vimos que tanto a estrutura sintática quanto a estrutura prosódica são características dos enunciados relevantes para a descrição das presenças e ausências das vírgulas em esquema duplo, entretanto, interessa-nos investigar, também, como essas características afetam essas presenças e ausências quando consideradas concomitantemente. A fim de verificar o amparo estatístico para tal associação entre essas estruturas e as vírgulas, apresentamos os valores obtidos a partir da regressão logística na tabela abaixo.

Tabela 10. Modelo de Regressão Logística para verificar associação entre tipos de usos estrutura sintática e prosódica em concomitância.

Coefficients:			
	Estimate	CI	p
(Intercept)	2.4351	1.85 – 3.11	<0.001
Estrutura_sintatica_encaixamento	-1.6869	-2.42 – -1.01	<0.001
Não_Fronteira_de_I	1.1085	0.42 – 1.85	0.002

Observations: 381
R² adjusted: 0.108

Fonte: elaboração própria.

Consideremos, primeiramente, os valores apresentados para o *Intercept*. O valor do *Estimate* para o *Intercept* indica que as chances, em *log odds*, de o uso da vírgula em esquema duplo ser não convencional em estrutura deslocada quando em fronteira de I é de [2.43], o que, em probabilidade, indica que há 92% de chances de haver o uso não convencional nessas condições. No que se refere ao coeficiente “*estrutura_sintática_encaixamento*”, o valor do *Estimate* indica que as chances de o uso da vírgula em esquema duplo ser não convencional em estrutura encaixada quando em fronteira de I diminuem em [-1.68], sendo assim, aumentam em apenas [0.75] *log odds*, o que, em probabilidade, indica que há 68% de chance de haver uso não convencional nessas condições. Ademais, podemos notar que, na medida em que aumentam as chances de o uso ser não convencional em fronteira de I em estruturas deslocadas, diminuem as chances de o uso ser não convencional em fronteira de I quando essas estruturas forem encaixadas. Com relação ao coeficiente “*não fronteira de I*”, vemos, a partir do valor do *Estimate*, que as chances, em *log odds*, aumentam em [1.10], quando a estrutura for deslocada

e não estiver em fronteira de I, o que, em probabilidade, indica que há 75% de chances de haver uso não convencional nessas condições.

Os intervalos de confiança nos mostram que os valores dos coeficientes indicados pelo Estimate estão dentro da estimativa prevista pelo modelo. Já com relação aos valores-p <0.001, esses indicam que as estruturas sintáticas deslocadas e encaixadas, quando em fronteira de I, podem levar a usos não convencionais da vírgula em esquema duplo. Entretanto, quando essas estruturas sintáticas (deslocadas e encaixadas) não estão em fronteira de I (ou seja, as fronteiras sintáticas não coincidem com as prosódicas) tende a haver, ainda mais, uso não convencional.

Chamamos a atenção, agora, para a figura abaixo, em que está apresentada a relação entre o uso convencional e as estruturas sintáticas e prosódicas em concomitância.

Figura 24. Intervalo de confiança e valor-p para verificar associação entre os tipos do uso convencional da vírgula em esquema duplo e a estrutura sintática e prosódica em concomitância

<i>Predictors</i>	<i>Log-Odds</i>	uso		<i>p</i>
		<i>CI</i>		
(Intercept)	-2.44	-3.11 – -1.85		<0.001
estrutura_sintatica [encaixamento]	1.69	1.01 – 2.42		<0.001
estrutura_prosodica [nao_frenteira_de_I]	-1.11	-1.85 – -0.42		0.002
Observations	381			
R ² Tjur	0.108			

Fonte: elaboração própria.

Os valores, em *log odds*, dados na figura acima são, exatamente, opostos aos valores apresentados na figura anterior (cf. Figura 30), para os preditores. Sendo assim, na medida em que as chances de o uso ser não convencional em estrutura deslocada, quando em fronteira de I, aumentavam, no que se refere, agora, ao uso convencional, verificamos que as chances diminuem em [-2.44], quando a estrutura é deslocada e coincide com fronteira de I. Esses números, em probabilidade, indicam que as chances de ocorrer uso convencional nessa estrutura em questão são de 8%. Já quando a estrutura é encaixada e coincide com fronteira de I, as chances aumentam em [1.69], o que, em probabilidade, indica que há 84% de chances de haver uso convencional nessa estrutura. Por fim, quando as estruturas deslocadas e encaixadas não

coincidem com fronteira de I, as chances de ocorrer uso convencional diminuem em [1.11]. Ainda considerando esses dados, constatamos que as estruturas deslocadas, quando em fronteira de I, são relevantes para os usos convencionais, levando em consideração os valores-p <0.001.

No que concerne a esses usos convencionais, cabe lembrar e destacar alguns pontos. Do conjunto de 381 dados, vimos que 48 apenas são usos convencionais; desses usos convencionais, 36 ocorreram em estruturas sintáticas de encaixamento e 12 em estruturas sintáticas de deslocamento. A partir do programa RStudio, visualizamos que, dos 36 dados de vírgula convencional em estruturas encaixadas, 26 deles foram empregados quando as fronteiras sintáticas coincidiram com as fronteiras prosódicas de I, representando, assim, 72% dos usos convencionais em estruturas encaixadas. Já com relação às estruturas deslocadas, pode-se observar que, dos 12 dados, 10 deles ocorreram quando as fronteiras sintáticas coincidiram com as fronteiras prosódicas de I, representando, assim, 83% dos usos convencionais em estruturas deslocadas.

Dessa maneira, constatamos que os usos convencionais ocorreram, em maior número, quando as estruturas sintáticas (deslocamento e encaixamento) estão em fronteira de I, no entanto, vale destacar que, há, também, usos convencionais quando não coincide com fronteira de I. A partir de tal observação, no que se refere às estruturas deslocadas, podemos notar que o efeito da variável “fronteira de I” é maior do que a variável “não fronteira de I”, assim, interpretamos que os usos da vírgula convencionais têm forte ancoragem na dimensão fônica da pontuação. No tocante às estruturas encaixadas, parece que o efeito da variável “estrutura sintática” é maior, o que nos leva a sugerir que os usos convencionais da vírgula estão amparados mais fortemente na dimensão sintática da pontuação.

Mais adiante, demonstraremos que pode estar em jogo, também, outras motivações prosódicas, como a extensão das estruturas, para esses usos convencionais.

A seguir, analisaremos os dados para mostrar que essa relação entre os tipos de ocorrências da vírgula e estruturas prosódicas é afetada por fatores linguísticos como extensão do constituinte e proeminência prosódica. Passamos a exemplificar, primeiramente, cada um dos tipos de uso da vírgula em esquema duplo em relação à fronteira de I nos exemplos (20) a (27), sendo: (20) a (23) estruturas sintáticas deslocadas e, (24) a (27) estruturas sintáticas encaixadas.

I. Estruturas deslocadas e fronteira de I

Exemplo de presença-presença de vírgulas

20. [Em segundo lugar], I [apesar de os governantes não darem total apoio à isso], I [temos condições de cuidar da Amazônia], I [pois sei que] I [muita gente gostaria de colaborar

contra o desmatamento intenso] **I** [e impedir que invadam nosso patrimônio] **I**. (Texto: Z08_8B_02F_02)

Exemplo de ausência-ausência de vírgula

21. [O Brasil deveria cuidar um pouco mais desse bem, pois] **I** **Ø** [com a falta da Amazônia] **Ø** **I** [o mundo todo sofreria com o ecossistema] **I**. (Texto: Z08_8A_04F_02)

Exemplo de ausência-presença de vírgula

22. [Nós temos o incrível “poder” de destruição, mas] **I** **Ø** [se acordarmos agora], **I** [ainda teremos uma chance e conseguiremos reverter esse processo], **I** [que pode custar a vida de um filho ou neto, na próxima geração] **I**. (Texto: Z08_8C_02F_05)

Exemplo de presença-ausência

23. [Amazônia] **I**, [com o desmatamento] **Ø** **I** [várias espécies de animais estão ficando em extinção] **I** (Texto: Z08_8B_27M_02)

II. Estrutura encaixada e fronteira de I

Exemplo de presença-presença

24. [Joham Eliash], **I** [conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido], **I** [em outubro de 2005], **I** [comprou] **I**. (Texto: Z08_8A_24M_02)

Exemplo de ausência-ausência

25. [A Amazônia é um dos bens mais preciosos do Brasil e] **I** **Ø** [creio eu] **Ø** **I** [do mundo], **I** [pela sua diversidade de animais], **I** [plantas], **I** [minerais e afins] **I**. (Texto: Z08_8C_04F_02)

Exemplo de ausência-presença

26. [A floresta é considerada o pulmão do mundo] **I** [porque ela tem muito oxigênio] **Ø** [graças as suas árvores], **I** [e também tem uma grande biodiversidade] **I**. (Texto: Z08_8B_34M_02)

Exemplo de presença-ausência

27. [É errada a forma como nós], **I** [os seres humanos] **Ø** **I** [desfrutamos de tudo o que é dado a nós pela natureza], **I** [sabemos que podemos mudar esta situação com os devidos cuidados] **I**. (Texto: Z08_8A_18F_05)

A análise prosódica dos exemplos em que as estruturas deslocadas são ou deveriam ser delimitadas por vírgulas é feita a seguir. Em (20), o enunciado delimitado por vírgulas (sublinhado) constitui uma I que, dada sua longa extensão (20 sílabas), não é passível de reestruturação. Nos limites da I, foram empregadas vírgulas convencionalmente. Outro cenário se observa nos demais exemplos. Em (21), a possível aplicação do algoritmo de reestruturação de I (cf. item 1.4) a “com a falta de Amazônia” leva a uma única I a sentença “pois com a falta da Amazônia o mundo todo sofreria com o ecossistema”. As ausências de vírgulas se verificam quando é possível prever a ausência de fronteiras de I. Em (22), a curta extensão da I “mas”, formada por uma única sílaba, favorece a reestruturação do constituinte com a I adjacente de modo a gerar uma nova I: “mas se acordarmos agora”. Cabe notar que não é possível reestruturar a fronteira direita da estrutura em análise (sublinhado no exemplo), dada sua longa extensão da I. A ausência de vírgula se dá justamente onde é prevista a ausência da fronteira de I e a presença, onde não é prevista a reestruturação da fronteira. Em (23), o enunciado delimitado por vírgulas (sublinhado) constitui uma I que, dada sua longa extensão (7 sílabas), não é passível de reestruturação. Dessa análise, verifica-se a relevância da configuração do enunciado quanto ao seu tamanho, fator de natureza fonológica, e quanto às relações semântico-pragmáticas, como a proeminência contrastiva.

Passamos à análise prosódica dos exemplos em que as estruturas encaixadas são, ou deveriam ter sido, delimitadas por vírgulas em esquema duplo. Em (24), a estrutura encaixada “conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido” é convencionalmente delimitada por vírgulas. Sua longa extensão (17 sílabas) favorece a configuração de uma única I. Diferentemente de (24), a estrutura encaixada em (25) tem três sílabas e possivelmente essa curta extensão favoreça a reestruturação prosódica e, por conseguinte, a ausência das vírgulas nos seus limites. O tamanho das estruturas em (26) parece não se apresentar como fator atuante, uma vez que a estrutura encaixada “graças as suas árvores” é de longa extensão (tem oito sílabas) e também é longa a estrutura precedente “porque ela tem muito oxigênio” (11 sílabas). A ausência da vírgula entre essas estruturas se mostra motivada pela relação semântica entre elas: é graças às suas árvores que a floresta tem muito oxigênio. Desse modo, é possível prever uma reestruturação entre Is pela relação semântica do tipo causa e consequência entre as estruturas que deveriam ser delimitadas por vírgula. Também o tamanho e a relação semântica entre as estruturas se mostram importantes para a análise de (27): a estrutura encaixada “os seres humanos” é de curta extensão, seguida de estrutura de longa extensão (20 sílabas), e entre elas não há vírgula; a estrutura encaixada é precedida de “é errada a forma como nós”, que é de longa extensão (10 sílabas), poderia haver reestruturação de I entre essas estruturas e, por

consequente, não haver vírgula, porém há vírgula. Está em jogo, nesse caso, fator de natureza semântica: a proeminência contrastiva em “nós” é representada pela vírgula, identificados como os responsáveis pelo desfrute errado da natureza, na perspectiva do escrevente do texto.

Passamos a exemplificar, agora, cada uma das tipologias de uso da vírgula em esquema duplo em que não há coincidência com fronteira de I, nos exemplos (28) a (35), sendo: (28) a (31) estruturas sintáticas deslocadas e, de (32) a (35) estruturas sintáticas encaixadas.

III. Estruturas deslocadas e não fronteira de I

Exemplo de presença-presença:

28. [Eu, sinceramente, acho essas discussões banais] I (Texto: Z08_8C_05F_02).

Exemplo de ausência-ausência:

29. [Todos os dias ouvimos cada vez mais sobre a internacionalização da Amazônia] I (Texto: Z08_8A_18F_02).

Exemplo de ausência-presença:

30. [Os Estados Unidos é hoje, um dos principais países interessados na biodiversidade da amazônia] I (Texto: Z08_8B_12M_02).

Exemplo de presença-ausência:

31. [...] [faltará oxigênio para todos nós, aos poucos a cultura desaparecerá] I (Texto: Z08_8C_17F_02)

IV. Estruturas encaixadas e não fronteira de I

Exemplo de presença-presença:

32. [O que muita gente não sabe é que isso não é de hoje] I [e nós, brasileiros, estamos deixando roubarem [...]] I (Texto: Z08_8B_02F_02).

Exemplo de ausência-ausência:

33. [O oxigênio que nós respiramos está sendo poluído.] I [E com isso os países querem que o Brasil seda parte do oxigênio] I (Texto: Z08_8B_20F_02).

Exemplo de ausência-presença:

34. [Aumentando assim, os problemas] I, [catástrofes] I [e destruição] I (Texto: Z08_8C_12F_05).

Exemplo de presença-ausência:

35. [Por isso, e outros] I, [devemos] I, [ao menos] I [nos conscientizar que a Amazônia faz parte de cada um de nós] I (Texto: Z08_8C_02F_05).

A análise prosódica dos exemplos em que as estruturas deslocadas são ou deveriam ser delimitadas por vírgulas é feita a seguir. Em (28) há o emprego convencional das duplas vírgulas nas fronteiras do advérbio “sinceramente” que se encontra deslocado na sentença. Devido ao seu tamanho, estrutura curta (5 sílabas) é possível haver reestruturação, sendo assim, nesse caso, a presença da vírgula não coincide com fronteira de I, mas sim com fronteira de ϕ , por ser um advérbio e, assim, constituir cabeça lexical no domínio de ϕ . O mesmo pode ser visto em (29, 30 e 31) por, também, apresentarem advérbios/adjunto adverbial deslocados da ordem canônica da sentença. Em (29), o adjunto adverbial encontra-se deslocado “cada vez mais” e a ausência das duplas vírgulas nas fronteiras sintáticas coincide com fronteira de ϕ . Em (30), há um uso não convencional de vírgula no advérbio deslocado “hoje”, apenas a fronteira direita da estrutura é sinalizada pela vírgula. Interpretamos essa presença na fronteira direita como efeito do fator semântico-pragmático, ou seja, interpretamos haver ênfase em “hoje”, o que leva ao fraseamento do enunciado e, desse modo, a vírgula na fronteira direita da estrutura é vista como sinal gráfico que representa esse fraseamento prosódico. Esse uso não convencional da vírgula ao lado esquerdo da estrutura em análise coincide com fronteira de ϕ a princípio, mas na medida em que o tamanho da estrutura sintática permite reestruturação com as Is que lhe são adjacentes, forma, assim, apenas uma I, a saber: [Os Estados Unidos é hoje]I. [...] [faltar^á oxigênio para todos nós, aos poucos a cultura desaparecerá] I (Texto: Z08_8C_17F_02)

Em (31), o adjunto adverbial “aos poucos” se encontra deslocado na sentença e o uso não convencional da vírgula nas fronteiras sintáticas da estrutura coincide, também, com fronteira de ϕ . Nesse dado, o uso não convencional é presença-ausência, ou seja, apenas a fronteira esquerda da estrutura é sinalizada pela vírgula. Interpretamos a presença dessa vírgula considerando que a I adjacente à esquerda “faltar^á oxigênio para todos nós” é longa e, desse modo, não há contexto sintático e quanto ao tamanho que permita a reestruturação. Já a ausência na fronteira direita de “aos poucos” pode ser interpretada da relativa extensão pequena (três sílabas) dessa locução pronominal em comparação com a oração “a cultura desaparecerá” (10 sílabas), o que favorece o fraseamento do enunciado como uma única I: [aos poucos a cultura desaparecerá]. Soma-se a relação sintático-semântica da locução pronominal com a oração: “aos poucos” anteposto à oração “a cultura desaparecerá” tem o efeito de topicalizar que o

desaparecimento da cultura será um processo paulatino decorrente da perda da floresta Amazônica. Por essas características do enunciado, converge a ausência da vírgula na fronteira direita da locução pronominal analisada.

Passemos à análise prosódica dos exemplos em que as estruturas encaixadas são ou deveriam ser delimitadas por vírgulas. Em (32), observamos o uso convencional das vírgulas em esquema duplo na estrutura sintática aposto “brasileiros”, que se encontra encaixada. Essa presença convencional da vírgula não coincide com fronteira de I, mas sim com fronteira de ϕ visto que “brasileiros” é uma estrutura curta (4 sílabas); sendo assim, é possível haver reestruturação às Is que lhe são adjacentes. Em (33), há o uso não convencional pela ausência em ambas as fronteiras da estrutura “com isso”, conjunção conclusiva. Essa ausência pode ser interpretada como índice de reestruturação, uma vez que a conjunção é de extensão curta (3 sílabas), sendo assim, se reestrutura às Is que lhe são adjacentes e a ausência, assim, passa a coincidir com fronteira de ϕ . Em (34), há o uso não convencional pela (ausência-presença) na conjunção conclusiva deslocada “assim”. Interpretamos, nesse dado, a ausência na fronteira esquerda da estrutura como sendo motivada pela reestruturação, a conjunção se uniu à “Aumentando”; no entanto, a presença da vírgula na fronteira direita, a nosso ver, é gerada pelo fator semântico-pragmático, ou seja, à ênfase dada pelo aluno na conclusão. Observamos que, nesse caso, o aluno enfatiza o fato de que tudo o que o ser humano está fazendo causa destruição no planeta e aumenta, assim, as catástrofes e destruição. Em (35) há um uso não convencional pela ausência da vírgula na fronteira direita na estrutura tópico-comentário “ao menos”. Assim como nos outros casos, essa estrutura é curta (3 sílabas), o que favorece a reestruturação com o enunciado que lhe segue. Salienta-se que o fraseamento que podemos inferir da pontuação do enunciado “(...) [e outros,] I [devemos] I, [ao menos] I [nos conscientizar (...)]” leva-nos a observar que as vírgulas antes e pós “devemos” tem o efeito de destacar o “dever dos brasileiros”, da perspectiva do aluno escrevente. Dessa interpretação, a presença convencional da fronteira esquerda em “ao menos” decorre da delimitação gráfico-prosódica de “devemos” e não do fato de “ao menos” estar sintaticamente encaixado à locução verbal “devemos nos conscientizar” e, por consequência, não se observa vírgula na fronteira esquerda de “ao menos”. Os estudos sobre a configuração entoacional do fraseamento de enunciados falados caracterizam destaques ou ênfases prosódicas como não sendo delimitadas por fronteiras de I, mas por fronteiras de ϕ (cf. Fernandes, 2007).

Esses exemplos de uso convencional e não convencional de vírgulas em esquema duplo em fronteiras distintas de I levaram à percepção de que a extensão das estruturas é fator relevante para que ocorra a reestruturação em fronteiras de I. Na Tabela 11, apresentamos os

usos de vírgulas em relação à extensão do constituinte em que vírgulas em esquema duplo são empregadas.

Tabela 11. Tipos de ocorrências de vírgula e extensão das estruturas

Ocorrências de vírgula	Até 5 sílabas	Acima de 5 sílabas	TOTAL (%)
Presença-Presença	29	19	48 (12,6)
Ausência-Ausência	166	95	261 (68,5)
Ausência-Presença	15	22	37 (9,6)
Presença-Ausência	21	14	35 (9,2)
TOTAL	231 (60,6)	150 (39,4)	381 (100)

Fonte: elaboração própria.

Na Tabela 11, constata-se que, de modo geral, 60,6% são estruturas de pequena extensão na amostra analisada, sendo que 71,8% das estruturas (soma das frequências percentuais para os usos não convencionais da vírgula em estruturas sintáticas de até 5 sílabas), definida em até cinco sílabas, favorecem usos não convencionais de vírgulas em esquema duplo. Esse resultado corrobora os resultados de Soncin e Rodrigues (2018), que, ao analisarem um conjunto de 100 textos, chegaram à conclusão de que a maior extensão contribui para o emprego da vírgula em fronteira de I¹⁶.

No entanto, consideramos relevante analisar mais detalhadamente esses resultados gerais, considerados os tipos de estruturas sintáticas, haja vista que também há usos convencionais em estruturas de menor extensão, por um lado, e usos não convencionais também em estruturas de longa extensão. Na Tabela 12, observamos o fator extensão em relação às estruturas analisadas, quando vírgulas são empregadas convencionalmente.

¹⁶ Soncin e Rodrigues (2018) analisaram 100 textos de quatro diferentes gêneros textuais, a saber: relato de experiência, carta argumentativa, narrativa de ficção e artigo de opinião, produzidos por alunos do 7^a e 8^a séries (à época da coleta). Desses 100 textos, as autoras extraíram 288 dados de vírgula em esquema duplo. A título de comparação, nesta pesquisa, consideramos 205 textos, pertencentes ao gênero artigo de opinião e produzidos por alunos que cursavam, à época da coleta, a 8^a série (9^o ano). Desses 205 textos, extraímos 381 dados de vírgula em esquema duplo.

Tabela 12. Extensão de estruturas e uso convencional da vírgula

Estrutura sintática	Número de sílabas (extensão)		TOTAL (%)
	Até 5 sílabas (%)	Acima de 5 sílabas (%)	
Deslocamento	04	08	12 (25)
Encaixamento	25	11	36 (75)
TOTAL	29 (60,4)	19 (39,6)	48 (100)

Fonte: elaboração própria.

Na Tabela 12, o número de sílabas de uma estrutura deslocada na sentença parece contribuir para o reconhecimento de uma fronteira de I e, assim, para o emprego da vírgula convencional na escrita. Em oito dos 12 dados levantados para fronteiras de estruturas deslocadas (o que corresponde a um pouco mais de 66% desse tipo de estrutura), as vírgulas convencionais tendem a ser inseridas em estruturas que apresentam maior extensão, acima de cinco sílabas.

No que concerne aos casos de encaixamento, ainda na Tabela 10, identificamos o resultado contrário ao das estruturas deslocadas, pois, houve em 25 das 36 ocorrências (ou seja, em 69,4%) dessas estruturas o uso convencional das vírgulas em fronteiras de estruturas sintáticas consideradas curtas (até 5 sílabas). Desses 25 dados de estruturas encaixadas curtas, 13 correspondem à estrutura sintática aposto e, dos 11 dados de estruturas encaixadas longas, 10 correspondem à estrutura sintática aposto.

Nos demais 12 dados de uso convencional da vírgula em estruturas encaixadas correspondem a termos, como “humanos”, e conjunções (explicativas, concessivas, causais), como, “portanto”, “apesar de que” e “assim”.

Agora, passemos a observar a relação entre o uso não convencional da vírgula e a extensão das estruturas em esquema duplo, por meio dos dados apresentados na Tabela 13.

Tabela 13. Extensão de estruturas e uso não convencional da vírgula

Estrutura prosódica	Número de sílabas (extensão)		TOTAL
	Até 5 sílabas (%)	Acima de 5 sílabas (%)	
Deslocamento	129	092	221 (66,3)
Encaixamento	073	039	112 (33,7)
TOTAL	202 (60,6)	131 (39,4)	333 (100)

Fonte: elaboração própria.

Os resultados obtidos dão indícios de que a extensão de uma estrutura sintática pode ter efeito para caracterizar os usos não convencionais da vírgula em esquema duplo, uma vez que mais da metade da amostra (60,6%) ocorre em estruturas sintáticas curtas, de até 5 sílabas. Esses

resultados, diferentemente dos apresentados na Tabela 10 sobre usos convencionais, indicam que a extensão da estrutura sintática mais curta poder levar à ausência da vírgula na escrita. Dessa quantidade de dados, constatamos que a maioria, 63,8% dos dados que ocorrem em estruturas sintáticas de até 5 sílabas, compreende estruturas deslocadas, ou seja, as estruturas deslocadas, quando curtas, tendem a não ser delimitadas pelas vírgulas.

Para verificar se há amparo estatístico para a associação ora observada, ajustamos modelo de regressão logística multinomial com a inserção da variável “extensão” em concomitância as demais variáveis já observadas (estrutura sintática e estrutura prosódica). Vejamos a tabela abaixo, gerada a partir do programa R.

Figura 25. Modelo de Regressão Logística Multinomial para verificar associação entre as tipologias de uso da vírgula em esquema duplo, a estrutura prosódica, a estrutura sintática e a extensão das estruturas.

<i>Predictors</i>	possibilidade_virgula			<i>Response</i>
	<i>Log-Odds</i>	<i>CI</i>	<i>p</i>	
(Intercept)	1.56	0.65 – 2.46	0.001	0-0
estrutura_sintatica [encaixamento]	-1.70	-2.43 – -0.97	<0.001	0-0
estrutura_prosodica [nao_frenteira_de_I]	1.75	0.83 – 2.67	<0.001	0-0
extensao [longa]	0.81	-0.05 – 1.67	0.065	0-0
(Intercept)	-1.19	-2.84 – -0.47	0.159	0-1
estrutura_sintatica [encaixamento]	-1.10	-2.05 – -0.16	0.022	0-1
estrutura_prosodica [nao_frenteira_de_I]	2.01	0.33 – 3.69	0.019	0-1
extensao [longa]	1.80	0.19 – 3.42	0.029	0-1
(Intercept)	-0.92	-2.38 – -0.54	0.217	1-0
estrutura_sintatica [encaixamento]	-0.92	-1.87 – -0.04	0.060	1-0
estrutura_prosodica [nao_frenteira_de_I]	1.79	0.32 – 3.25	0.017	1-0
extensao [longa]	1.16	-0.26 – 2.59	0.109	1-0
Observations	381			
R ² Nagelkerke	0.162			

Fonte: elaboração própria.

A partir da tabela acima, chamamos a atenção para a variável resposta (0-0), tipo de emprego ausência-ausência de vírgulas em esquema duplo. O valor do *Intercept* indica que as chances de haver ausência de vírgulas em ambas as fronteiras do enunciado quando a estrutura

deslocada coincidir com fronteira de I e de curta extensão são de [1.56] em *log odds*, o que, em probabilidade, indica que há 82% de chances de haver uso não convencional nessas condições. Já o valor para o preditor “estrutura_encaixamento” indica que as chances de haver ausência de vírgulas quando a estrutura sintática for encaixamento e coincidir com fronteira de I e de curta extensão diminuem em [-0.14] *log odds*, o que, em probabilidade, indica que há 46% de chances de haver ausência não convencional nessas condições. Com relação ao preditor “não_frenteira_deI”, o valor indica que as chances de haver ausência de vírgulas quando a estrutura sintática deslocada não coincidir com fronteira de I e de curta extensão é de [1.75] *log odds*, o que, em probabilidade, indica que há 85% de chances de haver ausência de ambas as vírgulas em estruturas nessas condições. Já quando essa estrutura é encaixada, não coincide com fronteira de I e é de curta extensão as chances diminuem em [-0.99], em *log odds*, assim, a chance de haver ausência de vírgula nessa estrutura é de [0.76] o que, em probabilidade, indica que há 68% de haver ausência não convencional nessas condições.

Dessa maneira, podemos notar que a extensão curta parece ser fator que favorece a ausência não convencional das vírgulas em estruturas sintáticas de deslocamento, quando em fronteira e não fronteira de I e, em estruturas sintáticas de encaixamento, quando em fronteira de I.

No que concerne, especialmente, ao uso não convencional, apresentamos a Tabela 14, abaixo, que contém a possibilidade de ausência das duplas vírgulas em esquema duplo, quando possível prever a reestruturação em uma das fronteiras ou ambas as fronteiras prosódicas.

Tabela 14. Tipologia de ocorrências de vírgula e reestruturação de fronteira de I.

Ocorrências de vírgula	Fronteira de I		Não fronteira de I		TOTAL (%)
	P1	P2	P1	P2	
Presença-Presença	35	36	13	12	96 (12,6)
Ausência-Ausência	98	104	163	157	522 (68,5)
Ausência-Presença	16	22	21	15	74 (09,7)
Presença-Ausência	20	20	15	15	70 (09,2)
TOTAL (%)	169 (22,2)	182 (23,9)	212 (27,8)	199 (26,1)	762 (100)

Fonte: elaboração própria. P1: fronteira esquerda da estrutura; P2: fronteira direita da estrutura.

Nesta tabela, sistematizamos a reestruturação tanto na fronteira esquerda (P1) quanto na fronteira direita (P2) da estrutura sintática mobilizada, de modo a explicitar a assimetria entre possibilidades de reestruturação entre essas fronteiras. Os resultados da tabela mostram que há uso convencional das duas vírgulas, quando há fronteira de I, tendo em vista que 9,2% (soma

da presença-presença, tanto de P1 quanto de P2) dos dados correspondem ao uso convencional em fronteira de I.

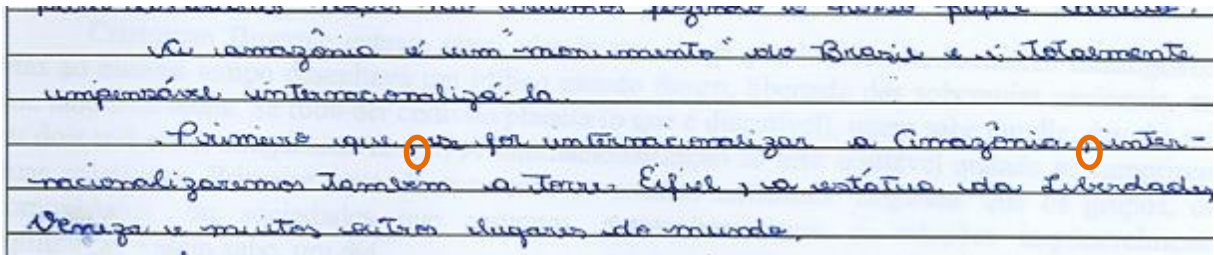
No que concerne ao uso não convencional pela ausência em ambas as fronteiras sintáticas, esses usos são mais recorrentes quando não há coincidência com fronteira de I, totalizando 41,9% (soma da P1 e P2 em não fronteira de I) dos dados. Vale destacar que essas ausências em fronteiras distintas de I foram previstas quando havia possibilidade de reestruturação. Dessa forma, a partir dos resultados apontados na tabela, pode-se dizer que o aluno deixa de empregar as duplas vírgulas quando a I se reestrutura às Is que lhes são adjacentes. Em menor quantidade, em 26,4% dos dados, os alunos deixam de empregar as duplas vírgulas em fronteiras de I.

No que concerne ao uso não convencional da vírgula em esquema duplo, por ausência-presença, os resultados na Tabela 12 mostram que a ausência na fronteira esquerda da estrutura e a presença na fronteira direita ocorre mais em fronteira de I, uma vez que, dos 74 dados, 38 deles ocorrem em fronteira de I. Dessa forma, 51,3% dos dados de ausência-presença ocorrem em fronteira de I (soma de P1 e P2 em fronteira de I em função do total de dados da tipologia ausência-presença). No entanto, os resultados obtidos em P1, posição em que há a ausência da vírgula, mostram que o aluno deixa de empregar a vírgula na fronteira esquerda da estrutura prosódica quando não coincide com fronteira de I (28,3% dos dados de ausência-presença). Essas ausências em fronteiras distintas de I foram observadas quando havia possibilidade de reestruturação. Por fim, os resultados obtidos em P2 mostram que o aluno emprega a vírgula na fronteira direita da estrutura prosódica quando está em fronteira de I (29,7% dos dados).

Em relação ao uso não convencional da vírgula pela presença-ausência em função de fronteira de I e fronteira distinta de I, os resultados obtidos na tabela mostram que a presença da vírgula na fronteira esquerda da estrutura (P1) ocorre mais quando coincide com fronteira de I (28,5% dos casos) e o mesmo ocorre com a ausência da vírgula na fronteira direita da estrutura (P2) (28,5% dos casos). Nos outros 15 dados (21,4%), a ausência é prevista por conta da possibilidade de reestruturação da estrutura, como vemos na figura 25.

Passamos a exemplificar cada uma das possibilidades de usos e não usos da vírgula em relação à extensão da estrutura sintática nas figuras (26) a (32), sendo: (26) a (28) uso convencional (tipo 1-1); (29) e (30) ausência não convencional (tipo 0-0) e (31) e (32) uso não convencional pela presença em apenas uma das fronteiras da estrutura sintática (tipos 0-1 e 1-0) e a relação com a possibilidade de reestruturação.

Figura 26. Uso convencional da vírgula em esquema duplo em estrutura sintática longa.



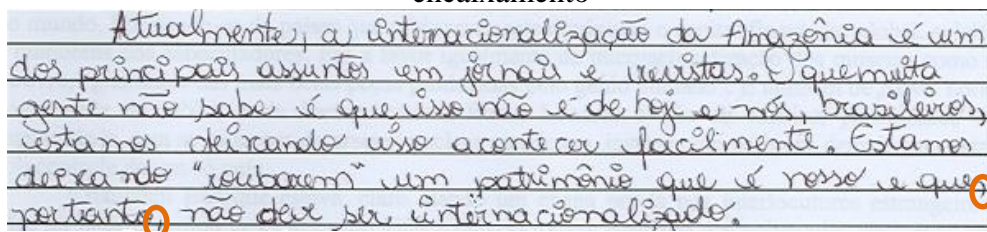
Fonte: Texto Z08_8C_37F_02

Leitura do trecho destacado: Primeiro que, se for internacionalizar a Amazônia, internacionalizaremos também a torre Eiffel, a estátua da Liberdade, Veneza e muitos outros lugares do mundo.

No exemplo da Figura 26, há uma oração subordinada condicional “se for internacionalizar a Amazônia” deslocada que tem nove sílabas, portanto, classificada como uma estrutura sintática longa. Esse é exemplo de que a extensão das estruturas desempenha papel relevante para o emprego convencional da vírgula.

Já na figura 27, exemplificamos o uso convencional da vírgula em ambas as fronteiras sintáticas da conjunção, “portanto”, sinalizando, assim, a fronteira de uma I encaixada. No que concerne aos dados de conjunção, esses, pela curta extensão, podem ter as fronteiras de I reestruturadas às Is que lhes são adjacentes, o que potencialmente resultaria na ausência da vírgula em suas fronteiras. Constatase, mais uma vez, que certos usos convencionais de vírgulas em esquema duplo não estão sujeitos à atuação de fator de extensão de constituinte, o que interpretamos como efeito das práticas letradas com as quais os alunos tiveram contato.

Figura 27. Exemplo de uso convencional de vírgula em esquema duplo em fronteira de encaixamento

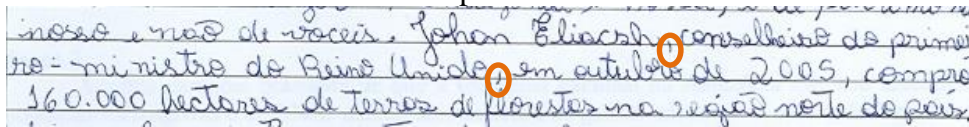


Fonte: Texto Z08_8B_02F_02

Leitura do trecho destacado: Estamos deixando “roubarm” um patrimônio que é nosso e que, portanto, não deve ser internacionalizado.

Em 27, exemplificamos o uso convencional das vírgulas em esquema duplo em estrutura sintática aposto. A partir da Tabela 10, vemos que os apostos que emergem nos textos escritos, sejam eles curtos ou longos, tendem a ser delimitados pelas vírgulas. Esses dados sugerem que a extensão da estrutura em análise não é fator relevante quando em causa aposto, estrutura sobre a qual os escreventes usam convencionalmente vírgulas em esquema duplo.

Figura 28. Exemplo de uso convencional de vírgula em esquema duplo em fronteira de aposto.

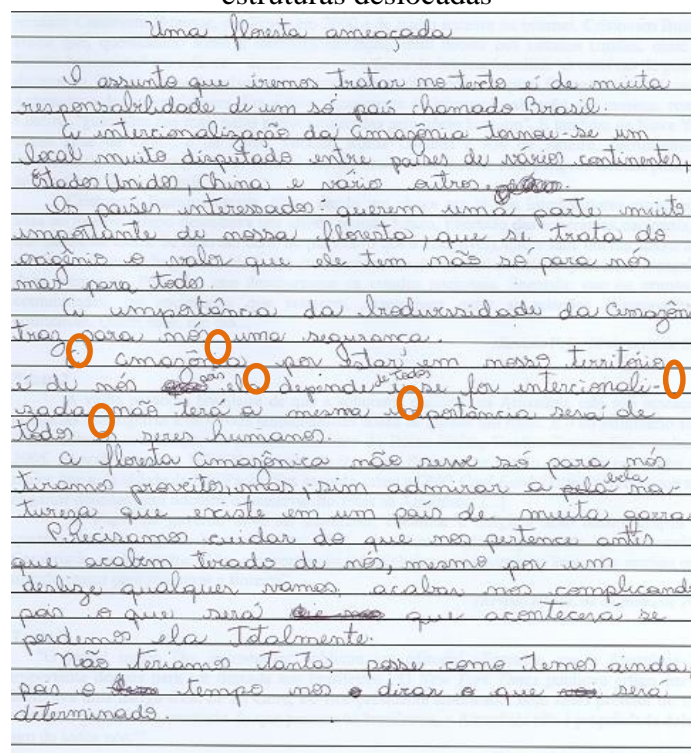


Fonte: Texto Z08_8A_24M_05

Leitura do trecho destacado: Johan Eliasch, conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido, em outubro de 2005, comprou 160.000 hectares de terras de florestas na região norte do país.

Consideremos o texto a seguir para discutirmos, do ponto de vista fonológico, como a extensão pode resultar na ausência de vírgula tanto na fronteira direita quanto na fronteira esquerda de estruturas sintáticas.

Figura 29. Exemplo de ausência não convencional da vírgula em esquema duplo em estruturas deslocadas



Fonte: Texto Z08_8B_04F_02

Leitura do trecho destacado: A importância da biodiversidade da Amazônia traz para nós uma segurança. A Amazônia por estar em nosso território é de nós, pois ela depende de todos e se for internacionalizada não terá a mesma importância será de todos os seres humanos.

Na Figura 29, podemos visualizar três contextos sintáticos em que há o uso não convencional da vírgula em esquema duplo: “para nós”, “por estar em nosso território” e “se for internacionalizada”. Analisaremos os trechos destacados a seguir. Optamos por indicar as fronteiras prosódicas de I e, em seguida, essas fronteiras reestruturadas.

36. [A importância da biodiversidade da amazônia] I [traz] I [para nós] I [uma segurança] I

36'. [A importância da biodiversidade da amazônia traz para nós uma segurança] I

37. [A amazônia] I [por estar em nosso território] I [é nossa] I

37'. [A amazônia por estar em nosso território é nossa] I

38. [pois ela depende de todos] I [e] I [se for internacionalizada] I [não terá a mesma importância] I

38'. [pois ela depende de todos] I [e se for internacionalizada] I [não terá a mesma importância] I

Em (36), vemos que a estrutura sintática “para nós” configura uma I deslocada da ordem da sentença, no entanto, podemos ver em (36’) que a I pode ser reestruturada, tendo em vista que configura uma I de extensão curta. Em (37), vemos que a estrutura sintática “por estar em nosso território” configura uma I deslocada e, também, há a possibilidade de reestruturação, entretanto, nesse caso, se reestrutura uma vez que as Is adjacentes “A amazônia” e “é nossa” serem de extensão curta, já que “por estar em nosso território” é de extensão longa, como podemos ver em (32’). Por fim, em (38), a oração subordinada condicional deslocada “se for internacionalizada” configura uma I que, também, pode ser reestruturada, no entanto, apenas na fronteira esquerda da estrutura sintática, pois, sua I adjacente “e” é de curta extensão e, dessa forma, se reestrutura a ela. Já a fronteira direita da estrutura não pode ser reestruturada, uma vez que se constitui como uma I de extensão longa e sintaticamente complexa e a sua adjacente “não terá a mesma importância” também.

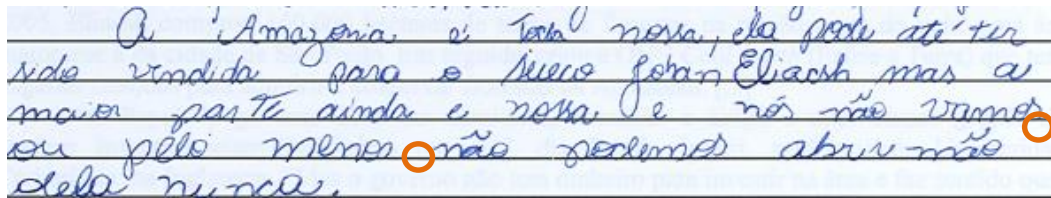
Essa discussão sobre os usos não convencionais da vírgula em estruturas deslocadas extraídas do texto em (29) é embasada em Ghini (1993) (cf. item 3.4 do capítulo 3). Para esse autor, ao repensar os algoritmos de formação de constituintes prosódicos para a língua italiana, estruturas menores podem se transformar em estruturas maiores para que haja um balanceamento entre as estruturas linguísticas do enunciado. Nesta análise, argumentamos que também é relevante considerar as Is adjacentes à I reestruturada, uma vez que essas contribuem para que, em geral, estruturas pequenas se tornem maiores e estruturas maiores se tornem menores e para que, assim, a reestruturação gere estruturas mais equilibradas, assegurando, também, o balanceamento das estruturas da língua. Resultados semelhantes ao que mostramos

também foram obtidos em Soncin e Rodrigues (2018) ao analisar usos de vírgula em textos de diferentes tipologias, a saber: narração, argumentação e relato e, também, por Carvalho (2019), ao analisar usos de vírgula em esquema simples e duplo em textos do gênero relato do 6º ao 9º ano.

Os dados ora analisados, extraídos a partir do texto na Figura 28, permitem mostrar que a extensão é fator relevante para a ausência da vírgula em ambas as fronteiras sintáticas em que são empregadas vírgulas em esquema duplo em estruturas deslocadas.

Passaremos, a analisar o fator extensão também no caso de ausências de vírgulas em estruturas encaixadas. Vejamos a figura 30.

Figura 30. Exemplo de uso não convencional da vírgula em esquema duplo em fronteira de encaixamento



Fonte: Texto Z08_8A_19M_02

Leitura do trecho destacado: [...] e nós não vamos ou pelo menos não podemos abrir mão dela nunca.

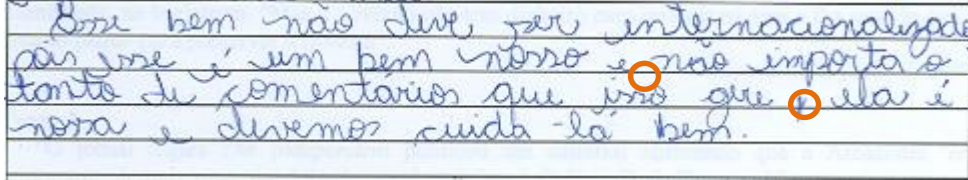
A estrutura introduzida por conjunção concessiva “ou pelo menos” se encontra encaixada na sentença. A estrutura sintática tem apenas 5 sílabas, sendo assim, tem extensão curta e a estrutura, por si só, pode se configurar uma I, tendo em vista que funciona como expressão parentética, seguindo Nespor e Vogel (1986). No entanto, é válido observar que, no interior da estrutura, há a possibilidade de termos duas Is [ou] e [pelo menos]. Essa estrutura de extensão curta está adjacente a uma I longa por ter mais de 5 sílabas (11 no total) “não podemos abrir mão dela nunca”, sendo assim, há condição de reestruturar a fronteira de I, como indicado em (39).

39. [e nós não vamos ou pelo menos não podemos abrir mão dela nunca] I

Vimos, até aqui, que o fator extensão da estrutura é relevante para o uso convencional e não convencional da vírgula em estruturas que demandam o esquema duplo. Mais especificamente, percebemos que a extensão das estruturas é fator relevante para que ocorra a reestruturação em fronteiras de I e que tal possibilidade pode afetar ambas as fronteiras ou apenas uma delas, outro fator importante para descrição do uso convencional e não convencional da vírgula.

Vejamos o exemplo na Figura 31:

Figura 31. Exemplo de uso não convencional da vírgula em fronteira e não fronteira de I



Fonte: Texto Z08_8C_01F_02

Leitura do trecho destacado: Esse bem não deve ser internacionalizado, pois esse é um bem nosso e não importa o tanto de comentários que isso gere, ela é nossa e devemos cuidá-la bem.

40. [Esse bem não deve ser internacionalizado], I [pois esse é um bem nosso] I [e] I [não importa o tanto de comentário que isso gere], I [ela é nossa] I

40'. [Esse bem não deve ser internacionalizado], I [pois esse é um bem nosso] [e não importa o tanto de comentário que isso gere], I [ela é nossa] I

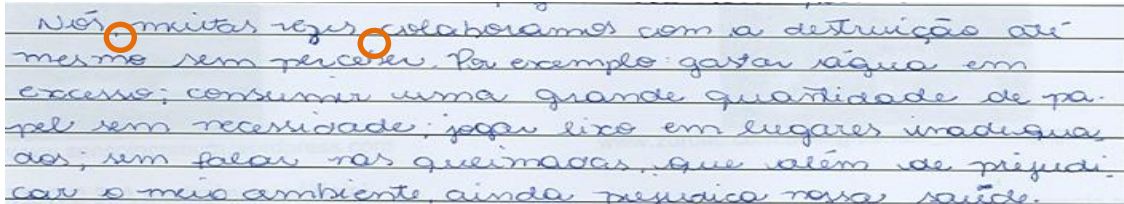
No exemplo da figura acima, podemos observar o uso não convencional pela ausência-presença nas fronteiras sintáticas da oração “não importa o tanto de comentários que isso gere”. Em (40), temos a organização prosódica do enunciado conforme fronteiras empregadas pelo aluno em seu texto. Nesse caso, a oração, por ser de tamanho extenso e sintaticamente complexa, não se reestrutura, dessa forma, tanto a ausência quanto a presença da vírgula ocorrem em fronteira de I. No entanto, em (40’), podemos ver que a I “e”, por ser curta e não complexa sintaticamente, se reestrutura à I adjacente em questão “não importa o tanto de comentários que isso gere”. Dessa forma, uma vez que há a possibilidade de reestruturação da I na fronteira esquerda (P1), interpretamos que a ausência ocorre pelo fator reestruturação, devido ao tamanho da I adjacente. Já a presença da vírgula na fronteira direita da estrutura, interpretamos como sendo em fronteira de I, pois, a complexidade e o tamanho da I em questão não permite que ela se junte à I adjacente. Esse exemplo corrobora o resultado obtido de que, quando o aluno deixa de empregar vírgula na fronteira esquerda da estrutura, é porque não coincide com fronteira de I. Ademais, esse exemplo também corrobora o resultado de que a presença da vírgula na fronteira direita da estrutura, geralmente, coincide com fronteira de I.

Vale destacar que a presença da vírgula na P2 da estrutura não é interpretada como resultado de processo de reestruturação, pois a estrutura “não importa o tanto de comentário que isso gere” é complexa e de longa extensão. Nesse sentido, defendemos, junto com Soncin e Rodrigues (2018) e Carvalho (2019), a hipótese de que a presença da vírgula na fronteira

direita do enunciado está relacionada à direção da recursividade do Português do Brasil, uma vez que, no PB, há preferência por adicionar unidades linguísticas à fronteira direita da língua.

Consideremos a figura, abaixo, em que temos o uso não convencional pela presença da vírgula apenas na fronteira esquerda da estrutura.

Figura 32. Exemplo de uso não convencional da vírgula em fronteira de I e fronteira distinta de I



Fonte: Texto: Z08_8C_11F_05

Leitura do trecho destacado: Nós, muitas vezes colaboramos com a destruição até mesmo sem perceber.

No exemplo da Figura 32, podemos notar o uso não convencional pela presença-ausência na estrutura deslocada “muitas vezes”. Por ser uma estrutura de curta extensão (4 sílabas) prevemos a reestruturação às Is que lhes são adjacentes. Dessa forma, interpretamos a ausência na fronteira direita da estrutura devido à reestruturação. Já a presença na fronteira esquerda é usada, uma vez que há um fator semântico-pragmático, a ênfase dada em “nós”.

No exemplo abaixo, observamos que o uso convencional das vírgulas em esquema duplo coincide com fronteira de I, na medida em que a estrutura (sublinhada no exemplo) é de longa extensão (10 sílabas), sendo assim, não é possível reestruturação:

41. [A água da chuva], I [quando é chegada aos bueiros], I [derrama aos esgotos] I.
(Z08_8A_34M_05)

Vejamos o exemplo abaixo:

42. [O mundo vai piorando] I [e] I [daqui uns anos] I [isso será irreversível] I
(Z08_8B_15F_05)

42'. [O mundo vai piorando e daqui uns anos isso será irreversível] I

Em (42), temos a organização prosódica do enunciado conforme fronteiras empregadas pelo aluno em seu texto. No entanto, a estrutura sintática (sublinhada no exemplo) é de curta extensão (5 sílabas), sendo assim, há a possibilidade de reestruturação da fronteira de I, como podemos ver em (42'). Nesse caso, interpretamos as ausências das vírgulas devido à possibilidade de reestruturação.

Concluída a descrição das características prosódicas das estruturas consideradas, apresentamos as tendências e regularidades que puderam ser encontradas a partir da análise:

- (i) Em fronteiras de estruturas encaixadas e deslocadas que coincidem com fronteira de I há mais usos convencionais das vírgulas;
- (ii) Não haver fronteira de I também interfere nos usos da vírgula em esquema duplo, pois aumenta as chances de haver uso não convencional;
- (iii) O fator extensão se mostrou estatisticamente relevante para a colocação de vírgula em esquema duplo: tende a haver vírgulas convencionais se a estrutura for longa e houver fronteira de I; tende a haver ausência não convencional das vírgulas se a estrutura sintática for deslocamento e curta, independentemente de a fronteira ser I ou não, mas se a estrutura sintática for encaixamento e curta, a fronteira de I é condição para não haver as vírgulas

Em conclusão, reiteramos que as características prosódicas dos enunciados contribuem para a ausência ou presença da vírgula nas fronteiras sintáticas de estruturas deslocadas e encaixadas: a ausência de fronteira de I nas estruturas sintáticas de deslocamento e encaixamento leva à ausência de vírgulas nas fronteiras dos enunciados, entretanto, o contrário não é válido. A ausência de vírgula não é sinônimo de ausência de fronteira de I, tendo em vista que esse constituinte prosódico se mostrou relevante, também, para os usos não convencionais da vírgula em esquema duplo.

Finalizada a descrição e análise das características prosódicas, passamos às considerações finais.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta dissertação teve como objetivo central identificar, descrever e analisar presenças e ausências de vírgulas em esquema duplo em textos argumentativos de alunos de 13-14 anos, à época da coleta, que cursavam o nono ano do Ensino Fundamental II. Esse objetivo geral se desdobrou em dois objetivos específicos. O primeiro deles foi identificar tendências de usos convencionais e não convencionais da vírgula em esquema duplo. A fim de atingirmos esse objetivo, primeiramente, assumimos o direcionamento analítico que foi definir os usos da vírgula com base na *Moderna Gramática Portuguesa* (BECHARA, 1999), e, assim, identificamos em quais estruturas sintáticas ocorreriam o emprego da vírgula em esquema duplo. Foram identificados e classificados dois tipos de estruturas sintáticas: as estruturas encaixadas e deslocadas em relação à ordem sintática direta da sentença no português. A partir do levantamento das estruturas sintáticas, os resultados apontaram que, seja em estruturas deslocadas seja em estruturas encaixadas, predomina a ausência da vírgula tanto na fronteira direita quanto na fronteira esquerda da estrutura sintática mobilizada. Entretanto, mais da metade dos usos não convencionais (ausência-ausência) ocorre em estruturas deslocadas, sendo essa a estrutura sintática que se mostra como a menos reconhecível pelos alunos como contexto para colocação de vírgulas. No que se refere aos usos não convencionais do tipo ausência-presença e presença-ausência, esses ocorrem em menor número em relação ao tipo ausência-ausência, porém em número maior em relação ao tipo presença-presença que são os usos convencionais. Ou seja, a tendência, seja em estruturas deslocadas seja em encaixadas, é haver a ausência do emprego da vírgula e, quando há o uso, ora é na fronteira direita, ora na fronteira esquerda. Por fim, no que concerne ao pouco uso convencional da vírgula, vale ressaltar que mais da metade desses usos convencionais ocorrem em fronteiras sintáticas de estruturas encaixadas, o que corrobora a visão de que as estruturas deslocadas representam contexto mais desafiador para os alunos.

Ademais, vale destacar que os dados de vírgula em esquema duplo sugerem relação entre os tipos de fronteira sintática (deslocamento e encaixamento) e a tipologia de usos da vírgula em esquema duplo. Identificamos que a estrutura “aposto”, quando emerge no texto, geralmente, tende a ser sinalizada convencionalmente pelas vírgulas. Essa constatação está em congruência aos trabalhos de Soncin e Rodrigues (2018) e Carvalho (2019), na medida em que, nesses casos, a extensão da estrutura não é fator relevante para o uso convencional, mas, sim, a circulação do aluno por práticas letradas da pontuação, o que nos sugere que o uso da vírgula nessas estruturas já seja conteúdo assimilado no fim do EFII.

Como um segundo objetivo específico, buscamos identificar quais fronteiras sintáticas e quais fronteiras prosódicas são relevantes para caracterizar esses usos e não usos de vírgulas em esquema duplo. Na análise, estabelecemos relação entre vírgula e fronteira prosódica de frase entoacional, tendo este constituinte sido atribuído aos enunciados escritos a partir de algoritmo de formação (e de reestruturação) que promove a interface sintaxe e fonologia, conforme proposta no modelo *relation-based* da Fonologia Prosódica. Por meio dessa abordagem analítica, asseguramos relação com a sintaxe dos enunciados, característica fundamental para descrever o funcionamento da vírgula. Acrescenta-se que nos valem do algoritmo de reestruturação de fronteiras de domínio para projetar possibilidades de interpretação da configuração prosódica dos enunciados escritos, notadamente, considerando a variável extensão das estruturas (definida em termos de número de sílabas ortográficas) em interação com as variáveis sintáticas.

A partir da análise das estruturas em constituintes prosódicos, identificamos que a frase entoacional (I) é o principal domínio a que se vinculam as fronteiras sintáticas definidas para os usos da vírgula. Quando a vírgula é utilizada convencionalmente, geralmente, há coincidência do sinal gráfico com uma fronteira de I nos textos de gênero argumentativo, confirmando os achados de Carvalho (2019) para textos do gênero relato. Ademais, a partir desses usos, pudemos apontar motivações prosódicas que se mostraram relevantes para interpretar os usos e não usos da vírgula em textos do EFII. Dentre essas motivações, confirmamos que o papel da extensão das estruturas em que foi possível o uso da vírgula em esquema duplo e mostramos que esse fator atua em concomitância às possibilidades de reestruturação do constituinte frase entoacional. Constatamos que, quanto maior a extensão da estrutura (estrutura longa com mais de cinco sílabas), maior a possibilidade de haver vírgulas nas fronteiras sintático-prosódicas, o que foi interpretado como pista de que essa frase entoacional seja independente das que lhe são adjacentes. Entretanto, quando duas frases entoacionais adjacentes são de curta extensão e há a possibilidade de reestruturação desse constituinte, constatamos a tendência de não haver vírgulas. Interpretamos que frase entoacional de curta extensão se une à frase adjacente formando apenas um domínio mais longo. Em resumo, geralmente, quando a estrutura é longa, há o uso da vírgula; quando a estrutura é curta e houver a possibilidade de reestruturação, há a ausência da vírgula. Esses resultados nos levam a traçar relação com a afirmação de Ghini (1993), feitas sobre a formação de constituintes prosódicos para o italiano a partir de dados de fala. Esse pesquisador aponta a tendência de haver balanceamento das estruturas na língua, ou seja, estruturas maiores tendem a ficar menores e estruturas menores tendem a ficar maiores quanto à extensão da frase entoacional

em italiano. Para os dados de escrita, os efeitos de balanceamento da extensão dos constituintes prosódicos são apontados por Soncin e Rodrigues (2018) e Carvalho (2019). Nesta pesquisa, o fator fonológico extensão das estruturas também se mostrou estatisticamente relevante para a caracterização dos usos de vírgulas em esquema duplo.

Neste trabalho, priorizamos à análise sintática e prosódica dos usos da vírgula em esquema duplo nos textos de alunos do EFII e, tendo em vista algumas decisões metodológicas fundamentadas na perspectiva teórica sobre a relação entre fala e escrita que assumimos, não desenvolvemos, por exemplo, a gravação de leitura de textos a fim de confirmar ou refutar a atuação de variáveis fonológicas para a colocação de vírgulas. No entanto, a partir da tendência apontada de que as estruturas deslocadas são contexto mais desafiador para os alunos no que se refere à colocação de vírgulas em esquema duplo, este trabalho nos possibilitou propor, em pesquisa futura em nível de doutorado, investigar as fronteiras prosódicas dessas estruturas deslocadas, mais especificamente, investigar como *fatores linguísticos* (topicalização, ramificação sintática e peso fonológico) interagem entre si levando à configuração de estruturas deslocadas e gerando, assim, *fronteira de frase entoacional*.

Este trabalho permitiu-nos, ainda, observar que os alunos do último ano do EFII que, ao pontuar, não apenas se ancoram em regras sintáticas, mas, também, na organização prosódica dos enunciados; mostrando-se, assim, uma característica importante a ser considerada pelos professores de língua portuguesa na condução de atividades sobre produção textual. Nesse sentido, este trabalho dialoga com o contexto escolar, na medida em que acena com a possibilidade de, no ensino da vírgula, serem consideradas as estruturas sintáticas empregadas pelos alunos que guardam forte relação com suas práticas orais. Reiteramos, por meio da argumentação desenvolvida, a importância de tomar a vírgula “como um sinal de pontuação que, embora (...) gráfico, é marca linguística de processos simbólicos que se efetivam na escrita por meio da relação com a oralidade, particularmente por meio do domínio prosódico”, como defendem (SONCIN e TENANI, 2015, p. 476).

REFERÊNCIAS

ARAÚJO-CHIUCHI, A. C. *Os usos não-convencionais da vírgula em textos de alunos da quinta série do Ensino Fundamental*. 2012. 91 f. Dissertação (Mestrado em Teoria e Análise Linguística) – Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto.

AUTHIER-REVUZ, J. Heterogeneidade (s) enunciativa (s). *Cad. Est. Ling.* Tradução de Celene M. Cruz e João Wanderlei Geraldi. Campinas, (19): 25-42, jul/dez. 1990.

BARBOSA, P. Introdução. In: BARBOSA, P. *Prosódia*. São Paulo: Parábola, 2019, p.19-35.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa*. 38 ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2015.

BISOL, Leda. *Introdução a Estudos de Fonologia do Português Brasileiro*. 2ª. Ed. revista e ampliada. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. *Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental: língua portuguesa/Secretaria de Educação Fundamental*. Brasília: MEC/SEF, 1998.

CAGLIARI, L.C. A escrita do português arcaico & a falsa noção de ortografia fonética. Campinas: IEL-UNICAMP, 24p, 1996.

CAGLIARI, L. C. Marcadores prosódicos na escrita. *Estudos linguísticos, XVIII Anais de Seminários do GEL*, Lorena, 1989, p. 195-203.

CARVALHO, T. G. *Usos de vírgulas em textos do Ensino Fundamental II: um estudo longitudinal*. 2019. 173 f. Dissertação (Mestrado em Estudos Linguísticos). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2019.

CASTILHO, A.T.de. *Nova Gramática do Português falado*. São Paulo: Editora Contexto, 2010.

CATACH, N. *La Ponctuation*. Paris: Presses Universitaires de France, 1994.

CHACON, L. Oralidade e Letramento na construção da pontuação. *Revista Letras*. Curitiba, n.61, especial, p.97-122, 2003. Editora UFPR.

CHACON, L. *Ritmo da escrita: uma organização do heterogêneo da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

CORRÊA, M. L. G. *O modo heterogêneo de constituição da escrita*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

CUNHA, Celso Ferreira da & CINTRA, Luís Filipe Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 2ª. Ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

DAHLET, V. Pontuação, Língua, Discurso. In: *Estudos Linguísticos*, Anais de Seminários do GEL, XXIV. São Paulo: USP, p.337-340, 1995.

DAHLET, V. *As (man) obras da pontuação: usos e significações*. São Paulo: Associação Editorial Humanitas, 2006.

ELORDIETA, G. et al. Effects of constituent length and syntactic branching on intonational phrasing in Ibero-Romance. In: *Proceedings of the 15th international congress of phonetic sciences*. Causal Productions Barcelona, 2003. p. 487-490.

ESVAEL, E. V. da S. *Pontuação na escrita de universitários: a função enunciativa da vírgula*. São Paulo, 2005, 124 p. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo.

FERNANDES, F. R. *Ordem, focalização e preenchimento em português: sintaxe e prosódia*. 2007. 415 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2007.

FROTA, S. *Prosody and focus in European Portuguese: Phonological phrasing and intonation*. New York: Garland Publishing, 2000.

FROTA, S; VIGÁRIO, M. Syntax-Phonology Interface. *Oxford Research Encyclopedia of Linguistics*. May 2018.

ILARI, R. A categoria advérbio na gramática do português falado. *Alfa*, São Paulo 51 (1), p.151-174, 2007.

ILARI, R. et al. Considerações sobre a posição dos advérbios. In: CASTILHO, A.T. de (Org.). *Gramática do português falado: a ordem*. Campinas: EDUNICAMP, 1990. v.1, p.63-141.

JACCARD, J. *Interaction effects in logistic regression*. Thousand Oaks, Calif.: Sage Publications, 2001.

JUBRAN, C. C. A. S.; KOCH, I. G. V. *Gramática do português culto falado no Brasil: construção do texto falado*. Campinas: Editora da UNICAMP, v.1, 2006.

LADD, D.R. O que é Prosódia? Work. Pap. Linguíst., (20) 1: 8-46, Florianópolis, jan. /jul., 2019. Tradução de Leticia Rebollo Couto e Izabel Christine Seara. Traduzido de: LADD, D.R

Defining Prosody. In: LADD, D.R. *Simultaneous Structure in Phonology*. Oxford. Oxford University Press, p.57-84, 2014.

LUFT, Celso Pedro. *A vírgula: considerações sobre o seu ensino e o seu emprego*. São Paulo: Ática, 1998.

MARCUSCHI, L. A. *Da fala para a escrita: atividades de retextualização*. São Paulo: Cortez, 2001.

MOLLICA, Maria Cecília. Sintaxe e pontuação no português contemporâneo. In: Reunião Anual da SBPC, 44, 1992. *Boletim 14 da Associação Brasileira de Linguística*. São Paulo: ABRALIN, 1993. p.97-104.

NESPOR, M; VOGEL, I. *Prosodic Phonology*. Dordrecht: Foris Publications, 1986.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). Transformando Nosso Mundo: A Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável. 2015. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/agenda2030/>. Acesso em: mar. 2020.

PROPOSTA CURRICULAR DO ESTADO DE SÃO PAULO: Língua Portuguesa—ciclo II. Coord. Maria Inês Fini. São Paulo: Secretaria Estadual da Educação, 2008. Disponível em: www.rededosaber.sp.gov.br/portais/Portais/19/arquivos/Prop_LP_COMP_red_md_20_03.pdf. Acesso em 24 maio 2020.

ROCHA, I. L. V. O sistema de pontuação na escrita ocidental: uma retrospectiva. *DELTA*, v.13, 1997.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da. *Gramática Normativa da Língua Portuguesa*. 27ª. Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1986.

SÃO PAULO (Estado). *Primeiro relatório estadual de acompanhamento dos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) no PPA 2016-2019*. São Paulo: SEADE, FAPESP, 2019. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/relatorio-analisa-os-ods-do-estado-de-sao-paulo/> e <http://fapesp.br/publicacoes/odssp.pdf>. Acesso em: 30 maio 2020.

SERRA, C. R. *Realização e percepção de fronteiras prosódicas no português do Brasil: fala espontânea e leitura*. 2009. 241 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

SONCIN, G.C.N. *Língua, discurso e prosódia: investigar o uso da vírgula é restrito? Vírgula!*. 2014. 311 f. Tese (Doutorado em Análise Linguística). Universidade Estadual Paulista, Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas. São José do Rio Preto, 2014.

SONCIN, G.C.N.; TENANI, L. Emprego de vírgula e prosódia do Português Brasileiro: aspectos teórico-analíticos e implicações didáticas. *Filol. Linguíst. Port.* São Paulo, v. 17, n.2, p.473-493, jul. /dez. 2015.

SONCIN, G.C.N; RODRIGUES, A. de A. A interação sintaxe-prosódia em usos de vírgula em esquema duplo: apontamentos para o ensino da pontuação. In: *Domínios de Lingu@gem.* Uberlândia, vol.12, n.3, jul. -set. 2018.

TENANI, L. E. *Domínios prosódicos no português do Brasil: implicações para a prosódia e para a aplicação de processos fonológicos.* 2002. 317 f. Tese (Doutorado em Linguística) - Instituto de Estudos da linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2002.

TENANI, L. E. Banco de Dados de Escrita do Ensino Fundamental II. [São José do Rio Preto: Unesp/GBD, [2015]. Disponível em: <http://www.convenios.grupogbd.com/redacoes/Login>. Acesso em: 23 mar. 2020.

ANEXO A

Propostas de redação do 9º ano do EFII Proposta textual 2



Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 8ª _____

Proposta 2 Data: _____

- Leia os textos abaixo:

Texto 1

Ao aumentar as manifestações em favor da internacionalização da Amazônia, o novo ministro do Meio Ambiente, Carlos Minc, respondeu que a aceitava – por que não? – desde que fossem internacionalizadas também Nova York e Paris. [...]

Com a ideia de internacionalizar também Paris e Nova York, Minc retomava um artigo do senador Cristovam Buarque, publicado em 2000 e de muito sucesso na internet. Cristovam Buarque conta que, questionado sobre a internacionalização, num debate nos Estados Unidos, disse que “como humanista” era a favor – assim como era a favor de internacionalizar as reservas de petróleo do mundo, libertando-as de países que arbitrariamente diminuem o capital financeiro global, sujeito a manobras dos especuladores. Era a favor igualmente da internacionalização dos museus, como o Louvre, “guardiões das mais belas peças produzidas pelo gênio humano”. E também de Nova York, como sede da ONU, e de Paris, Veneza, Roma Londres e Rio de Janeiro, patrimônios da humanidade, sem se esquecer do arsenal nuclear americano, instrumento perigoso demais para estar sob controle de um só país.

Cristovam Buarque estava, claro, dando um chega pra lá nos interlocutores estrangeiros. Mas ao mesmo tempo desenhava um idílico mundo futuro, libertado das soberanias nacionais, em que tudo é de todos. Se tudo der certo no planeta (o que é discutível), quem sabe um dia, daqui a mil ou dois mil anos, chegemos lá. [...] A internacionalização só será aceitável quando se cumprirem duas premissas. Primeira: que desapareçam os estados nacionais. Segunda: que os grupos, ou comunidades, ou sociedades que restarem, mantenham entre si relações impecavelmente equitativas. Quem sabe, um dia...

(Revista Veja, 28 de maio de 2008)

Texto 2

A velha paranóia brasileira de que a soberania nacional na Amazônia está sob ameaça de potências estrangeiras e de ONGs ambientalistas acaba de ganhar um rosto. É o do milionário sueco Johan Eliašch, conselheiro do primeiro-ministro do Reino Unido, Gordon Brown. Em outubro de 2005, Eliašch comprou 160.000 hectares de terras de florestas na região norte do país, uma área maior que a da cidade de São Paulo. Em seguida, criou a ONG Cool Earth (Estrie a Terra) que tenta angariar doações para adquirir e conservar florestas na Amazônia. [...]

“O Papel do governo deve ser monitorar, fiscalizar e dirigir a ação desses grupos que querem investir, sejam brasileiros ou não”, diz Danilo Iglori, professor da Universidade Cambridge, na Inglaterra. “Mas o governo não tem dinheiro para investir na área e faz sentido que o mundo pague para preservar a floresta”.

(Revista Época, 02 de junho de 2008)

Texto 3

“O jornal inglês The Independent publicou um editorial afirmando que a Amazônia ‘era importante demais para ser deixada aos brasileiros.’ O New York Times publicou artigo em que lembrava uma antiga frase de Al Gore, ex-vice-presidente americano, hoje santo protetor do meio ambiente global: ‘Ao contrário do que pensam os brasileiros, a Amazônia não é propriedade deles, e sim de todos nós.’”

(Revista Veja, 28 de maio de 2008)



Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 8ª _____

Proposta 2 Data: _____

- Com base em seu conhecimento sobre a atual situação da Amazônia e considerando os argumentos dos textos apresentados, escreva um **artigo de opinião** se posicionando a favor ou contra a internacionalização da floresta.
- Seu texto deve conter de 25 a 30 linhas e ser escrito à **tinta**. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escrita. Dê um título a seu texto.

ANEXO B

Proposta textual 5



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 8a

Proposta 5 Data: _____

Estamos acabando com o nosso planeta

A idéia de um fim, de término absoluto do mundo em que vivemos é de tal forma fantástica que, talvez por isso, a tratemos com algum descrédito. É difícil compreender que tudo o que somos, tudo o que fizemos e conseguirmos poderá desaparecer.

- o Leia os trechos abaixo sobre a ação destrutiva do homem no Planeta Terra.

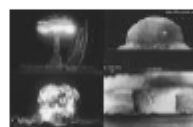
TEXTO 1. Sou estudante de Física, na Universidade de Flitegues. Por acaso, passeando no disco voador Finuta 3 fui parar no conjunto estelar Pléiades. Como estivesse sem combustível, tentei descer em algum planeta a fim de poder me reabastecer. [...] Eu poderia ainda contar muitas coisas sobre este planeta. Mas como eu não entendi quase nada, acho que não adianta muito. Recomento, por isso uma nova visita ao planeta, mas com muito cuidado, por um grupo especializado em planetas de alto risco. Pois este planeta, que é chamado por seus frequentes de Terra, é incrivelmente semelhante ao planeta Flóides do sistema Flóito, que se desintegrou, na era Flatórica, não se sabe porque, mas que nessa ocasião desprenhou grandes nuvens de fumaça em forma de cogumelos [...]

ROCHA, Ruth. *Adminível Mundo Novo*. São Paulo: Salamandra, 2003.

TEXTO 2.



www.sensoincomum.wordpress.com



www.zurrito.com.ar/img/bomba_atomica.jpg

TEXTO 3. A inteligência artificial

A temperatura da Terra subirá até o fim do século, diz o mais importante relatório sobre o aquecimento global, produzido por 600 cientistas de 40 países. A geleira sobre a Groenlândia pode sumir em milênios, os furacões ficarão mais fortes e o nível do mar subirá pelos próximos mil anos - de 18 cm a 59 cm até 2100. O relatório responsabiliza a ação humana pelo aquecimento global.

Texto extraído de Folha de S. Paulo - 03/02/2007.

TEXTO 4. Homem causa mais destruição do que catástrofes naturais

A atividade humana está causando mais destruição do que as catástrofes naturais registradas no mundo ao urbanizar zonas inadequadas, contribuir para o aquecimento do planeta e enfrentar de forma errada os fenômenos que afetam a Terra, concluiu hoje o ciclo de catástrofes naturais do VIII Seminário de Jornalismo e Meio Ambiente. O seminário, feito na cidade espanhola de Córdoba, foi organizado pela Empresa Nacional de Resíduos Radiativos da Espanha (ENRESA) e pela Agência EFE.

Agência EFE

TEXTO 5. Humanidade está esgotando a Terra

Um estudo realizado a pedido do secretário-geral da Organização das Nações Unidas (ONU), Kofi Annan, alerta que o planeta corre o sério risco de sofrer um colapso ambiental ainda neste século se medidas enérgicas não forem tomadas para reverter o atual quadro de destruição dos recursos naturais.

Segundo o estudo, divulgado em 30/03/2005, cerca de 60% de todos os ecossistemas do planeta estão degradados ou sendo usados de um modo não sustentável, o que pode provocar um colapso ambiental global em um período de 50 anos. Intitulado "Avaliação Ecosistêmica do Milênio" (AEM), o estudo começou em 2001, reunindo 1.360 especialistas de 95 países. As perspectivas para o futuro próximo são alarmantes, alertaram os pesquisadores, enfatizando que a destruição de 15 dos 24 ecossistemas do mundo causará o surgimento de novas doenças, escassez de água, da pesca e aparição de zonas mortas no litoral.

<http://www.jornalistas.com.br/ECOLOGIA/A32/humanidadeesgota.htm> 14/08/2008



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de São José do Rio Preto

Projeto de extensão: Oficinas de Leitura, Interpretação e Produção Textual – Coordenação Luciani Tenani

E.E. Professora Zulmira da Silva Salles

Nome: _____ Série/Turma: 8a

Proposta 5 Data: _____

- Com base em seus conhecimentos e nas informações expressas nos textos dados, escreva um **artigo de opinião** em que você se posicione diante do "poder" destrutivo do ser humano em relação ao Planeta Terra.
- Seu texto deve conter de 20 a 25 linhas e deve ser escrito à tinta. Seu texto não deve ultrapassar os limites designados para a escritura. Dê um título a seu texto.